



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

DÉBORA HOLZ

**ENTRE PARTIDAS, CHEGADAS E PERMANÊNCIAS
UMA ANÁLISE DA MIGRAÇÃO E DAS REDES POMERANAS DO ESTADO DO
ESPÍRITO SANTO PARA O ESTADO DE RONDÔNIA (1970-2020).**

VITÓRIA/ES

2021

Débora Holz

**ENTRE PARTIDAS, CHEGADAS E PERMANÊNCIAS
UMA ANÁLISE DA MIGRAÇÃO E DAS REDES POMERANAS DO ESTADO DO
ESPÍRITO SANTO PARA O ESTADO DE RONDÔNIA (1970-2020).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia, na área de estudos Espaço, Cultura e Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Igor Martins Medeiros Robaina.

VITÓRIA/ES

2021

Débora Holz

**ENTRE PARTIDAS, CHEGADAS E PERMANÊNCIAS: UMA ANÁLISE DA
MIGRAÇÃO E DAS REDES POMERANAS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
PARA O ESTADO DE RONDÔNIA (1970-2020).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Geografia.

Aprovada em 15 de dezembro de 2021.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Igor Martins Medeiros Robaina (UFES)¹
Orientador e Presidente da Comissão

Prof. Dr. Carlo Eugênio Nogueira (UFES)
Examinador Interno

Prof. Dr. Erineu Foerste (PPGE/UFES)
Examinador Externo

Por: Prof. Dr. Marcos Leandro Mondardo (UFGD)
Examinador Externo

Prof. Dr. Rafael de Castro Catão
(Coordenador do PPGG)

¹ Este documento foi assinado digitalmente para verificar o original visite: <https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/336007?tipoArquivo=O>

Aos meus pais, Italina Wolfgram e Ademar Holz.

Pomeranos, nascidos na área rural do Espírito Santo, Córrego do Criciúma e Córrego do Água Limpa, vivendo suas vidas da agricultura e mantendo as tradições da cultura pomerana vivas em seu dia a dia. Eles que não conseguiram concluir nem o ensino fundamental devido às dificuldades da época, mas que se dedicaram para que suas duas filhas conseguissem concluir pelo menos o ensino superior. Minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Início os meus agradecimentos aos meus pais Italina Wolfgram e Ademar Holz pela dedicação e apoio que sempre me deram em relação aos estudos e por terem me ensinado a valorizar o conhecimento como aspecto fundamental para o desenvolvimento da vida. E ainda, agradeço a eles pela contribuição ao longo desta pesquisa que foi imprescindível durante a realização das entrevistas já que eles possuem relações de amizade com pomeranos em Rondônia, foram os intermediadores de pelo menos quatro entrevistados.

Agradeço também ao professor Igor Martins Medeiros Robaina pela sua dedicação como orientador, por tantas aprendizagens que obtive durante as inúmeras reuniões que tivemos para discutir sobre o avanço da pesquisa, pela sua paciência diante das minhas limitações enquanto aluna e pela oportunidade que me deu quando aceitou ser orientador do meu tema de pesquisa.

Agradeço a CAPES pela bolsa de mestrado, esta que foi tão importante para dar prosseguimento à pesquisa e, sobretudo, por ter estendido o período da bolsa durante a pandemia do Novo Coronavírus, uma vez que esta pandemia afetou o andamento da pesquisa.

Agradeço ainda a cada um dos pomeranos entrevistados: Anila; Arlindo; Arlindo Detmann; Augustinho; Celma; Denira; Ernestina; Evaldino; Jorge; Marcionílio; Reinaldo; Teófilo; Trauda; Valdemar e Valdomiro que contribuíram e disponibilizaram o seu tempo, compartilhando comigo as suas histórias de migrações. Obrigada por confiar e permitir que seus relatos se transformassem em parte desta dissertação.

Agradeço também de uma forma em geral a UFES, a todos os professores e colegas que estiveram junto comigo durante a minha trajetória de pesquisa, gratidão por todas as vivências. A todas as pessoas e amigos que me ajudaram direta ou indiretamente durante a elaboração desta dissertação.

Agradeço a minha irmã Diane Holz pela sua contribuição na parte de informática e seu ombro amigo. Agradeço a minha tia Vanilda Borchardt Pagung pela contribuição na escrita da língua pomerana e ao professor Erineu Foerste por promover rodas de conversas pomeranas. E ainda, agradeço a minha colega geógrafa Kamilly Antunes de Assis pela sua enorme contribuição na revisão do texto desta dissertação.

Agradeço também ao meu amor Karsean Campos dos Santos que esteve ao meu lado em cada etapa, me auxiliando durante a realização das entrevistas, encorajando naqueles momentos em que eu gostaria de me envolver com outras atividades que não fosse a pesquisa, seu apoio foi fundamental para que eu pudesse cumprir todos os prazos necessários.

Por fim agradeço a Deus, aquele que acredito ter permitido que esta pesquisa pudesse ser realizada, que me deu forças, capacidade e pensamentos para escrever cada palavra desta dissertação. Aquele que me carregava em seus braços nos momentos em que sentia vontade de desistir, quando os desafios pareciam maiores que a minha capacidade. Aquele que me deu ânimo para recomeçar a cada novo dia. Gratidão!

RESUMO

O objetivo central desta dissertação foi analisar e compreender os fatores que levaram os pomeranos residentes no estado do Espírito Santo a migrarem em direção ao estado de Rondônia, bem como, as redes de relações sociais que foram estabelecidas e garantiram suas permanências neste estado. O povo pomerano migrou da Europa para o Brasil no século XIX e, atualmente, estão presentes em distintas regiões do país, reproduzindo práticas socioculturais como aqueles pioneiros que chegaram ao continente americano. E mesmo diante de condições adversas, estes buscaram se fortalecer como grupo étnico-identitário no Brasil, inclusive nas últimas décadas, na Região Amazônica. Teoricamente, a pesquisa se inseriu a partir da perspectiva qualitativa e se orientou metodologicamente, por meio das entrevistas em profundidade. Um dos desafios deste processo foi a impossibilidade de realização do trabalho de campo na forma presencial na própria área espacial de análise, devido aos limites de circulação que a pandemia do Novo Coronavírus impôs à saúde, a partir de março de 2020. Deste modo, as entrevistas foram operacionalizadas por meio da modalidade on-line, mais especificamente, através de ligações via aplicativo *WhatsApp* entre os meses de dezembro de 2020 a fevereiro de 2021, com quinze pomeranos migrantes que chegaram nas décadas de 1970 e 1980 no estado de Rondônia. Ainda em relação à dimensão teórico-metodológica, as entrevistas seguiram a orientação de um conjunto de temas relacionados à migração, redes e permanências. Além disso, realizou-se como estratégia de aproximação, a técnica denominada “bola de neve”, com o objetivo de identificar e expandir o perfil de análise em questão. Como complementaridade também foi levantado e analisado fontes diretamente da internet e fotografias dos próprios entrevistados e de seus familiares. Como resultado da pesquisa foi identificado uma relação direta entre os mesmos fatores que expulsaram os pomeranos do estado do Espírito Santo e o que os atraíram para Rondônia. Estes se constituíram centralmente na possibilidade de aquisição da propriedade privada, ou seja, no acesso à terra. Para todos aqueles que tomaram a decisão de migrar, o Espírito Santo não era mais uma possibilidade, devido ao crescimento de grandes latifúndios e expansão da industrialização. Com a ampliação da fronteira agrícola em direção ao Norte do país a partir da década de 1970 e, a distribuição de terras promovidas pelo INCRA gerou um sentimento de esperança nos pomeranos em relação à aquisição da propriedade privada. Contudo, a emigração em massa dos pomeranos de diferentes municípios do estado do Espírito Santo aconteceu, sobretudo, atrelados às redes de relações sociais deste grupo étnico que garantiram informação e apoio possibilitando a efetivação da migração. Por fim, as redes, especialmente, na relação direta entre o componente étnico e familiar, garantiram a permanência dos pomeranos em Rondônia a partir dos laços de proteção e solidariedade. E ainda, estas proporcionaram o fenômeno de ligação entre os estados de Rondônia e Espírito Santo, formando, assim, territórios e redes de pomeranos pelo Brasil.

Palavras-chave: Migrações pomeranas, Rondônia, redes de relações sociais.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation was to analyze and understand the factors that led Pomeranians residing in the state of Espírito Santo to migrate towards the state of Rondônia, as well as the networks of social relationships that were established and ensured their permanence in this state. The Pomeranian people immigrated from Europe to Brazil in the 19th century and are currently present in different regions of the country and reproducing sociocultural practices like those pioneers who arrived on the American continent. Thus, even in the face of adverse conditions, they sought to strengthen themselves as an ethnic-identity group in Brazil, including in the Amazon region in recent decades. Theoretically, the research was inserted from a qualitative perspective and methodologically oriented, based on in-depth interviews. One of the challenges of this process was that it was faced with the impossibility of conducting fieldwork in person in the spatial area of analysis, due to the circulation limits that the New Coronavirus pandemic imposed on health, as of March 2020. Thus, the interviews were operated through the online modality, more specifically, through calls via the WhatsApp application between the months of December 2020 and February 2021, with fifteen migrant Pomeranians who arrived in the 1970s and 1980s in the state of Rondônia. Still regarding the theoretical-methodological dimension, the interviews followed the orientation of a set of themes related to migration, networks and permanence. In addition, each of the interviewees was asked to indicate a possible new interviewee, following a technique called “snowball”. As a complement, sources directly from the internet and photographs of the interviewees and their families were also raised and analyzed. As a result of the research, a direct relationship was identified between the same factors that expelled the Pomeranians from the state of Espírito Santo and what attracted them to Rondônia. These were centrally constituted in the possibility of acquiring private property, that is, in the access to land. For all those who made the decision to migrate, Espírito Santo was no longer a possibility, due to the growth of large estates and expansion of industrialization. With the expansion of the agricultural frontier towards the north of the country from the 1970s onwards, the distribution of land promoted by INCRA generated a feeling of hope among the Pomeranians in relation to the acquisition of private property. However, the mass emigration of Pomeranians from different municipalities in the state of Espírito Santo happened, above all, linked to the networks of social relations of this ethnic group that ensured information and support, enabling the migration to take place. Finally, the networks, especially in the direct relationship between the ethnic and family component, ensured the permanence of Pomeranians in Rondônia based on ties of protection and solidarity. Furthermore, they provided the phenomenon of connection between the states of Rondônia and Espírito Santo, present in different regions and with a significant geographic distance, thus forming territories and networks of Pomeranians throughout Brazil.

Keywords: Pomeranian migrations, Rondônia, social relations networks.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 - Mapa de localização da Pomerânia | 27 |
| Figura 2 - Mapa de Localização da Baía de Vitória e o porto de Cachoeira em Santa Leopoldina | 32 |
| Figura 3 - Distribuição dos pomeranos no estado do Espírito Santo | 35 |
| Figura 4 - Reportagem da revista Veja sobre Rondônia no ano de 1981 | 40 |
| Figura 5 - Capa da revista Veja destacando Rondônia no ano de 1982 | 41 |
| Figura 6 - Distribuição dos pomeranos no estado de Rondônia..... | 45 |
| Figura 7 - Construção da BR 364 no ano de 1960 | 75 |
| Figura 8 - Distribuição dos projetos de colonização em Rondônia..... | 77 |
| Figura 9 - Reportagem do jornal A Gazeta do dia 26 de julho de 1989..... | 79 |
| Figura 10 - Trecho da BR 364 anterior ao asfaltamento | 88 |
| Figura 11 - Situação da BR 364 no período de chuvas do ano de 1975..... | 89 |
| Figura 12 - Acampamento dos imigrantes recém-chegados em Rondônia..... | 92 |
| Figura 13 - Plantação de milho no município de Pimenta Bueno na década de 1980..... | 94 |
| Figura 14 - Pomeranos no município de Pimenta Bueno na década de 1980 | 98 |
| Figura 15 - Primeira Igreja Luterana (IECLB) no município de Espigão do Oeste..... | 99 |
| Figura 16 - Tradicional língua pomerana produzida e comercializada por uma das famílias no município de Espigão do Oeste..... | 113 |
| Figura 17 - Culto de ação de graças na igreja Luterana (IECLB) do município de Espigão do Oeste | 119 |
| Figura 18 - Dança folclórica durante a festa pomerana no município de Espigão do Oeste..... | 120 |
| Figura 19 - Tradicional língua pomerana sendo comercializada durante a festa pomerana no município de Espigão do Oeste..... | 121 |
| Figura 20 - Jovem pomerana tocando concertina durante a festa pomerana no município de Espigão do oeste..... | 121 |
| Figura 21 - Concurso de beleza feminina durante a festa pomerana no município de Espigão do Oeste | 122 |
| Figura 22 - Festa do broud no município de Laranja da Terra, realizada no ano de 2019 | 126 |
| Figura 23 - Excursão do Coral Trindade da IELB de Laranja da Terra/ES para Rondônia no ano de 2012..... | 129 |
| Figura 24 - Coral Trindade da IELB de Laranja da Terra/ES se apresentando na IELB de Espigão do Oeste/RO no ano de 2012..... | 130 |
| Figura 25 – Empresa de ônibus Pretti na rodoviária de Vitória que realiza o percurso até Rondônia | 131 |
| Figura 26 – Empresa de ônibus Eucatur na rodoviária de Vitória que realiza o percurso até Rondônia | 132 |
| Figura 27 – Empresa de ônibus Gontijo na rodoviária de Vitória que realiza o percurso até Rondônia | 132 |

LISTA DE FLUXOGRAMAS

| | |
|---|----|
| Fluxograma 1 – Sequência dos entrevistados..... | 60 |
|---|----|

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 – Categorias e variáveis de análise..... | 63 |
| Quadro 2 – Vínculos étnico-identitários entre os estados do Espírito Santo e Rondônia..... | 133 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Migrações no Espírito Santo entre as décadas de 1940 e 1980..... | 69 |
| Tabela 2 – Emigrantes do Espírito Santo com destino a Rondônia entre 1986 e 1991..... | 73 |

LISTA DE SIGLAS

ASPOMER – Associação Pomerana de Espigão do Oeste

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CODEC – Conselho de Desenvolvimento Econômico

CVRD – Companhia Vale do Rio Doce

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

IELB – Igreja Evangélica Luterana do Brasil

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

kg – Quilograma

km – Quilômetro

MASTER – Movimento dos Agricultores Sem Terra

NUAR – Núcleo Urbano de Apoio Rural

PAD – Projeto de Assentamento Dirigido

PIC – Projeto Integrado de Colonização

PIN – Plano de Integração Nacional

POMITAFRO – Pomeranos, Italianos e Afro-brasileiros

SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

ULTAB – União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1. INTRODUÇÃO | 12 |
| 2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GEOGRÁFICAS ACERCA DO FENÔMENO DA MIGRAÇÃO POMERANA | 17 |
| 2.1 REFLEXÕES SOBRE ESTUDOS POPULACIONAIS..... | 18 |
| 2.2 O INÍCIO DA DIÁSPORA POMERANA..... | 26 |
| 2.3 RONDÔNIA, O NOVO “ELDOURADO” BRASILEIRO | 36 |
| 3. A CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISA: CAMINHOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS | 47 |
| 3.1 UMA SÍNTESE DO REFERENCIAL TEÓRICO QUE ORIENTA A PESQUISA..... | 48 |
| 3.2 PANDEMIA, REORGANIZAÇÃO DOS TRABALHOS DE CAMPO E MUDANÇAS NOS RUMOS DA PESQUISA..... | 52 |
| 3.3 POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS EM PESQUISA QUALITATIVA NOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS: AS ENTREVISTAS COMO INSTRUMENTO CENTRAL DE ANÁLISE..... | 55 |
| 4. POMERANOS EM RONDÔNIA: SOBRE PARTIDAS, CHEGADAS E PERMANÊNCIAS MIGRATÓRIAS | 65 |
| 4.1 “TERRA PRÓPRIA PARA PLANTAR? NO ESPÍRITO SANTO JÁ NÃO ERA MAIS POSSÍVEL” | 65 |
| 4.2 “PARA NÓS RONDÔNIA FOI A TERRA PROMETIDA” | 74 |
| 4.3 “É IGUAL VOCÊ VÊ NOS FILMES, AQUELES PAU DE ARARA COM UM MONTE DE GENTE DENTRO” | 84 |
| 4.4. “NÓS CHEGAMOS AQUI SEM NADA, EU TRABALHEI, HOJE ESTAMOS TRANQUILOS” | 91 |
| 5. SOBRE A CONTINUIDADE DAS IDAS E VINDAS: REDES DE RELAÇÕES POMERANAS ENTRE OS ESTADOS DE RONDÔNIA E ESPÍRITO SANTO | 101 |
| 5.1 “PARENTE É ASSIM: SAIU UM, OS OUTROS VÃO ACOMPANHANDO” | 102 |
| 5.2 “A GENTE FOI SE ESTABILIZANDO E HOJE RONDÔNIA É O MEU CHÃO” ... | 111 |
| 5.3 “MAS EU AINDA TENHO PARENTE NO ESPÍRITO SANTO” | 123 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 135 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 142 |
| ANEXOS | 148 |

1. INTRODUÇÃO

Início este trabalho esclarecendo que a pesquisadora que vos escreve é descendente de pomeranos, cujos antepassados saíram da Pomerânia e as diferentes gerações migraram até que chegassem à localidade do Córrego do Água Limpa, pertencente a zona rural do município de Baixo Guandu no estado do Espírito Santo. Local em que nasci e cresci ouvindo meus pais mencionarem pessoas que já não faziam mais parte daquela localidade porque haviam migrado, em especial, para Rondônia. Assim, apesar de não as conhecer, estas se faziam bastante presentes e, com um certo saudosismo nas lembranças não só dos meus pais, mas da maioria dos moradores desta localidade.

Além disso, as marcas do passado se fazem notórias na paisagem do Córrego do Água Limpa. Estas por sua vez, são cheias de significados, sobretudo, para meus pais. Em alguma medida, talvez inconscientemente, essas questões tenham participado da minha trajetória acadêmica e intelectual. Visto que, se desdobraram em minha pesquisa de conclusão de curso, intitulada *“da gênese à decadência: uma análise geográfica sobre as transformações da paisagem pomerana no Córrego do Água Limpa”*.

Nesta análise, propus reconstruir através de uma linha do tempo, as paisagens do Córrego do Água Limpa. E durante a investigação do percurso histórico geográfico desta localidade, observei que em determinado momento se conectou a Rondônia. Isto se deu em razão das emigrações e das relações sociais que moradores do Córrego do Água Limpa mantêm com aqueles que deixaram esta localidade e se destinaram para Rondônia.

Assim, se originou a idealização desta pesquisa de mestrado, que é fruto indissociavelmente da minha trajetória acadêmica e da minha vida pessoal. No entanto, o fenômeno da migração pomerana do estado do Espírito Santo para o estado de Rondônia não ocorreu somente no Córrego do Água Limpa, pois outras localidades, em diferentes municípios deste estado, vivenciaram perdas nesse sentido.

Vemos que as migrações são fenômenos recorrentes nas sociedades e estão associadas, na maioria das vezes, na busca por melhorias de vida. E a geografia, como campo do conhecimento moderno e sua interface com os estudos da população, busca compreender as causas que levam as pessoas, grupos e segmentos populacionais a deixarem os seus locais de origem, seus vínculos familiares e suas memórias afetivas para irem a locais muitas vezes distantes, totalmente desconhecido ou pouco familiarizado.

As pessoas idealizam esses novos espaços, acreditam veemente que seja a melhor opção e solução para aquilo que elas almejam. Algumas vezes acabam frustrando as suas

expectativas; seja porque elas não alcançaram o que estavam desejando, ou porque não se adaptam à nova realidade, ou ainda, por uma infinidade de acontecimentos que podem fracassar em relação àquilo que foi estabelecido como objetivos, expectativas e a mobilização dos esforços. E em alguns casos, o retorno não é uma possibilidade.

É visto também que as pessoas conseguem se adaptar às novas condições de vida, elas se refazem, constroem novos vínculos e se inserem nessas novas sociedades. No entanto, elas convivem com a saudade, o desejo de rever pessoas e lugares, reviver momentos, que algumas vezes é possível e em outras não, por diferentes motivos, como, por exemplo, pela distância e pelas condições econômicas não permitirem. Esses são alguns elementos que estão presentes nos processos migratórios e fazem parte dos estudos de geografia que vão além do trabalho que visa quantificar o volume, a origem e o destino dos migrantes, como é o caso desta pesquisa.

A migração dos pomeranos se constitui como um fenômeno emblemático que merece atenção especial. Visto que, trata-se de um povo que já não possui um território original, sendo o Brasil o país onde se mantém a maior parte das tradições desta cultura, como, por exemplo, por meio da língua. Portanto, a despeito das profundas mudanças que ocorreram ao longo da história desde a sua chegada ao Brasil no século XIX, os pomeranos ainda se sustentam enquanto grupo étnico-identitário e se colocam em movimento pelo território nacional. Assim, se fazem presentes em diferentes regiões geográficas deste país, incluindo a Região Amazônica.

E os fenômenos que os levaram a se correlacionar em diferentes fluxos migratórios ao longo do tempo pelo Brasil, especificamente, ao estado de Rondônia, não foram exclusivos a este grupo étnico. Visto que, estes, sofreram as dinâmicas de suas localidades de origens e se compuseram dentro de um quadro de emigrações que envolveram diferentes segmentos populacionais no estado do Espírito Santo. Assim, estes também colaboraram para os fluxos internos de migração ocorridos no Brasil em diferentes contextos históricos.

Diante desses elementos e com base nas reflexões resultantes de diferentes leituras acerca dos fenômenos populacionais que dizem respeito às migrações humanas, a questão norteadora foi se delimitando. Assim, o objetivo central da presente pesquisa se constituiu em **compreender geograficamente os fatores que levaram parte da população pomerana a deixar o Espírito Santo e migrar para Rondônia a partir da década de 1970, bem como, as redes e relações-socioespaciais que garantiram as suas permanências neste estado.**

Visto que, se trata de um fenômeno em grande magnitude e de significativos impactos no território, considere necessário, metodológica e analiticamente, me deslocar para o estado

de Rondônia. Pois, trata-se de uma migração, que mesmo em escala nacional, envolve mais de três mil quilômetros de distância.

Contudo, o surgimento da epidemia em escala mundial no ano de 2020, devido a infecção do Novo Coronavírus trouxe graves consequências para a saúde e implicou em profundas mudanças no comportamento social humano, sendo necessário promover o distanciamento físico como uma das medidas para sairmos desse quadro. Nesse contexto pandêmico, tendo que realizar uma pesquisa de mestrado buscando atender às exigências, normas e rigores com suas respectivas preocupações com a produção do conhecimento, me exigiu recorrer a novas possibilidades metodológicas que fossem compatíveis com as tecnologias disponíveis.

Diante destes aspectos foi necessário desenvolver metodologicamente o instrumento de análise alternativo diante das circunstâncias impostas. Desse modo, foi elaborado um guia de entrevistas que atendesse a expectativa de um suposto trabalho de campo realizado de forma virtual. As entrevistas seguiram a orientação de um conjunto de temas relacionados à migração, redes e permanências. Para tal, definiu-se como público-alvo da pesquisa os descendentes de pomeranos que migraram para Rondônia, especificamente, entre as décadas de 1970 e 1980. Este período foi estabelecido por representar o maior fluxo quantitativo de migrações pomeranas do estado do Espírito Santo para o estado de Rondônia.

Além disso, ainda como critério de seleção dos entrevistados, era necessário que os mesmos, possuíssem acesso à internet e às tecnologias. Desse modo, foram entrevistados quinze descendentes de pomeranos que migraram do estado do Espírito Santo e que residem atualmente no estado de Rondônia. Essas entrevistas foram realizadas por meio do aplicativo do *WhatsApp*. A cada entrevistado, era pedido que indicasse um possível novo entrevistado, seguindo uma técnica denominada “bola de neve”.

Dessa forma, foi possível abordar o fenômeno em análise a partir de um viés geográfico, associando a migração à dimensão das redes. Sendo assim, as redes pomeranas se constituíram como pilares centrais para a presente análise. Esta proporcionou compreender como os elementos das redes, associadas às conjunturas estruturais de cada local, contribuíram para a expressiva emigração dos pomeranos no estado do Espírito Santo e a concentração deste grupo étnico no estado de Rondônia. E ainda, colaborou para explicar a conexão estabelecida pelos pomeranos entre esses dois estados através das relações sociais que seguem ativas nos territórios.

Nesse sentido, a dissertação foi estruturada em quatro capítulos. E cada um dos capítulos são subdivididos em três seções, com exceção do penúltimo capítulo que apresenta

uma quarta seção. A forma como estruturei me pareceu ser a opção mais coerente para dissertar sobre o fenômeno da migração pomerana e ainda, para não comprometer a sistematização das informações construídas durante a ocasião das entrevistas referente a migração dos pomeranos, tendo em vista a amplitude do contexto abordado.

Assim, o primeiro capítulo desta dissertação se inicia com uma discussão teórica a respeito dos elementos enfatizados na geografia da população. Este movimento julguei necessário, pois, nos orienta o lugar na geografia em que a temática em análise se origina e para o próprio processo de formação da pesquisadora em relação a complexidade da análise. Em seguida, busquei contextualizar o processo histórico geográfico da imigração pomerana para o Brasil. Ressaltando ainda, a inclusão deste grupo étnico no estado do Espírito Santo e a partir disso, suas dinâmicas migratórias entre os diferentes municípios deste estado. E por fim, exponho o contexto histórico em que ocorreram as migrações para o estado de Rondônia a partir da década de 1970. Este primeiro capítulo é relevante para introduzir os debates a respeito do fenômeno em análise.

O segundo capítulo é dedicado as bases explicativas do trabalho. Portanto, apresento o referencial teórico que fundamenta a pesquisa. As redes de relações sociais que influenciaram nas partidas, nas chegadas e nas permanências pomeranas no estado de Rondônia possuem centralidade e guiam o percurso da análise. E ainda, destaco os caminhos metodológicos, as modificações necessárias ao longo do desenvolvimento desta pesquisa devido ao contexto pandêmico, ou seja, a construção do instrumento de análise e a experiência das entrevistas on-line.

O terceiro capítulo inicia-se com a apresentação dos resultados empíricos da pesquisa. Estes estão associado às conjunturas espaço-temporais das áreas de origem e de destino dos pomeranos. Portanto, as duas primeiras partes deste capítulo têm por objetivo discorrer sobre os fatores históricos e geográficos e sobre as particularidades envolvidas que influenciaram alguns dos pomeranos a migrar do estado do Espírito Santo para reconstruir uma nova vida no estado de Rondônia.

Já a terceira parte deste capítulo evidenciou como foi feito o trajeto de migração. Pois, trata-se de um longo percurso, que naquele momento era feito sobre caminhões. E considerando as dificuldades da época, como a falta de infraestrutura, por exemplo, é de extrema relevância trazer para a análise este elemento do fenômeno estudado. E por último, tive como objetivo relatar as vivências dos primeiros anos após a chegada dos descendentes de pomeranos em Rondônia. É importante destacar ainda, que os subtítulos de cada seção deste e do próximo capítulo, são baseados nas próprias falas dos entrevistados. Esta escolha se

justifica pelas frases sintetizarem, em alguma medida, os assuntos tratados em cada uma das partes dos capítulos.

E por fim, o quarto capítulo da dissertação refere-se as redes de relações sociais pomeranas que estiveram associadas ao processo de migração. Estas foram fundamentais para que houvesse a emigração em massa deste grupo étnico do estado do Espírito Santo. Além disso, exponho, na segunda seção, as redes pomeranas em Rondônia que garantiram e que ainda garantem a permanência dos descendentes de pomeranos neste estado. E por último, foi analisado as redes de relações sociais pomeranas que interligam os estados do Espírito Santo e Rondônia. Veremos que as redes pomeranas entre esses dois estados se mantêm ativa mesmo com o passar dos anos e da distância geográfica expressiva.

Acredito que a análise do fenômeno da migração pomerana para Rondônia por meio da categoria de redes geográficas associadas às conjunturas espaço-temporais das áreas de origem e destino, contribui de forma significativa para a própria compreensão específica dentro do campo dos estudos migratórios no Brasil. Visto que, temos poucas reflexões e análises científicas referentes a este grupo em específico e, estas geralmente são de pesquisadores com descendência pomerana, como é o caso da pesquisadora que vos escreve. Nesse sentido, muitas pesquisas já foram realizadas sobre as questões pomeranas. No entanto, no que diz respeito as migrações deste grupo étnico para o estado de Rondônia ainda precisam ser amplamente exploradas, uma vez que esta dissertação não pretende esgotar as discussões acerca do fenômeno, pois isto não seria possível devido a sua complexidade.

No entanto, este estudo coloca em evidência este segmento populacional que por muito tempo foi invisibilizado na sociedade brasileira, confundido, sobretudo, como alemães. E ainda, muitas vezes estereotipados por possuírem uma língua, uma religião e um modo de vida próprio. Tenho ciência da relevância desta pesquisa que desenvolvi. Visto que, produzir conhecimento sobre este grupo étnico faz com que estes se tornem cada vez mais visíveis, fortalece a cultura pomerana e ainda contribui para o conhecimento sobre as próprias dinâmicas e processos que envolvem a população brasileira. Sendo assim, apresentam contribuições significativas tanto para o campo científico, quanto para o próprio povo pomerano.

Mediante esses apontamentos iniciais convido ao leitor a aprofundar-se com maior riqueza de detalhes a partir da leitura de cada um dos capítulos citados e que seguem abaixo, a fim de que conheçam a respeito dos elementos envolvidos no fenômeno da migração dos pomeranos do estado do Espírito Santo para o estado de Rondônia. Desse modo, cabe a pesquisadora desejar uma boa leitura ou como dito em pomerano: gaur leesen!

2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GEOGRÁFICAS ACERCA DO FENÔMENO DA MIGRAÇÃO POMERANA.

Com o objetivo de refletir a respeito do fenômeno da migração pomerana proveniente do estado do Espírito Santo para o estado de Rondônia e inserir tal dinâmica nos debates geográficos, buscar-se-á em primeiro lugar, identificar os aspectos centrais da literatura que discorre acerca da geografia da população. Assim, a primeira parte deste capítulo é dedicada, de maneira sucinta, a dissertar de maneira geral e orientada a subsidiar as reflexões desta dissertação sobre o contexto histórico em que este subcampo da ciência geográfica percorreu seu caminho, especialmente, em relação à migração.

Estando dinamicamente em transformação, demandamos por estudos atualizados e contínuos das migrações (CASTIGLIONI, 2009). É oportuno dizer que os estudos migratórios se apresentam como elemento clássico da geografia da população. São significativos porque levam a compreensão das relações humanas no e com o espaço. Em decorrência das migrações ocorre a modificação na distribuição, dinâmica e composição da população, gerando impactos nas sociedades.

Já na segunda parte do capítulo os esforços se concentram em descrever os fatores envolvidos nos quais fizeram com que os pomeranos deixassem a Pomerânia, território ancestral, bem como, as razões que os trouxeram para o Brasil. Sendo assim, o objetivo desta seção é buscar compreender melhor o conjunto de aspectos relacionados com a imigração pomerana para o estado do Espírito Santo e ainda, elucidar a dinâmica migratória deste grupo étnico entre os diferentes municípios deste estado ao longo da relação espaço-tempo.

Saliento que os caminhos percorridos nesta dissertação acerca da migração pomerana, abrangem diferentes contextos e fluxos migratórios ao longo dos séculos. Desse modo, dificilmente conseguiria englobar em apenas uma pesquisa, todos os elementos que participaram do processo descrito, por se tratar de um contexto amplo. Assim, justifico que o conteúdo histórico geográfico exposto neste estudo é para que se possa contextualizar a presença pomerana, sobretudo, no estado do Espírito Santo e assim, dialogar com o processo migratório para o Território Federal de Rondônia, atual estado de Rondônia.

Portanto, a terceira parte deste primeiro capítulo pretende compreender os elementos históricos geográficos envolvidos na migração dos pomeranos do estado do Espírito Santo para o estado de Rondônia. Desse modo, veremos que os pomeranos deixaram a sua terra natal e se aventuraram para o desconhecido continente americano, fincando raízes por

diversas localidades do Brasil. Deixaram muitos descendentes e que mesmo depois de séculos, estes ainda preservam elementos e práticas culturais da Pomerânia.

2.1 REFLEXÕES SOBRE ESTUDOS POPULACIONAIS

Os estudos populacionais são temas geográficos extremamente relevantes e atuais, especialmente quando se entende que o mundo e os processos sociais estão em constante mudança. Além disso, a população sempre foi um dos temas de interesse da geografia, visto que, em diferentes momentos históricos da ciência geográfica, pesquisadores se dedicaram ao estudo dessa temática. Desse modo, é importante conhecer as diferentes maneiras como pesquisadores pensaram a questão populacional ao longo do tempo, pois, estas além de justificar o pensamento dos distintos períodos históricos, foram significativas para a construção da ciência geográfica e para alcançar diferentes possibilidades metodológicas de análise dos estudos populacionais.

Assim, propus iniciar este capítulo elucidando o contexto histórico em que este subcampo da geografia foi produzido. No entanto, enfatizo que não será uma apresentação de forma linear, visto que, esboçarei algumas reflexões específicas e dentro de um escopo que privilegia os aspectos da pesquisa em questão. Acredito que este exercício nos permitirá um melhor entendimento desta temática geográfica, bem como, dos processos que estão em análise nesta dissertação. E ainda, saliento que a reflexão apresentada nesta seção não pretende esgotar as discussões acerca dos estudos da geografia da população, nem mesmo aprofundar em alguma das teorias apresentadas, apenas, como já mencionei, debater a temática para que se possa dialogar teoricamente com a migração pomerana.

Sendo assim, é importante conhecer a gênese do pensamento geográfico sobre a população. Visto que, Mormul e Rocha (2012) apontam que é antiga a curiosidade a respeito da distribuição humana pelo espaço, do crescimento vegetativo de um grupo e da dinâmica populacional. Desse modo, os autores citam as contribuições significativas de geógrafos como Friedrich Ratzel (1844-1904) e Vidal de La Blache (1845-1918), para o desenvolvimento destes primeiros estudos.

Os esforços dos primeiros estudos geográficos sobre a população, portanto, se baseavam em temáticas gerais da geografia como território e região para interpretar os fenômenos populacionais. Visto que, os estudiosos analisavam o ser humano, sobretudo, como um ser biológico. Nesse sentido, as análises eram baseadas na distribuição e concentração dos povos e das raças pelo globo terrestre, nas diferenças de características dos povos e na densidade da população por quilômetro quadrado. E ainda, estudavam a relação do

ser humano com seu ambiente físico, com respeito a adaptação e as condições para o desenvolvimento de sua população. Bem como, a relação cultural para compreender os elementos demográficos de natalidade, fecundidade, matrimônio e expectativa de vida. Enfim, estas são algumas das características apontadas em livros clássicos de geografia da população (SILVA; FERNANDES, 2016).

Apesar da existência há anos dos estudos populacionais na ciência geográfica, Silva e Fernandes (2016) apontam que no Brasil só veio a ser institucionalizada em 1950. E que foram, em especial, os interesses do estado em controlar as populações que deram os maiores incentivos para institucionalização desta área do conhecimento geográfico. Os autores citados ainda discursam que após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e durante a Guerra Fria (1947-1991) houve uma explosão demográfica. Desse modo, os assuntos populacionais se tornaram destaque na geografia. Assim, após a sistematização, a geografia da população repercutiu nas universidades, com maiores ofertas de cursos e procuras por estudos relacionados a esta temática. Os autores acreditam que após a década de 1950 a geografia da população sofreu uma espécie de maturação.

De modo semelhante, Mormul e Rocha (2012) também mencionam as mudanças significativas que ocorreram no mundo e neste campo da geografia, especialmente a partir da década de 1950. Entre elas apontam as mudanças de organização espacial da população pelos efeitos da intensa urbanização, industrialização e expansão do capital. Á vista disso, os autores ressaltam que a ciência geográfica se viu obrigada a deixar os paradigmas tradicionais, fazendo surgir o que veio a se chamar Nova Geografia. Esta portanto, utilizava-se constantemente de métodos estatísticos e, conforme salientam os autores, esses elementos foram bem aceitos na geografia da população. Eles ainda apontam alguns autores que contribuíram significativamente para o desenvolvimento deste subcampo da ciência geografia pelo mundo:

Devemos a Pierre George (1951) a introdução da expressão Geografia da População na literatura geográfica de sua época. A partir de então, os estudos efetuados sob o título de Geografia da População têm se multiplicado e se desenvolvido em várias áreas do mundo. Nos EUA Trewartha (1953) com seu aporte sobre o tema passaria a ter influência semelhante à de George, na França. Contribuições rotuladas de Geografia da População, produzidas na Rússia, como os trabalhos de Melezin (1963) e de Pokshishevskiy (1966), ou na Índia com Chandna & Sidhu (1980), serviram para delinear os traços básicos das diferentes trajetórias nos estudos da disciplina (MORMUL; ROCHA, 2012, p.148)

E ainda, para Mormul e Rocha (2012) a geografia da população, no contexto apresentado não só definiu efetivamente sua posição na ciência geográfica, bem como, contribuiu para uma melhor explicação das realidades populacionais espacialmente

observáveis. E algumas das explicações que os autores apresentam para esclarecer o desenvolvimento menos acelerado deste ramo da ciência geográfica em anos anteriores a década de 1950, foram pontuados por eles em três diferentes fatores presentes na geografia, a saber:

Deficiências dos dados geográficos especialmente quanto à espacialização dos mesmos; a ênfase nos estudos regionais onde a dimensão populacional não possuía posição importante; e o desenvolvimento tardio da Demografia como provocadora dos estudos de população em Geografia (MORMUL; ROCHA, 2012, p. 149).

Contudo, após superar, em parte, as dificuldades apontadas por Mormul e Rocha (2012) existentes na geografia antes da década de 1950, estes ressaltam que esta, a partir disso, passou a se utilizar de contribuições originadas de diferentes ciências para a compreensão do tema população. Dessa forma, houve uma multiplicação dos conceitos e diferentes métodos de análises foram surgindo. Além disso, os autores salientam que ocorreu a predominância dos estudos voltados para a distribuição espacial da população.

Posto que a geografia da população se constitui como um subcampo da geografia e possui um caráter transdisciplinar, logo, apresenta-se com mais de um conceito. No entanto, Silva e Fernandes (2016) nos propuseram uma das definições acerca do que seria a geografia da população. Na literatura consultada pelos autores notaram que a geografia da população expressa como ideias de estudos a interrelação de populações com seu meio físico e a variável tempo, ou seja, as variações que ocorrem na população ao longo do tempo e do espaço" Desse modo, os autores trouxeram algumas definições e uma delas se expressa nas seguintes palavras:

Por outro lado, segundo Zelinsky (1974), a geografia da população é a ciência que estuda as maneiras pelas quais os elementos populacionais variam no interior dos lugares geográficos através do tempo e do espaço, interagindo com numerosos fenômenos não demográficos. Para ele, o propósito fundamental dessa área está além de descrever onde as pessoas vivem, seu número e tipo. De forma categórica, Zelinsky (1974) afirma que geográfico não é sinônimo de localizacional, e que por isso a geografia da população deve focar o caráter interdependente das coisas que mudam no espaço, por meio da análise das causas e dos efeitos das transformações. As afirmações do autor são importantes por focarem elementos básicos do saber geográfico como homem e espaço, mas, sobretudo, por deslocarem a geografia da confortável e constrangedora condição de ser uma ciência que diz somente onde estão as coisas e, nesse caso, onde estão as pessoas. Zelinsky (1974) demonstra que o fazer geográfico está muito além de apenas dar a localização do fenômeno, este é apenas mais um instrumento para a compreensão do objeto de estudo (SILVA; FERNANDES, 2016, p. 5).

Mormul e Rocha (2012) também evidenciam uma definição para a geografia da população baseado no pensamento de Foucault. Sendo assim, descrevem que: “população é algo que está ligado ao essencialmente humano, histórico e socialmente construído,

distanciado do conceito biológico de população inserido pela Geografia ao longo da sua história” (p. 144). Este entendimento, segundo os autores possibilita uma análise, sobretudo qualitativa aos estudos populacionais.

Assim, em contestação ao pensamento da Nova Geografia que possuía sua base metodológica sustentada pela geografia quantitativa, surgiu a Geografia Crítica. Esta perspectiva desenvolveu-se a partir da década de 1970 e trouxe para a geografia da população uma discussão qualitativa, especialmente, acerca da luta de classes (MORMUL; ROCHA, 2012).

A partir disso, em razão das mudanças aceleradas que foram ocorrendo no mundo devido a globalização, Silva e Fernandes (2016) apontam como exemplo, a ampliação dos sistemas de comunicação, a reprodução das ideias e das práticas neoliberais a partir de 1980, estas influenciaram no modo como a geografia da população passou a analisar as questões humanas. Os autores relatam que: “novas correntes de pensamento como o materialismo, o estruturalismo, o culturalismo, o pós-estruturalismo, e o pós-colonialismo passaram a demandar uma forma diferente de fazer geografia da população” (p.7).

Assim, de acordo com os autores citados, os temas de migração e mobilidade populacional, em diferentes escalas foram enfatizados. Diversos temas e, principalmente, de modo interseccional, como por exemplo, morbidade, questões de gênero, sexualidade, questões raciais, étnicas, nacionalidade, religião, classes, grupos minoritários vieram a fazer parte com maior ênfase nas temáticas populacionais. Portanto, a geografia da população passou a ser marcada pelo pluralismo das temáticas e pelas possibilidades de análise metodológicas.

Silva e Fernandes (2016) enxergam o pluralismo das temáticas e dos métodos nos estudos acerca dos fenômenos populacionais como uma forma de fortalecimento desse subcampo da geografia. Uma vez que consideram que houve um crescimento, sobretudo, nos últimos cinquenta anos. Contudo, os autores fazem uma crítica, apontando que os geógrafos da população deveriam trazer maiores análises dos problemas locais e regionais, para que, assim, possam compreender melhor os problemas globais, de modo que estes estudos sejam cada vez mais explicativos.

Polon (2018) também entende que para compreender geograficamente a população do mundo é necessário permear múltiplos conhecimentos e um desses fundamentos é a demografia. Sendo assim, ela discursa a respeito da questão demográfica na geografia e, assim descreve:

Há uma necessidade crescente de avançar no sentido de reconhecer a relevância dos estudos demográficos, mas acima de tudo, incluir as discussões pertinentes ao campo da Geografia da População. Entende-se que a primeira diz respeito às análises de cunho estrutural, percebendo as mudanças concretas, em termos de fórmulas e dados organizados, quanto ao caráter da população. Enquanto a segunda estaria vinculada aos estudos das formas pelas quais a população se distribui no globo, percebendo as influências naturais e sociais que motivam a forma pela qual as pessoas se deslocam, e onde estabelecem suas relações de vida. Assim, compreender o caráter meramente demográfico não é mais suficiente à Geografia, especialmente em um contexto de constantes transformações, no âmbito das quais as populações são elementos importantíssimos de análise, especialmente na Geografia (POLON, 2018, p. 92).

Desse modo, de acordo com Polon (2018), quando são levadas em consideração as questões demográficas nos estudos populacionais, algumas teorias precisam ser enfatizadas. Embora a autora reconheça que existem diferentes teorias demográficas, ela ressalta que as principais estão representadas pelas teorias Malthusiana, Neomalthusiana e a teoria Reformista. Estas, no entanto, foram difundidas em diferentes contextos históricos.

Assim, Polon (2018) destaca que a teoria Malthusiana se origina através do economista inglês Thomas Robert Malthus (1766-1834), pois foi escrita por ele em 1798, século XVIII. Foi uma importante teoria demográfica, porém criticada anos posteriores. Segundo esta teoria a população crescería em progressão geométrica, por conseguinte, a taxa de alimentação crescería em uma progressão aritmética. Sendo assim, a população crescería mais do que a produção de alimentos no mundo. Isto explicaria a causa da fome, visto que, os alimentos não seriam suficientes para alimentar todas as pessoas.

De acordo com a autora citada acima, a teoria de Malthus era contestada pelos reformistas que explicavam a miséria na Inglaterra a partir da distribuição desigual da renda. Os Malthusianos entendiam que a miséria era algo positivo, pois, equilibrava o crescimento populacional com a produção de alimentos. Portanto, a miséria para Malthus era um problema de cunho natural, assim, sob uma visão darwinista a miséria faría uma seleção entres os indivíduos que teriam a possibilidade sobreviver com aqueles que não sobreviviam.

Na teoria Neomalthusiana se preservam algumas características Malthusianas, porém, foi disseminada em um contexto pós Segunda Guerra Mundial. De acordo com essa teoria, há a necessidade de manter um equilíbrio populacional através da implantação do controle de fecundidade e natalidade, especialmente, nos países em desenvolvimento onde se apresentam os maiores números. Esta teoria também foi refutada, especialmente pelos marxistas (POLON, 2018).

Segundo Rua (1997), a geografia da população ao abordar a perspectiva Neomalthusiana associa o crescimento populacional ao crescimento econômico. Visto que, a

explosão demográfica está sempre associada aos países menos desenvolvidos. Nesse sentido, há nesses países uma pressão sobre os recursos naturais como desmatamento, desertificação, erosão e falta de água potável. Portanto, associa-se o crescimento demográfico à sobrecarga do planeta. No entanto, uma das críticas que o autor faz a este pensamento é que com o controle da natalidade que as famílias passaram a efetivar a partir das décadas de 60, 70 do século XX nesses países, não foi suficiente para superar os problemas ambientais que o planeta vem sofrendo.

Portanto, Polon (2018) destaca que tanto a teoria Demográfica Malthusiana, quanto a teoria demográfica Neomalthusiana, foram fortemente contestadas pela teoria Reformista. Portanto, orientada pela perspectiva marxista, que ao contrário das teorias anteriores, explica a miséria como sendo a falta de acesso que alguns grupos possuem em apropriar-se dos meios de subsistência. Uma vez que, o sistema capitalista favorece a concentração de renda e não a subsistência dos indivíduos. Assim, nesta teoria a miséria está ligada a má distribuição dos recursos existentes que garantem a sobrevivência da população.

As teorias são importantes porque se constituem como elementos interpretativos para os aspectos demográficos, especialmente, para a migração que é o fenômeno populacional em análise nesta dissertação. Assim, a migração é um importante elemento da dinâmica demográfica de uma área. Visto que, a mobilidade é uma característica dos grupos humanos no espaço e pode ocorrer dentro de uma mesma unidade político-administrativa, denominada de migração intrarregional. E ainda, entre unidades político-administrativas distintas, denominada de migração inter-regional; e/ou diariamente, denominada de migração pendular. Os dois primeiros tipos de migração, o intrarregional e o inter-regional, acarretam a mudança de residência do migrante, fato que pode ocorrer ao longo de um tempo determinado ou permanentemente (POLON, 2018).

A autora citada ainda ressalta que o ser humano se desloca pelo espaço seja pelos fatores culturais, econômicos, políticos, religiosos, catástrofes naturais, problemas de violência, problemas de ordem demográficas, enfim, são diversos as motivações que levam os deslocamentos populacionais ou de certos grupos étnicos.

No entanto, Biagioni (2010) leva em consideração nos estudos de migração não apenas o fenômeno demográfico de mudança do local de residência dos indivíduos, mas também o contexto histórico e o período específico em que o processo social de deslocamento dos indivíduos e/ou grupos acontecem. Sendo assim, o autor aponta que para definir a trajetória de um fluxo migratório é necessário conhecer a origem e o destino dos indivíduos envolvidos no processo. Assim, ressalta que os estudos que levam em consideração a origem

e o destino da migração é conhecido como teoria de expulsão e atração. Ou seja, expulsão do local de origem e atração do destino dos migrantes.

Para Biagioni (2010) não dá para não levar em consideração nos estudos de fluxos migratórios a origem e o destino, visto que “os fatores de expulsão definem as áreas de origem dos fluxos migratórios. Já os fatores de atração determinam a orientação destes fluxos e as áreas que se destinam” (p. 8). Consequentemente, para o autor, desconsiderar esses fatores é desistir de compreender as especificidades do processo migratório como um todo, reduzindo-o a uma equação de salário versus capacidade da economia de absorver a população. Dessa forma, o autor aponta que é necessário entender os mecanismos que puseram em movimentos os fluxos migratórios e as consequências deste movimento. Em busca de interpretar, por um viés geográfico, a mobilidade espacial de um grupo humano, as condições histórico-sociais de dada sociedade são analisadas a fim de determinar a essência das causas de expulsão de uma população do seu território de origem.

Nos estudos das migrações internas Biagioni (2010) discorre a respeito de duas abordagens teóricas. A abordagem econômica neoclássica e a abordagem histórico-estrutural. Na primeira delas, o autor nos explica que se trata de análise que tem como elemento central a racionalidade dos indivíduos na decisão de migrar em avaliar os custos, vantagens e oportunidades de migração em relação à inserção no mercado de trabalho. Desse modo, os motivos de migração estão baseados, sobretudo, no destino, ou seja, nas melhores expectativas de condições de vida. Segundo o autor essa abordagem foi utilizada especialmente a partir da década de 1950, quando um maior nível de industrialização foi alcançado. Esta perspectiva explicava os estudos de êxodo rural para as aglomerações nas cidades como mão de obra na indústria.

A segunda abordagem teórica faz uma crítica em relação a primeira. Pois, refuta a racionalidade econômica na decisão de migrar. Esta, por sua vez, aponta a necessidade de levar em consideração o contexto histórico e as mudanças estruturais que ocorrem nas sociedades ao longo do tempo. Sendo assim, os processos de origem e destino devem ser levados em consideração em análises que optam pela abordagem histórico-estrutural, sendo que os fatores de expulsão e atração estão fortemente vinculados a origem para o entendimento dos processos migratórios (BIAGIONE, 2010).

Além disso, para Mondardo e Saquet (2008) existem fatores que muitas vezes são desconsiderados dos processos migratórios, mas que deveriam ser levados em consideração e analisados nos quais se apresentam a seguir:

A experiência cotidiana dos que saem de um território para o outro, a variabilidade de suas práticas sociais, as estratégias e os recursos que disponibilizam, os contatos tecidos no trajeto da migração, as relações da sociabilidade e de estranhamento entre os migrantes e as articulações internas e externas ao seu grupo apresentam-se ausentes das análises macroestruturais (MONDARDO; SAQUET, 2008, p. 126).

Se tratando dos fluxos migratórios internos no Brasil no século XX, especialmente até a década de 1980, estes apresentam mudanças significativas em relação ao quadro de atração de destinos, a saber:

Segundo George Martine, a migração, até a década de 80, apresenta quatro características fundamentais: 1. expulsão das áreas tradicionais de migração: Nordeste, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Santa Catarina; 2. migração para o núcleo industrial São Paulo - Rio de Janeiro, a partir de 1930; 3. migração para a fronteira consolidada: Paraná, Maranhão, Goiás e Mato Grosso do Sul - nas décadas de 40, 50 e 60; e 4. migração para a fronteira em expansão: Região Norte, como um todo, e Mato Grosso, com início na década de 70. (VALE, LIMA, BONFIN, ANO, p. 24).

Portanto, neste estudo, como já foi apontado, a análise abrange as migrações internas em relação a expansão da fronteira agrícola em direção a Região Amazônica brasileira, especificamente para o atual estado de Rondônia. Esta proporcionou a inserção de populações de várias partes do Brasil. No entanto, destacarei a inserção do grupo étnico pomerano de origem capixaba, ou seja, do estado do Espírito Santo, que ainda veremos com maiores detalhes.

Garnier (1980) afirma que dificilmente os migrantes vão para algum local que não tenha nenhuma referência. Ressaltando que estes estados estão inseridos em distintas regiões geográficas brasileira. Para a autora, possivelmente os migrantes encontram-se com amigos, familiares que lhe deram algumas informações, ou talvez estejam migrando em grupo o que gera uma pequena ilha do local de origem, mantendo a língua, a religião, a cultura. Assim, uma das características destas migrações pomeranas que também veremos adiante é a articulação deste grupo em redes.

Nesse sentido, a migração pomerana para Rondônia como resultado e reflexo deste processo no âmbito dos debates geográficos compreende uma das temáticas populacionais voltadas para as questões étnicas no campo da geografia da população. Visto que, este grupo por muito tempo, esteve invisibilizado na sociedade brasileira e nos debates da Geografia da População no Brasil, pois, eram confundidos, sobretudo, como alemães. Assim, a importância dos estudos relacionados aos pomeranos está em elucidar a sua existência, bem como, realçar a cultura e a dinâmica deste grupo étnico no Brasil e suas relações com o território. Esta, por sua vez, visa uma metodologia qualitativa que objetiva analisar os processos geográficos de migração deste grupo articulados aos fatores extra demográficos.

Nesta seção buscou-se apreender como a geografia abordou a temática populacional em diferentes momentos, destacando especialmente a categoria migração. Pois, acredito que este percurso histórico não linear pelo qual caminhei é válido por nos trazer maior compreensão dos elementos que marcam o campo científico da geografia da população e de autorreflexão sobre a própria pesquisa construída. Ainda é necessário mencionar a importância dos estudos populacionais, visto que, estes auxiliam também aos gestores públicos em planejamentos demográficos. É relevante ainda, conhecer os processos migratórios internos dos diferentes grupos étnicos como é o caso dos pomeranos, para aprimorar estes planejamentos.

Mas antes de adentrarmos a análise do processo migratório dos pomeranos do estado do Espírito Santo para o estado de Rondônia, considere necessário expor brevemente as circunstâncias que trouxeram os pomeranos para o Brasil. Através do contexto histórico geográfico, nos permitem percorrer a trajetória de migrações deste povo, o que favorece para uma análise mais rica do processo.

Portanto, as demais seções deste primeiro capítulo são dedicadas a discorrer sobre a vinda dos pomeranos para o Brasil, especialmente para o Espírito Santo e posteriormente, os fatores que associados a expansão da fronteira agrícola interna os levaram em direção a Região Amazônica brasileira, especificamente para o estado de Rondônia. A seguir, portanto, aponto as circunstâncias da vinda dos pomeranos para o Brasil, em direção ao Espírito Santo.

2.2 O INÍCIO DA DIÁSPORA POMERANA

A Pomerânia, território ancestral dos pomeranos, estaria localizada no extremo Norte do continente europeu, nas proximidades do mar Báltico, mais especificamente, entre os atuais estados territoriais da Polônia e da Alemanha. Segundo Lundén (2017), com bases em fontes documentais, as primeiras evidências de um território político da Pomerânia remontam ao ano de 1170. Em relação a origem dos pomeranos, o autor aponta que no período mencionado, a Pomerânia era habitada por grupos de língua eslava. Mas em anos posteriores, especialmente com o processo de cristianização na Europa houve a imigração de povos de língua germânica para a Pomerânia.

Havia uma subdivisão política do território da Pomerânia em que consistia em Pomerânia Anterior e Pomerânia Posterior. A respeito dessa subdivisão Hackenhaar (2018) nos explica que isto se dava a partir de Stettin (Figura 1), cidade que era considerada a capital da Pomerânia (atual Szczecin na Polônia). Desse modo, o que ficava a leste de Stettin era a parte Oriental ou Posterior como também era chamada e a oeste a Ocidental ou Anterior. Esta

autora ainda aponta que na parte Ocidental as terras eram consideradas mais férteis, logo também era a parte economicamente mais expressiva da Pomerânia.

No entanto, conforme os registros e descrições, de um modo em geral, as terras eram consideradas muito férteis. Visto que, de acordo com Manske (2015), o território pomerano era formado por planícies com a presença de muitos lagos e rios. Assim, consistia-se em uma região agrária que se praticava a agricultura de subsistência. E os principais produtos que os pomeranos cultivavam eram o trigo, a cevada, a beterraba, o centeio e a batata.

Figura 1 - Mapa de localização da Pomerânia



Fonte: [https://www.pwiki.org/wiki/Ficheiro:German_Empire_-_Prussia_-_Pomerania_\(1871\).svg](https://www.pwiki.org/wiki/Ficheiro:German_Empire_-_Prussia_-_Pomerania_(1871).svg)

Por outro lado, a Pomerânia vinha sofrendo um contexto de guerras e conflitos políticos que teve início, segundo Manske (2015) no século X e XI com a Guerra entre a Dinamarca e a Polônia pela disputa de seu território. Os reflexos disso foram a devastação e a insegurança para os pomeranos. E posterior a isso, no século XII ocorreram 22 guerras entre dinamarqueses e poloneses que afetaram a Pomerânia. Outra devastação sofrida pelos pomeranos e desta vez, atingindo o continente europeu como um todo foi a peste bubônica

ocorrida no século XIV. Esta epidemia, de acordo com a autora, dizimou um terço da população pomerana.

Para Grunewald (2010) o conflito mais impactante na história dos pomeranos foi a guerra dos 30 anos no século XVII (1618-1648) que ocorreu entre Católicos e Luteranos devido a diferenças religiosas e política. As tropas do governo confiscaram a colheita e os animais, gerando sofrimento, fome e pobreza por toda a Pomerânia. E ainda, as tropas imperiais tentavam reconquistar o poder neste território, travando novamente uma batalha, aproximadamente cinquenta por cento dos pomeranos faleceu devido a essa guerra.

Outro momento marcante na história da Pomerânia foi o Congresso de Viena ocorrido entre 1814-1815, que de acordo com Rölke (2016) após este congresso o mapa da Europa foi redesenhado. Assim, a Pomerânia Ocidental passou a ser província da Prússia. A Pomerânia Oriental já pertencia à Prússia desde 1720 e a partir de 1817 estas duas regiões passaram a ser unificadas sob a mesma jurisdição. A partir disso houve ações para a melhoria da situação econômica da Pomerânia, sobretudo, a parte Oriental que possuía terras arenosas, considerada pouco fértil. Como alternativa introduziram o cultivo da batata com o objetivo de suprir a necessidade de abastecimento e consumo alimentar da própria população.

Além disso, Jacob (2010) descreve que no congresso de Viena, criou-se a Confederação Germânica que tinha o objetivo de amenizar as lutas políticas e garantir o interesse dos grupos dominantes, entre eles a Casa Imperial Austríaca dos Habsburgo e o Reino da Prússia. Assim, estavam associados 39 estados, entre eles a Pomerânia. Portanto, a Prússia administrou a Pomerânia por longos anos.

E ainda, outra realidade presente na Pomerânia era a dependência dos latifúndios pela maioria da população pomerana. E as condições de vida nas organizações latifundiárias não era das melhores. Com o aumento da população, de acordo com Rölke (2016), houve a intensificação do uso do solo. Além disso, o início da industrialização dificultou ainda mais para os trabalhadores rurais, pois, as áreas que antes eram cultivadas pelo trabalho braçal foram substituídas pela máquina. Assim, a mão-de-obra pomerana passou a ser substituída pela máquina a vapor gerando desemprego e miséria. O autor relata que a partir de 1850 a Pomerânia passou a ser cada vez mais um local sem expectativa para a maioria de sua população.

Toda a Europa no século XIX estava vivendo os reflexos da expansão imperialista e que, segundo Martinuzzo (2009) geraram quedas nas colheitas, exploração, miséria, proibição à liberdade de expressão. Estas questões descritas contribuíram, nesse período, para o processo de emigração do continente europeu. Muitos grupos étnicos deixaram a Europa e se

aventuraram a recomeçar bem distantes de sua terra natal, dentre eles estavam os italianos, alemães, franceses, poloneses, austríacos, mas também, os pomeranos.

Os pomeranos foram bruscamente afetados, logo migraram em massa para o continente americano. Este continente já vinha recebendo estrangeiros há séculos. Entretanto, Castles (2010) afirma que a grande onda de migração em massa para o continente americano, proveniente da Europa, ocorreu ao longo do século XIX e início do século XX, quando a industrialização atingiu em grande velocidade esta região. No caso dos pomeranos, estes vieram, sobretudo, para o Brasil.

Mas de acordo com Seibel (2016) houve também migrações de pomeranos para a África do Sul e para a Austrália. Contudo, o maior contingente de pomeranos migrou para o continente americano. Muitos foram para a América do Norte, precisamente para os Estados Unidos e Canadá onde se encontravam maiores facilidades de viagem. Outros foram para a América Central, nos países da Guatemala e Nicarágua. E ainda, um grupo considerável de pomeranos migrou para a América do Sul e foi para o Sul do Chile, Paraguai e especificamente para o Brasil.

Dessa forma, saliento que no século XIX iniciou-se a diáspora pomerana, quando muitos se viram obrigados a atravessar continentes com a esperança de se fazer ressurgir uma “nova Pomerânia” bem mais distante do seu local de origem, pois vimos que a maioria destes imigrantes pomeranos viviam condições econômicas desfavoráveis na Europa e a solução para essas pessoas estava na migração.

A vinda de imigrantes para o Brasil era comum, pois, Granzow (2009), relata que o país era considerado enorme e pouco habitado. Além disso, o governo brasileiro estava em busca de pessoas para trabalhar na agricultura, oferecendo viagens marítimas gratuitas, terras e casas provisórias, através dos propagandistas brasileiros que viajavam até a Europa.

A política de atração de imigrantes que o governo adotou nesse período foi um fator determinante para impulsionar a inserção dos pomeranos no Brasil. Rocha (2000) salienta que o governo imperial tinha como principal objetivo substituir a mão de obra escravizada proveniente da África pelo trabalho livre estrangeiro. E ainda, segundo a autora existia a necessidade de transformação do regime do trabalho no país, bem como, um pensamento de branqueamento da população através do povoamento europeu. Desse modo, os estados do Brasil que mais receberam imigrantes pomeranos no século XIX foram o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo.

A escravização no Brasil, de acordo com Martinuzzo (2009), só veio acabar devido às pressões da Inglaterra pelo fim do tráfico internacional do sistema de escravização de pessoas

provenientes da África, incrementada no reinado de Pedro II (1840 – 1889). A escravização de populações indígenas já era proibida desde 1755, mas de populações de origens africanas só veio acabar no século XIX. E em concomitância com o fim da escravização surge um conjunto de incentivos para atração da imigração europeia para o Brasil, no qual se dava preferência por alemães.

Assim, a inserção dos migrantes europeus no Brasil ocorreu, especificamente nos estados da Região Sul do país e no estado do Espírito Santo. E segundo Rocha (2000), isto aconteceu porque estes estados apresentavam um quantitativo elevado de terras devolutas. E ainda, havia poucos grandes proprietários de terras que poderiam impedir a incorporação dos migrantes. Além disso, a imigração era vista, especificamente para o estado do Espírito Santo, como uma solução para a economia deste território, considerado na época “despovoado” e tido como insignificante economicamente, ignorando assim, a própria existência da população indígena.

Segundo as pesquisas sobre a imigração pomerana, o primeiro destino deste povo no Brasil foi a Região Sul do país, especificamente para o estado do Rio Grande do Sul. De acordo com Pitano e Roming (2018) o primeiro grupo de pomeranos que emigraram da Europa com destino ao Brasil, embarcaram no dia 31 de outubro de 1857 e chegaram em 18 de janeiro de 1858. Era composto por 88 pessoas que foram encaminhados para a colônia de São Lourenço do Sul, no Rio Grande do Sul.

Esta se tratava de uma colonização privada, pois, segundo Raduenz; Klemann; Strelow e Werling (2020) quem a organizou foi o Sr. Jacó Rheingantz. Este também auxiliou na formação de igrejas e escolas para os imigrantes. Os autores ainda relatam que a vinda dos europeus era subsidiada em trinta por cento pelo governo imperial, o valor total custava em torno de noventa e nove mil réis. E conforme os estrangeiros chegavam, recebiam um lote de em média 24 e 48 hectares.

Apesar da organização privada desta colônia, as condições não foram tão favoráveis para os pomeranos, Pitano e Roming (2018) relatam que estes estavam vivenciando uma realidade bem diferente do que lhes foi prometida. Primeiramente porque eram confundidos com os alemães, e ainda porque possuíam dificuldades em se comunicar, pois falavam apenas o pomerano. Além disso, esses imigrantes foram abrigados provisoriamente em barracões. Visto que ao chegar ao local de destino precisavam derrubar a mata para construir moradias e lavouras.

Pitano e Roming (2018) ainda mencionam que a partir dessa ocupação, os pomeranos passaram a ocupar outros municípios como Canguçu e Pelotas. Este último foi ocupado nos

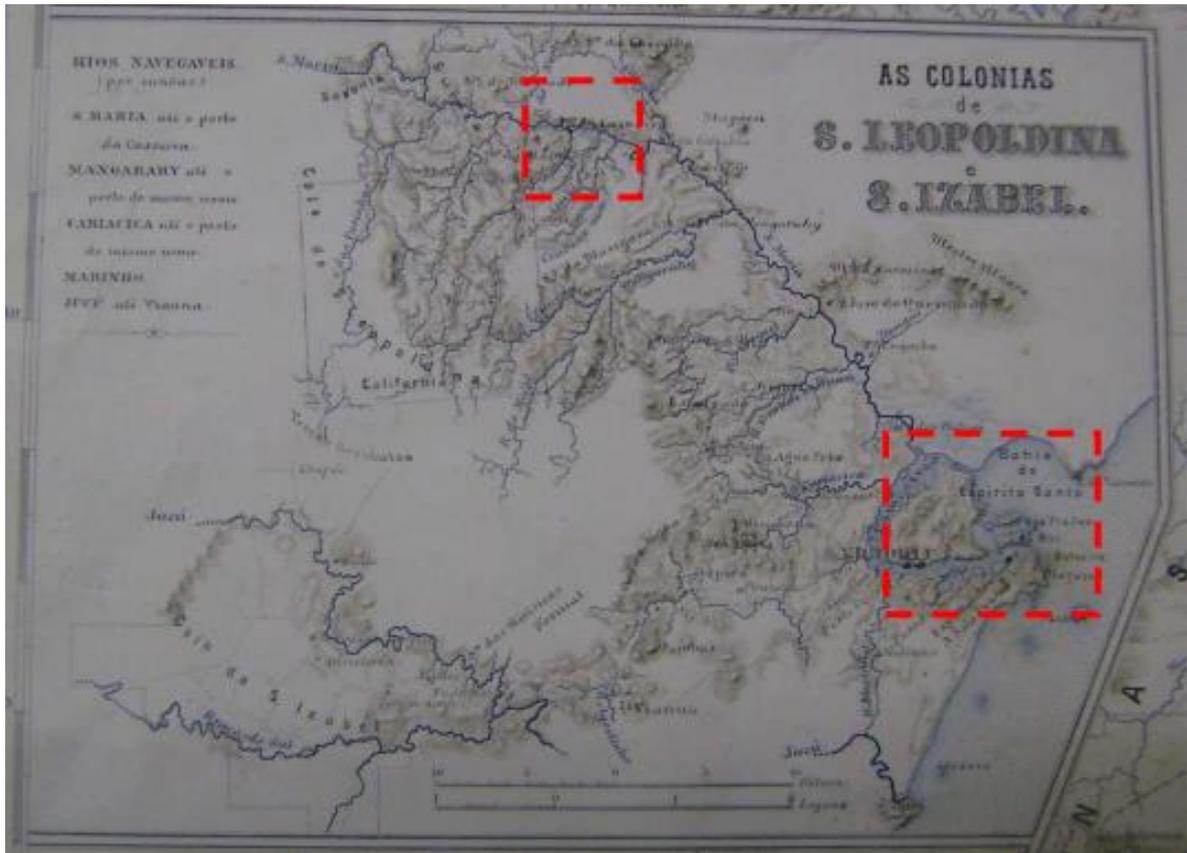
distritos de Santa Silvana, Cerrito Alegre e Triunfo. Desse modo, instalaram uma economia baseada em minifúndios e na policultura.

Outro estado ocupado pelos pomeranos no século XIX na Região Sul do Brasil foi Santa Catarina e de acordo com Raduenz; Klemann; Strelow e Werling (2020), os pomeranos que migraram para este estado foram para o distrito de Rio do Texto, no município de Pomerode. Os imigrantes pomeranos na Região Sul do Brasil viviam em minifúndios praticando a policultura utilizada para a própria subsistência.

Já os primeiros pomeranos a chegarem ao estado do Espírito Santo, de acordo com Granzow (2009), era composto por um grupo de 117 pessoas que partiram do porto de Hamburgo no dia 27 de abril de 1859 a bordo do navio Eleonore. Após dois meses de muitas dificuldades e várias mortes dentro do navio, chegaram ao Rio de Janeiro e lá embarcaram em outro navio com destino à Vitória. Chegando então, em 28 de junho do mesmo ano.

Este autor ainda relata que de Vitória eles subiram o Rio Santa Maria em canoas até o porto de Cachoeira, município Santa Leopoldina (Figura 2), onde ficaram alojados em barracões até chegarem aos lotes que lhe foram designados. Para chegarem nesses lotes, os pomeranos seguiam a pé em meio à mata fechada. Os lotes eram comprados do governo brasileiro e deveriam ser pagos em até quatro anos, se não pagassem o pomerano perdia o lote. Estes tinham em média 25 hectares, mas a medição era feita a olho nu e por isso muitos deles acabavam tendo prejuízos. A localização que os pomeranos se instalaram nesse período corresponderia hoje ao município de Santa Maria de Jetibá, que na ocasião era distrito de Santa Leopoldina.

Figura 2 - Mapa de Localização da Baía de Vitória e o porto de Cachoeira em Santa Leopoldina



Fonte: https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2099/16036/106_BCN_Morelato_Andressa.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Segundo Manske (2015), a vida dos pomeranos nesta colônia foi marcada por uma série de adversidades, pois, os mesmos, passaram por muitas dificuldades até conseguirem se adaptar. Além disso, a autora ressalta que estes tiveram limitações na comunicação, pois falavam e entendiam apenas a língua pomerana. E ainda, havia reclamações dos imigrantes pela péssima ou quase nenhuma assistência da administração das colônias, o não cumprimento dos contratos e a falta de assistência médica.

Além da situação precária da colônia havia ainda corrupção. Manske (2015) relata que os agentes que haviam sido enviados à Europa para fazer propagandas das terras do Brasil, estes muitas vezes acabavam reembolsando as gratificações pagas pelo governo. E ainda, não se preocupavam em selecionar quais imigrantes viriam para o Brasil, pois na maioria das vezes eram imigrantes que não estavam aptos para trabalhar nas colônias, seja pela idade avançada ou mesmo pela pouca idade, ou ainda, por alguma questão de saúde.

No entanto, a autora citada acima salienta que houve novas imigrações pomeranas nos anos posteriores e, a maior parte dos pomeranos que imigraram para o Espírito Santo veio entre os anos 1872 e 1874. Ao todo, mais de 2300 pessoas migraram nesse período.

Martinuzzo (2009) relata que maioria dos pomeranos que vieram para o Espírito Santo saíram da Pomerânia Oriental ou Posterior a qual mais tarde foi anexado ao território polonês.

Os pomeranos mesmo distantes de seu local de origem preservam culturalmente muitos elementos materiais e imateriais oriundos do seu território ancestral. Uma dessas características segundo Spamer (2013), é a sua ligação com a terra: o cultivo e a formação de minifúndios são aspectos que caracterizam as comunidades pomeranas no Espírito Santo até os dias atuais.

Os imigrantes pomeranos no Espírito Santo também preservam elementos culturais adquiridos no período da colonização, como por exemplo, Heinemann (2011) relata sobre o uso das ervas medicinais. Pois, estes ao chegar ao Brasil, sem assistência médica e com várias doenças que os acometiam recorriam a medicina alternativa. Muitos pomeranos faleceram de doenças como a malária, a verminose e a disenteria.

Outro aspecto cultural que os descendentes de pomeranos ainda preservam são as comidas típicas como a linguiça defumada, o Mijlchabroud (pão de fubá/ farinha de milho preparado com batata doce, cará, mandioca). O fubá e os tubérculos, segundo o autor citado acima, eram utilizados para substituir o trigo, pois não o cultivavam na colônia de Santa Leopoldina, primeiro destino dos pomeranos no estado do Espírito Santo.

O isolamento que os pomeranos viveram na colônia de Santa Leopoldina, de acordo com Manske (2015) se deve ao abandono do governo, a dificuldade de se comunicar com outros grupos étnicos e pela sua religião ser luterana. Assim, as comunidades ficaram isoladas, a educação das crianças era feita pelos pastores Luteranos. Era comum também entre os pomeranos o surgimento de tropeiros. Como as estradas eram trilhas precárias em meio a floresta, os pomeranos entregavam suas mercadorias a esses tropeiros pomeranos, em troca recebiam dinheiro ou outras mercadorias que não possuíam na colônia.

Assim, com a ajuda que ocorria entre os próprios pomeranos também foi possível reconstruir uma “nova Pomerânia” no Espírito Santo. Contudo, estes não se limitaram às colônias de Santa Leopoldina, pois, nos anos posteriores passaram a migrar para outros municípios no Espírito Santo e este consiste em diferentes fases.

Estes movimentos, segundo Pessoa (1995), podem ser classificados em três ciclos. No primeiro ciclo, a autora nomeia como *Terra Quente Sul* que consiste na migração em direção ao sul do rio Doce. Esta fase iniciou-se no final do século XIX e continuou até o início do século XX. Os pomeranos estavam em busca de novos locais, novas terras, assim foram para os municípios de Afonso Cláudio, Laranja da Terra, Itaguaçu, Baixo Guandu, Itarana,

Colatina e Santa Tereza. Nesse ciclo alguns pomeranos também se deslocaram para o estado de Minas Gerais, nas localidades de Santo Antônio, Aimorés, Itueta e Resplendor.

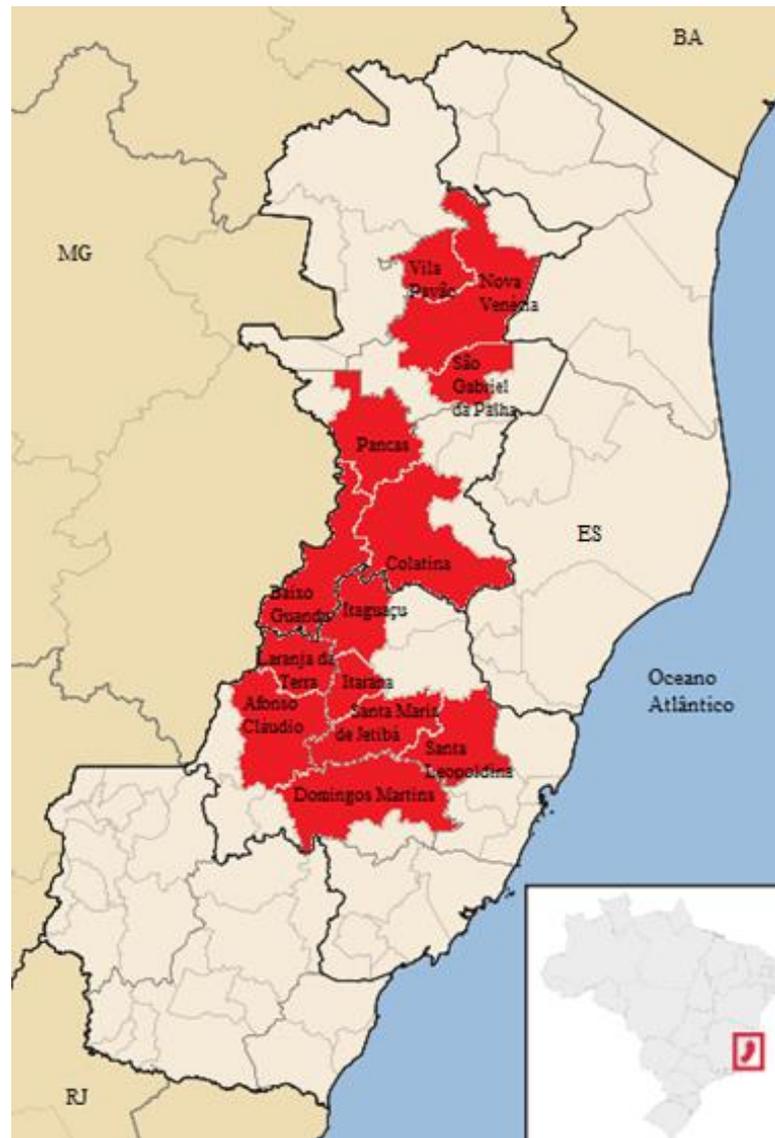
O segundo ciclo mencionado pela autora é a migração dos pomeranos para a *Terra Quente Norte*, localizada ao norte do rio Doce. Este movimento migratório ocorreu após a primeira Guerra Mundial (1914-1918), os pomeranos foram para Pancas, São Gabriel da Palha e Marilândia. E por fim, o terceiro ciclo que ocorreu após 1930 em que as migrações pomeranas foram direcionadas para Nova Venécia, Vila Pavão e São Francisco.

É visto que os pomeranos a princípio foram instalados nas regiões montanhosas do Espírito Santo e que após isso seguiram em direção ao Norte do estado, onde era considerado até então menos povoado. Segundo Achiamé (2010) o governo estadual estimulou a expansão da fronteira agrícola ao Norte do Espírito Santo, inserindo a plantação de café e a pecuária. Assim, este objetivava lotear trechos de matas ainda inexploradas nessa região, visto que as terras do Sul do estado já estavam com os solos esgotados e com propriedades bastante divididas.

Esses movimentos migratórios proporcionaram para que atualmente existissem comunidades pomeranas expressivas demograficamente em pelo menos treze municípios do Espírito Santo, são eles: Santa Maria de Jetibá, Laranja da Terra, Itarana, Baixo Guandu, Itaguaçu, Vila Pavão, São Gabriel da Palha, Santa Leopoldina, Afonso Cláudio, Domingos Martins, Pancas, Nova Venécia e Colatina (Figura 3).

E ainda, é desses fluxos migratórios internos dos pomeranos no Espírito Santo que surge a localidade do Córrego do Água Limpa, localizado na área rural do município de Baixo Guandu. É também deste local que nasceu a pesquisadora que vos escreve que é descendente de pomeranos.

Figura 3 - Distribuição dos pomeranos no estado do Espírito Santo



Fonte: Elaborado por Débora Holz.

Assim vimos que os pomeranos se tornaram expressivos no Espírito Santo a partir dos movimentos migratórios internos. Contudo, Pessoa (1995) relata que na década de 1960 alguns pomeranos migraram do estado do Espírito Santo, sobretudo, da Região Norte do estado, para o estado do Paraná, assim ela escreve:

Na década de 1960 um número considerável de famílias pomeranas migraram do Espírito Santo para o Paraná. Eles se deslocam motivados pela propaganda de terra fácil e fértil do oeste do Paraná e se estabelecem nas regiões de Toledo, Assis Chateaubriand, Bragantina, Umuarama, Campina de Lagoa, Campo Mourão, Corbélia, Nova Aurora, Iretama, Roncador, Boa Esperança, Apucarana, Engenheiro Beltrão e Marechal Rondon. Alguns permanecem lá, mas muitos voltam para o Espírito Santo, e, ali, ao início da década de 70, se intensifica a propaganda dos projetos de assentamento e propaganda do governo militar rumo à Rondônia (PESSOA, 1995, p. 84).

Estes pomeranos que retornaram do Paraná ao Espírito Santo, segundo a autora citada, tiveram que deixar suas terras devido o sistema latifundiário que paulatinamente passou por processos de mecanização. Assim, alguns permaneceram, mas muitos deles retornaram ou foram para outras localidades do país, como por exemplo para Rondônia.

Portanto, após o movimento migratório dos pomeranos residentes no estado do Espírito Santo para o estado do Paraná, inicia-se um novo fluxo migratório, a migração pomerana do Espírito Santo para o Território Federal de Rondônia. Esta, de acordo com Jacob (2011) teve início nos últimos anos da década de 1960 e com contingentes maiores de pomeranos que a migração destes para o estado do Paraná. Veremos ainda que não foram apenas os pomeranos que migraram do Espírito Santo para Rondônia, mas também, muitos outros capixabas partiram neste período e nas décadas posteriores.

Uma das causas da emigração capixaba, em especial pomerana, no Espírito Santo a partir da década de 1970, consiste no aumento expressivo de pomeranos residindo neste estado, acarretando o aumento de minifúndios devido o sistema de herança, em que os pais repartiam as terras entre os filhos quando estes se casavam. As famílias pomeranas tinham muitos filhos, eram em média oito filhos por casal. Pois, o nascimento de cada criança representava entre os pomeranos uma fonte de mão de obra para a família. Desse modo, quando não era mais possível repartir os minifúndios entre as novas gerações ocorriam as migrações (FEHLBERG; MENANDRO, 2011). Mas isto será detalhado nos próximos capítulos.

Feito essas considerações, a seguir apresento alguns aspectos, sobretudo, políticos que contribuíram para que esses movimentos migratórios ocorressem não somente do estado do Espírito Santo, mas de vários outros estados que perderam populações para Rondônia. Contudo, destacarei em especial, os pomeranos que emigraram do Espírito Santo.

2.3 RONDÔNIA, O NOVO “ELDOURADO” BRASILEIRO

É relevante destacar que a Região Amazônica recebeu migrantes em diferentes momentos históricos do Brasil desmistificando a ideia de “espaço vazio”. Portanto, além da presença indígena em seu território, Gomes (2019) relata a ocupação de espanhóis e portugueses desde o século XVI, quando começaram a se aventurar em expedições que adentravam nos interiores do país em busca de recursos naturais para exploração. Este período, portanto, ficou conhecido popularmente na literatura como drogas dos sertões. E ainda, de acordo com o autor, ocorria também o avanço interiorano das bandeiras paulistas em busca de indígenas para a mão de obra a fim de que a economia da colônia pudesse se

expandir. Além disso, o autor ressalta as descobertas de lavras de ouro, no final do século XVII, no vale do Guaporé, esta fase também proporcionou ocupações não indígenas nesta região.

E já no final do século XVIII e começo do século XIX Moreira (2014) salienta que a extração do látex na floresta amazônica estimulou novamente a vinda de migrantes, este período ficou conhecido como o ciclo da borracha. Esta fase, de acordo com o autor, reorganizou a economia amazônica, instaurando o extrativismo como a atividade econômica predominante. Dessa forma, atraindo migrantes, sobretudo, do sertão nordestino que sofriam com a seca em sua região.

No entanto, apesar de fazer apontamentos de que houve migrações para a Região Amazônica brasileira que antecederam ao século XX, nesta seção enfocarei, especialmente, as migrações que ocorreram para esta região a partir deste século. E especificamente, as migrações para o atual estado de Rondônia a partir da segunda metade do século XX. Assim, busquei discorrer acerca do contexto histórico geográfico em que elas aconteceram, pois, acredito que nos proporcionará um maior entendimento das migrações dos pomeranos para esta região, farei adiante alguns apontamentos que levaram a tais circunstâncias.

Atualmente o estado de Rondônia situa-se na Região Norte do Brasil e, tem seus limites com os estados do Mato Grosso, Amazonas e Acre e com a Bolívia. Além disso, o estado de Rondônia está inserido na região compreendida como Amazônia Legal. E possui um quantitativo de 52 municípios e uma área de 237.576 km². (COSTA, 2010).

O território de Rondônia de acordo com o IBGE é oriundo do desmembramento de parte dos estados do Amazonas e do Mato Grosso. Além disso, é o único estado do Brasil a ser fruto de um tratado internacional, o tratado de Petrópolis. Esse tratado foi firmado com a Bolívia para que o Acre viesse a fazer parte do Brasil em troca da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré. A meta desta estrada era atravessar os estados do Amazonas e Rondônia passando pela fronteira do Mato Grosso em um trajeto de cerca de 350 quilômetros.

A área que corresponde atualmente ao estado de Rondônia, no governo de Getúlio Vargas (1930-1945) foi criada como Território Federal do Guaporé, juntamente com outros seis territórios federais do Amapá, Acre, Fernando de Noronha, Iguazu, Ponta Porã e Rio Branco. O objetivo da criação destes territórios federais consistia em consolidar a presença do estado federal em áreas fronteiriças nas quais eram consideradas como instáveis ou com fraca densidade civilizatória (FRANCO, 2019).

E ainda na Era Vargas, de acordo com Gomes (2019), no Território Federal do Guaporé ganhava força novamente a exploração do látex juntamente com a exploração da

cassiterita que estimulou a migração de muitos nordestinos que foram trabalhar nos seringais fugindo das secas do nordeste. Desse modo, inicia-se também os projetos de criação de infraestrutura, linhas teleféricas e ferrovias.

A retomada da exploração do látex foi devido à demanda da borracha que cresceu durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) quando houve uma maior necessidade da exploração deste produto naquele contexto. Assim foram demandados “soldados da borracha”, sobretudo, nordestinos para a região dos seringais da Região Amazônica, incluindo o estado de Rondônia (CUNHA, 2015).

No ano de 1956, de acordo com Costa (2010), a denominação Território Federal do Guaporé é modificada para Território Federal de Rondônia em homenagem ao Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958). O autor ainda ressalta que o projeto de elevar o território federal de Rondônia a estado foi apresentado pela primeira vez em 1962 ao Congresso Nacional, porém foi vetado. Dessa forma, Rondônia só veio a se elevar como estado no ano de 1981, foi criada oficialmente a partir da Lei complementar nº 221-A/81 e, como já mencionamos anteriormente, seu nome está associado a Marechal Cândido Rondon.

Segundo Silva (2017), Marechal Cândido Rondon nasceu no estado de Mato Grosso e, era de origem indígena. Em sua vida adulta tornou-se militar. Além disso, possuía ideais que iam de encontro ao progresso e a mentalidade da época. Sendo assim, trabalhou no intuito de interligar o litoral ao sertão, que era visto por este como esquecido por parte dos governantes. Assim, a ideia era tornar os povos indígenas integrados ao restante do país, por meio da integração de Rondônia.

No entanto, de acordo com Gomes (2019) a Região Amazônica era vista como um imenso “espaço vazio” pelos governantes da época. Assim, no governo do Presidente Getúlio Vargas, este lança o programa Marcha para o Oeste, em que consistia em um plano de metas para ocupar a Região Amazônica por meio de pequenas propriedades. Desse modo, surgem projetos que objetivam a ocupação e o desenvolvimento desta região, a saber:

A economia amazônica era considerada atrasada, sua base era o extrativismo, mas para pôr em prática as ideias desenvolvimentistas, a Sudam elaborou o plano de investimento na agricultura, na indústria e nos serviços, a fim de liberar a Amazônia da dependência histórica do extrativismo. Neste contexto, foi criado o Banco de Crédito da Amazônia S/A passou a denominar-se Banco da Amazônia (Basa). Com isso, aprimoraram-se os instrumentos econômicos demonstrando o interesse estatal pela região. O Basa e a Sudam constituíram órgãos de vanguarda na região e tiveram suas 26 propostas baseadas em leis, planos e programas específicos para o incentivo dos projetos industriais, pecuários e agrícolas (TEIXEIRA, 2015, p. 25-26).

Contudo, foi necessária uma maior persuasão para atrair maiores contingentes populacionais e isso, só ocorreu, após o governo militar em 1964. Pois, de acordo com Gomes (2019), os militares tinham como justificativa de que João Goulart pretendia implantar o comunismo no Brasil, visto que este defendia a implantação da reforma agrária. Assim, este autor ainda ressalta que após o golpe militar muitos trabalhadores rurais sem terra e camponeses foram presos ou assassinados. Pois, o intuito dos militares era traçar um plano para acabar com as lutas pela terra e pela reforma agrária.

Com os militares no poder estes determinaram como objetivo estabelecer a “ordem” no Brasil, defendendo uma perspectiva econômica através da criação de planos de ações econômicas. Assim, durante o governo do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) foi criado o Plano de Integração Nacional (PIN), sobretudo, com a Região Norte do país, conforme Gomes (2019) discorre abaixo:

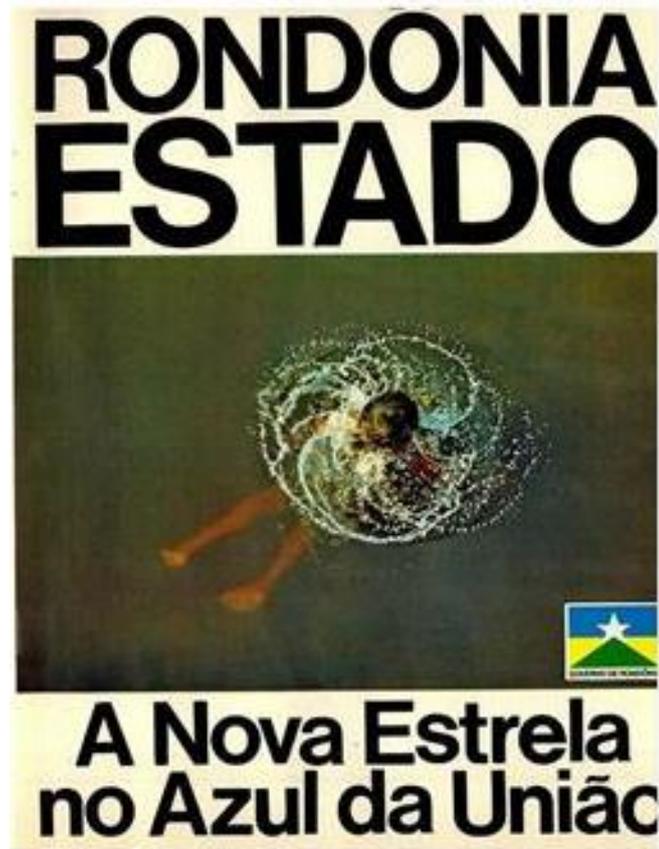
O presidente Emílio Garrastazu Médici, criou o Programa de Integração Nacional (PIN)130 por meio do Decreto-lei nº 1.106, de 16 de junho de 1970. Este programa objetivava “estender a rede rodoviária e implantar projetos de colonização oficial nas áreas de atuação da SUDENE e SUDAM.”131 Vários dispositivos legais contribuíram para a efetivação desse programa, como o Estatuto da Terra - Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964 – que prevê o uso das terras para assentamentos e projetos de produção agrícola. Neste contexto, foi criada a Lei de Terras Devolutas, nº 1.164, de 1º de abril de 1971, que transferiu para o domínio da União uma faixa de terras de 100 km às margens das rodovias federais construídas na Amazônia Legal. Essas, podemos assim dizer, foram as medidas preparatórias para a execução da colonização dirigida ao longo das rodovias federais eleitas como os grandes eixos de desenvolvimento e ordenamento da ocupação da Amazônia. Essas medidas seriam executadas sob os lemas “integrar para não entregar” e “terras sem homens para homens sem terras”. Em Rondônia o principal eixo rodoviário foi e ainda é a BR-364, ao longo da qual foram instalados os Projetos Integrados de Colonização (PIC Ouro Preto, PIC Sidney Girão, PIC Ji-Paraná, PIC Paulo Assis Ribeiro e PIC Pe. Adolpho Rolh) (GOMES, 2019, p. 74-75).

A justificativa por um plano de ocupação estratégica, segundo o autor citado acima, visava ao mesmo tempo ocupar os ditos espaços vazios e proteger a fronteira, ou seja, fazendo a manutenção da soberania nacional sob o território da Amazônia. Desse modo, a partir do final da década de 1960 o governo federal desenvolve colonizações por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), encaminhando migrantes sulistas, nordestinos e da Região Sudeste especificamente para Rondônia. No entanto, vale enfatizar que essas migrações não foram apenas de camponeses, mas também de grandes proprietários e grandes empresas.

Podemos dizer que a criação de infraestrutura na política de ocupação da Região Norte brasileira foi a porta de entrada da migração em massa para Rondônia. Mas também os meios de comunicação foram fundamentais para a divulgação da distribuição de terras com um valor

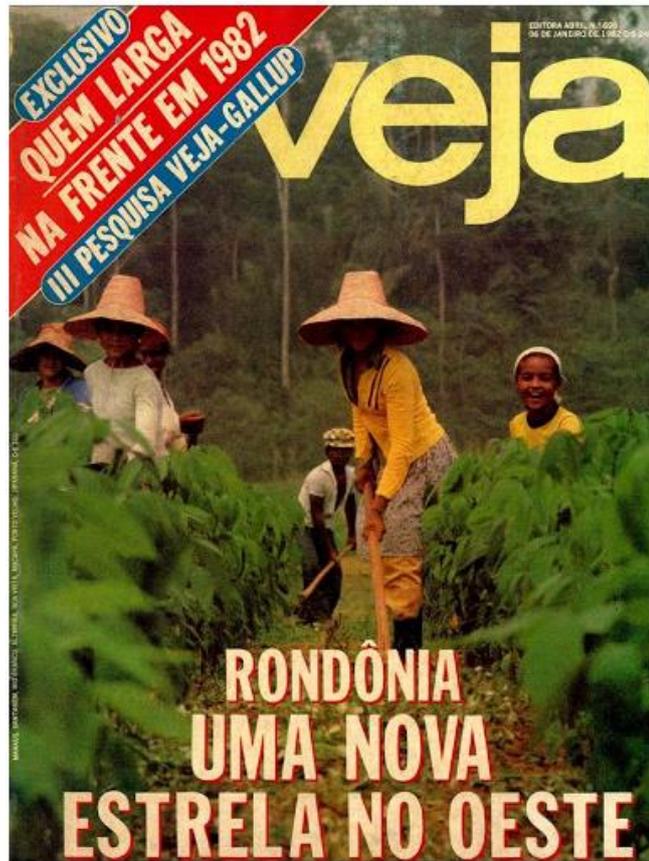
monetário acessível aos trabalhadores rurais. Assim, os noticiários da televisão, rádios, jornais veiculavam as propagandas por ordem do governo. As Figuras 4 e 5 abaixo são da Revista Veja, que possui grande circulação midiática. Esta noticiava sobre Rondônia na década de 1980, quando este veio a elevar-se de Território para Estado, ocorrido no dia 22 de dezembro do ano de 1981.

Figura 4 - Reportagem da revista Veja sobre Rondônia no ano de 1981



Fonte: www.propagandaemrevista.com.br/anunciantes/por/G/?page=11

Figura 5 - Capa da revista Veja destacando Rondônia no ano de 1982



Fonte: www.skyscrapercity.com/threads/reportagens-antigas-sobre-rond%C3%B4nia-nossa-hist%C3%B3ria-contada-atrav%C3%A9s-da-imprensa.1211773

Cunha (2015) relata que houve entre os anos de 1970 e 1980, uma intensa saída de pessoas por toda parte do Brasil em busca de terras férteis no “*novo eldorado*” em Rondônia. Esses migrantes originaram-se principalmente dos estados do sul do país, de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Espírito Santo, sendo a maioria formada por pequenos agricultores excluídos do moderno sistema de agricultura tecnificada de grãos que estava sendo instalado no Brasil.

E de acordo com Nobrega (2016) somente a microrregião de Ji-Paraná em Rondônia recebeu cerca de 32% do total dos migrantes nesse período. Sua área em quase totalidade foi destinada ao Projeto Integrado de Colonização de Ouro Preto, criado pelo INCRA. Além disso, a autora ressalta acerca do crescimento da população rondoniense a partir dessas migrações com dados coletados do IBGE. Assim, em 1950 Rondônia possuía um quantitativo de 36.935 pessoas; em 1960 passou para 70.783; a partir disso, maiores fluxos de migrantes passaram a ir para Rondônia e em 1970 a população apresentava cerca de 116.620; e em 1980 passou para 503.125; atingindo em 1991 um total de 1.130.874; e no ano de 2000 com

1.377.72. Isto demonstra que de fato, os maiores fluxos migratórios se compreenderam entre as décadas de 1970 e 1980.

Havia a preocupação do êxodo rural causar desequilíbrio nas cidades, assim, o estímulo era o retorno para o campo, especialmente para a Região Amazônica brasileira. Pois, havia muitos problemas agrários no Brasil e, Gomes (2019) aponta que na Região Sul no final da década de 1960, se caracterizava pelo esgotamento de terras devido a divisão de lotes nas áreas de imigração europeia que na ocasião dos casamentos os filhos recebiam a repartição de bens, criando a necessidade de novas terras para filhos e netos de imigrantes.

Este autor ainda menciona a situação agrária no Nordeste brasileiro, onde havia problemas de latifúndios improdutivos, pois as grandes fazendas de cana-de-açúcar expulsavam pequenos trabalhadores. Além disso, três grandes organizações que lutavam pela Reforma Agrária: as Ligas Camponesas, a União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB) e o Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER) foram silenciados com a ditadura-civil militar e efetuaram a transferência dos excedentes sem-terra para a Amazônia.

O contexto histórico do estado do Espírito Santo nesse período, de acordo com Daré (2010), apresentava uma economia agrária, sendo que o principal produto era o café que se destinava à exportação. Uma análise econômica da época chegou à conclusão de que o Espírito Santo se apresentava economicamente atrasado. Pois, além de possuir apenas um principal produto econômico, não possuía um mercado integrado aos demais estados.

Sendo assim, o governo do estado do Espírito Santo, no intuito de modificar a economia, iniciou o processo de inserção da industrialização no estado. Este era visto como a única saída para solucionar o atraso econômico (DALAPICOLA, 2014).

E de acordo com Daré (2010), o processo de industrialização envolveu algumas políticas, dentre elas foram elaboradas leis, no ano de 1960, que criaram o Conselho de Desenvolvimento Econômico (CODEC), o Fundo de Crédito Rural e ainda, o incentivo ao setor industrial. A partir disso, ocorreu a inserção da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), esta teve um papel significativo para o processo de industrialização do estado do Espírito Santo, gerando impactos econômicos nos setores agrários, cada vez mais suprimidos pela economia industrial.

Os problemas agrários apresentados das regiões Sul e Nordeste, bem como, as mudanças econômicas no estado do Espírito Santo diante de uma ditadura militar instalada que apresentava desdobramentos para uma política migratória em direção a Região

Amazônica, fizeram parte do quadro que intensificou as migrações de diversas partes do país para Rondônia.

O projeto de expansão da fronteira agrícola para Rondônia, de acordo com Franco (2019), não levou em consideração as populações que já residiam nessas localidades, indígenas compostos por diversas etnias, caboclos, ribeirinhos, trabalhadores da indústria da borracha que vieram de outros processos migratórios anteriores. O objetivo era gerar riquezas através da agricultura e pecuária na Região Amazônica. Pois, na ditadura militar considerava-se que esta região ainda não havia sido explorada economicamente.

Assim, Rondônia foi planejada pelo governo respondendo a interesses políticos, econômicos e militares. Dentre os quais se destacam a proteção de fronteira nacional, proteção e exploração de recursos minerais e redirecionamento da população excedente e sem-terra das outras regiões, como forma de aliviar as tensões no campo sem fazer a reforma agrária. Isto resultou conseqüentemente no crescimento populacional da Região Amazônica (HENRIQUES, 1994).

Do mesmo modo Moser e Ernesto (2016) discorrendo ainda a respeito da criação de Rondônia afirmam que esta surgiu para beneficiar a elite no Centro-Sul do país que apoiava a ditadura militar, pois, dentre os propósitos estava a manutenção da configuração de terras nessa região. Assim, eles relatam que:

A referida ocupação sobre a Amazônia, projetada durante período militar, esteve ligada aos centros economicamente hegemônicos da sociedade brasileira daquele período, amplamente apoiada pelo Estado. Assim, a migração para Rondônia, esteve ligada a proposições políticas dos militares para Amazônia e, dessa forma, na região do primeiro projeto de colonização do estado, o PIC Ouro Preto, compreende-se que o que causou a migração para o Estado de Rondônia foram relações de poder no âmbito civil-militar nacional, ligando-se diretamente a manutenção de uma concentração de terras tradicionalmente presente no Brasil, o grande latifúndio (MOSER; ERNESTO, 2016, p. 16).

Uma das características dos migrantes da década de 1970 ainda segundo os autores citados acima, é que estes na maioria eram agricultores que já haviam migrado de diversos estados. Estes vieram de localidades que havia conflitos ou áreas em que a modernização da agricultura se desenvolvia para a monocultura. Assim, a Região Amazônica, de algum modo, se apresentava como solução para os problemas. Contudo, como já apontamos essa migração se apresentava influenciada pelo estado militar autoritário.

É neste contexto que ocorreram as migrações pomeranas para Rondônia. Estes saíram de vários municípios do Espírito Santo, atraídos também pela possibilidade de obterem seu próprio pedaço de terra. Desse modo, Jacob (2011) relata que as primeiras famílias pomeranas

que migraram para Rondônia deslocaram-se no ano de 1967 e estavam constituídas em torno de 32 pessoas.

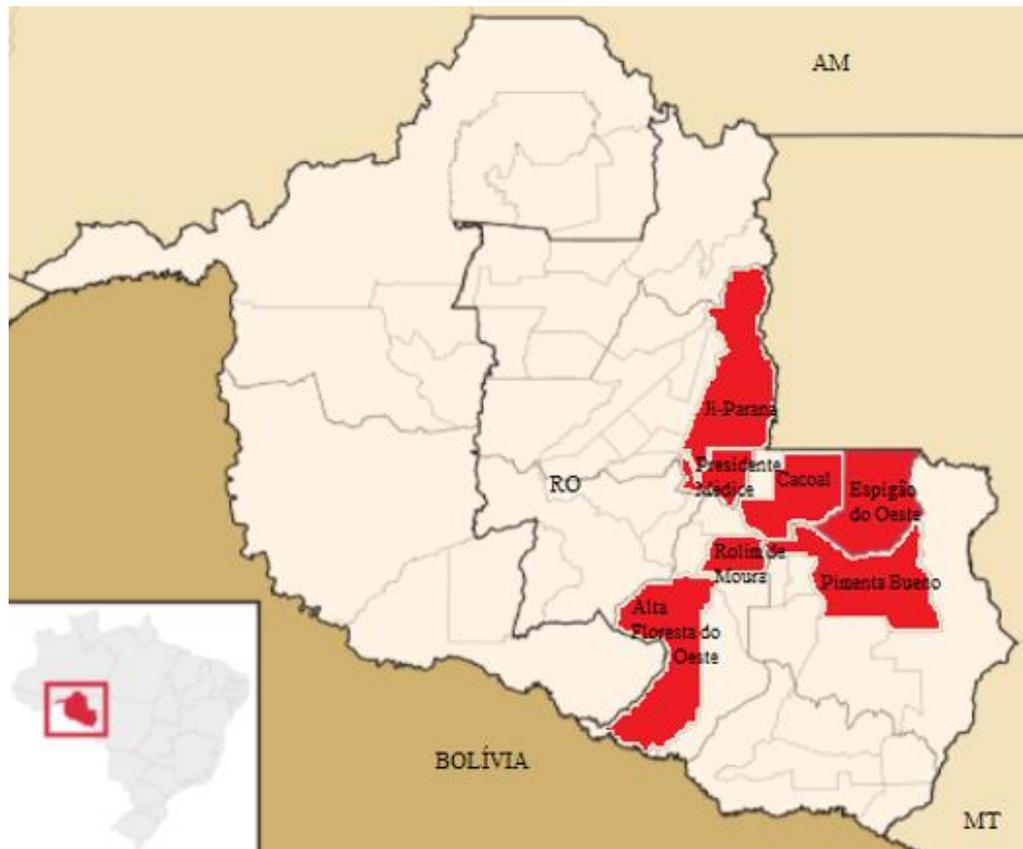
No entanto, durante o projeto de colonização da Região Amazônica, Henriques (1984) relata que não se tinha conhecimento técnico sobre as condições do solo, clima e vegetação dessa região, havia ainda, uma falta de estrutura agrícola que causava a ineficiência do projeto. Além disso, o autor ressalta que os assentamentos não foram pacíficos, causaram conflitos com povos indígenas quando adentravam em seus territórios e ainda, ocorria a grilagem de terras.

Outras questões que surgem em relação a distribuição de terras em Rondônia são as que Wesche (1978) relata, que muitas propriedades não foram documentadas e, além disso, foram ocupadas por títulos provisórios e mal definidos em suas extensões e limites. Conforme as estradas foram sendo abertas, provocou uma ocupação não legal, além de vendas de terras com títulos ilegais. Muitos faziam queixa ao próprio INCRA da sua forma de administração. E ainda, as primeiras colônias estavam sob um solo de péssima qualidade, isoladas com quase nenhuma assistência governamental.

Este autor ainda ressalta que os colonos ao receber os lotes deveriam iniciar o quanto antes o desmatamento para seguir o plano de desenvolvimento do governo que durava cerca de cinco anos, caso contrário, esses lotes eram retornados para o INCRA. Assim, os migrantes como atividade de subsistência, além da pecuária, praticavam as culturas de milho, arroz, feijão e mandioca.

Os migrantes que resistiram a todas essas dificuldades, reconstruíram suas vidas em um novo território imprimindo suas marcas culturais. De acordo com Seibel (2016), dos pomeranos que foram para Rondônia, atualmente, estão distribuídos entre os municípios de Espigão do Oeste, Pimenta Bueno, Cacoal, Rolim de Moura, Ji-Paraná, Presidente Médici e Alta Floresta do Oeste (Figura 6). Entretanto, é no primeiro deles que se concentra o maior quantitativo e presença pomerana. Ao todo, o autor estima que vivem 30 mil descendentes de pomeranos em Rondônia.

Figura 6 - Distribuição dos pomeranos no estado de Rondônia



Fonte: Elaborado por Débora Holz.

Visto que o município de Espigão do Oeste é citado por maior concentração de pomeranos, o Governo do Estado de Rondônia destaca que dos 40 mil habitantes que este município possui, 15 mil seriam descendentes de pomeranos e a predominância desta população está concentrada na zona rural. Assim, o destaque econômico deste município é a produção agrícola, principalmente no cultivo de café e produção de Leite (BINSZTOK, 2006).

E segundo Jacob (2011) os pomeranos neste lugar além de colaborarem para a economia local, também contribuem e agregam culturalmente através da preservação a língua materna, dos ritos culturais, da culinária e a religiosidade que consiste, majoritariamente, no Luteranismo.

Diante de todas essas considerações acima, Becker (2005) cita que a ocupação da Região Amazônica em geral provocou significativas mudanças. Entre elas destaca as estradas, as telecomunicações, modificações na economia que passou do extrativismo para a industrialização, modificação do povoamento tradicional da Amazônia, povoamento ao longo das estradas e não mais nas estruturas fluviais, forte migração, urbanização, os conflitos pela

terra, unidades de conservação, demarcação de terras indígenas, além de profundas mudanças ambientais.

Desse modo, apresentei nesta seção alguns aspectos históricos geográficos associados as migrações para o estado de Rondônia a partir da década de 1960. Na qual o grupo étnico de pomeranos também fez parte dos que migraram e se fazem expressivos neste estado. Este, portanto, se constitui em uma ocupação recente da Região Amazônica, na qual foi obtida, sobretudo, através de investimentos públicos para a criação de infraestrutura para que pudesse acelerar o processo migratório interno para esta região do Brasil.

No entanto, antes de adentrar as particularidades relacionadas a migração pomerana proveniente do estado do Espírito Santo para Rondônia, irei discorrer no próximo capítulo sobre as bases teóricas e metodológicas que fizeram parte da construção desta pesquisa, bem como, o caminho que percorri para que pudesse fazer as análises contidas nos capítulos posteriores ao que se segue.

3. A CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISA: CAMINHOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

No capítulo anterior foi elencado elementos pertinentes aos estudos populacionais na ciência geográfica. Atravessar este caminho contribui significativamente para a escolha do método de análise dos processos que levaram a migração pomerana do estado do Espírito Santo para o estado de Rondônia. Além disso, o contexto histórico e geográfico da migração pomerana retratado acima, propicia o entendimento de como este grupo étnico veio a fazer parte da Região Amazônica brasileira.

Sendo assim, o objetivo deste capítulo é apresentar as bases teóricas e metodológicas da presente pesquisa, o que servirá de sustentação para o desdobramento analítico. Desse modo, o início do capítulo realça o papel das redes populacionais no arranjo dos fenômenos migratórios. Portanto, o conceito teórico de redes consiste no pilar central para a análise do fenômeno migratório dos pomeranos do Espírito Santo para Rondônia. Acredito que através do entendimento e uso deste conceito geográfico nos permitirá compreender melhor as causas da migração e permanência de pomeranos em Rondônia.

A produção do conhecimento reúne múltiplos desafios que necessitam ser pensados de modo que teoria e método estejam imbricados. Assim, no que diz respeito às ferramentas metodológicas para a execução prática desta pesquisa, saliento que o trabalho de campo se mostra como ferramenta crucial e muito tradicional nos estudos geográficos. Entendendo a relevância do trabalho de campo para a pesquisa geográfica, vemos que esta não se constitui apenas como uma atividade para a coleta de dados, porém, antes, é um lugar de descobertas em que podem surgir questionamentos. Uma vez que, no trabalho de campo podem ocorrer interferências na maneira como o pesquisador interpretará o fenômeno estudado e a dimensão espacial que compreende as dinâmicas e sujeitos envolvidos (ROBAINA, 2018).

Portanto, considerando a relevância de se ir a campo, a segunda parte deste capítulo relata que havia planejado um período de trabalho de campo em Rondônia, na qual haveria um deslocamento físico por parte da pesquisadora que vos escreve. No entanto, este planejamento ocorreu anterior ao surgimento da pandemia do Novo Coronavírus que impôs medidas de segurança sanitária para que pudéssemos sair desse quadro, entre elas, o distanciamento físico. Considerei este movimento necessário para retratar as mudanças que o fazer geográfico implica ao interagir com o cotidiano.

E por fim, na terceira seção deste capítulo metodológico, objetivei discorrer sobre as alternativas exploradas para desenvolver um trabalho de campo em tempos de pandemia. Além disso, evidenciei que as entrevistas se constituíram como instrumento central de análise

para fenômeno em questão. Feito estas considerações introdutórias, sobre os elementos que compõem as discussões deste capítulo, segue sua apresentação.

3.1 UMA SÍNTESE DO REFERENCIAL TEÓRICO QUE ORIENTA A PESQUISA

A discussão basilar nesta dissertação sobre a migração pomerana para a Região Amazônica brasileira, especificamente, para o estado de Rondônia, diz respeito as configurações de redes socioespaciais presentes neste processo. Uma vez que as migrações não ocorreram de forma aleatória, mas associada às redes. Desse modo, o conceito de rede é o aporte teórico geográfico que nos orienta centralmente ao longo deste debate.

Nos processos migratórios dos descendentes de pomeranos para a Região Amazônica, vimos que estes deixaram o seu local de origem, no caso o estado do Espírito Santo, por fatores dos quais se sentiram descontentes com a realidade vivida e ficaram atraídos, sobretudo, pela facilidade do acesso à terra nos locais que estes se destinaram em Rondônia. No entanto, é possível afirmar que a migração dos pomeranos não ocorreu de forma aleatória, pois, como veremos no quarto capítulo, houve intermediação das redes socioespaciais na qual eles fazem parte, que estruturaram e favoreceram/organizaram estes fluxos, fazendo com que estes permanecessem em Rondônia criando vínculos.

Isto revela a importância das redes para o fenômeno em análise. Dessa forma, buscamos através das bibliografias citadas apresentar como o conceito de redes tem sido inserido nas ciências, especialmente, na geografia e quais aspectos evidenciados que devem ser levados em consideração em momento de análise a partir da perspectiva das redes.

De acordo com Dias (2000) o conceito de rede não é recente e nem a preocupação de entender seus efeitos sobre o território. As redes aparecem como conceito chave no pensamento de Saint-Simon (1760-1825) que possuía uma linha de ideia socialista tecnocrática que objetivava o estabelecimento de um sistema geral de comunicações para a integração territorial do mercado.

Portanto, a partir do século XIX com as inovações surgindo em escala mundial como as ferrovias, rodovias, telegrafias permitiu interligar espaços ainda mais distantes e conseqüentemente aumentou o fluxo de circulação e comunicação das pessoas. Isto proporcionou um pensamento de redes associado as técnicas. Esta rede técnica era, sobretudo, uma demanda da sociedade burguesa que tinha a intensão de reduzir as barreiras espaciais impostas para a difusão capitalista, porém, com a multiplicação das redes, estas transformaram o mundo cada vez mais em tramas fechadas (DIAS, 2000).

Ainda segundo Dias (2000), as redes nas ciências sociais têm sido pensadas de diferentes maneiras. Portanto, evidencio que este não é um conceito exclusivo da geografia. Mas no contexto contemporâneo, foi especificamente na ciência geográfica que o conceito de redes reapareceu fazendo relações com a urbanização e com o território. Neste estudo, as redes estão associadas as relações socioespaciais que participaram diretamente nas migrações pomeranas.

Apesar das ciências humanas e sociais de um modo em geral utilizarem o conceito de redes, Haesbaert (1997) ressalta que na ciência geográfica pensar as sociedades articuladas em redes, bem como, os conceitos de redes migratórias é relativamente recente. Como vimos, estas surgem com a modernidade capitalista e com o avanço das tecnologias, momento em que se ampliam as redes informacionais, transformando o espaço social cada vez mais global.

No entanto, as vivências através de articulações em redes é comum aos seres humanos. Raffestin (1980) ressalta geograficamente que todos os indivíduos pertencem a alguma rede socioespacial, cada grupo está inserido em uma ou mais redes, dado que as próprias sociedades se formam em alguma medida em redes.

E quando analisamos as redes socioespaciais nos processos migratórios percebemos o quanto elas são essenciais pelo fato de exercerem tamanha influência até ao ponto de Truzzi (2008) afirmar que locais distantes podem ser mais próximos aos migrantes quando se tem a informações de moradia, emprego através de fontes confiáveis, do que a locais próximos, espaços que são vizinhos, mas que não se tem esse tipo de informação por não possuírem determinadas redes.

Esta afirmação é relevante e deve ser levada em consideração quando olhamos para a distância geográfica que separa os estados do Espírito Santo e Rondônia, concomitante ao período histórico vivido no Brasil na década de 1970 adiante. Tratava-se da ampliação das articulações nacionais, dos incentivos a população a migrar, especialmente, para a Região Amazônica através de propagandas que traziam informações específicas. Portanto, existiam redes articuladas que alimentavam as migrações para Rondônia.

Desse modo, Truzzi (2008) ressalta que o conceito de rede vem ganhando cada vez mais destaque nas análises que dizem respeito aos temas das decisões de migrar e nas escolhas dos locais de destino. Pois, independentemente das condições estruturais dessas regiões, origem e destino dos migrantes, este autor afirma que o papel dos agentes e suas redes acabam se destacando pela influência que exercem. As redes se constituem, tanto no partir como no chegar. O autor ainda afirma que “as redes de envio e de recepção de migrantes interagem e conformam novas redes, formadoras de novas sociabilidades” (p. 211).

Assim, o papel do pesquisador é buscar as conexões dessas redes para compreender geograficamente os fluxos de migração.

As redes, ainda de acordo com Haesbaert (1997), se manifestam nas relações através de pontos e linhas. E deve ser levado em consideração as características dos atores envolvidos, o tipo de relação, o tipo de fluxo, o conteúdo que circula na rede e a escala geográfica que ela atinge. Levando em consideração esses elementos característicos das redes, Dias (2000) também nos apresenta a propriedade das redes, estas estão expressas nas palavras abaixo:

Os fluxos, de todo tipo – das mercadorias às informações pressupõem a existência das redes. A primeira propriedade das redes é a conexidade – qualidade de conexo –, que tem ou em que há conexão, ligação. Os nós das redes são assim lugares de conexões, lugares de poder e de referência, como sugere RAFFESTIN. É antes de tudo pela conexidade que a rede solidariza os elementos. Mas ao mesmo tempo em que tem o potencial de solidarizar, de conectar, também tem de excluir (Dias, 2000, p. 148).

Além disso, as redes não são estáticas, pois, elas se moldam conforme as diferentes situações. Sendo assim, elas são flexíveis, móveis e inacabadas. As redes estão sempre em transformação independente da escala, sejam elas pequenas ou grandes. E as informações que circulam nas redes é que vão dar significado ao movimento (RAFFESTIN, 1980).

Assim, as informações que resultam em processos migratórios, segundo Truzzi (2008), normalmente são de redes familiares ou redes de nível de uma aldeia ou ainda redes que exercem impactos em uma microrregião. Para o autor, quanto mais proximidade houver da rede de migração mais chances de ser influenciado a migrar. Esse autor ainda ressalta sobre a confiabilidade das informações, visto que, as pessoas tendem a confiar mais em informações de parentes, pessoas próximas, através de cartas ou ao vivo do que em folhetos de propagandas.

A partir das escalas que as informações nas redes de relações socioespaciais atingem e influenciam a migração, conforme o autor menciona acima, contribui para refletirmos sobre a expressividade de pomeranos que migraram e vivem em Rondônia e seus locais de origem no Espírito Santo. Isto é relevante para compreendermos o papel que as redes tiveram no processo migratório deste grupo étnico.

Visto que neste processo é comum ocorrer um tipo de migração em cadeia. Este, portanto, corresponde ao deslocamento de indivíduos através de informações ou influências de familiares ou pessoas conhecidas instaladas no destino. Desse modo, Truzzi (2008) discorre que:

De qualquer modo, o emprego dos termos cadeias e redes, em suas acepções mais restritas ou abrangentes, procura sublinhar a circunstância de que muitos decidiam emigrar após informarem-se previamente das oportunidades (e dificuldades) com imigrantes anteriores, seja por carta, seja quando retornavam. Estes podiam prover tanto informações no tocante às perspectivas de emprego e alojamento iniciais, como recursos, por meio de remessas monetárias, que pudessem financiar e assim viabilizar a viagem. Cabe, nesse sentido, sublinhar o papel ativo dos emigrados na sociedade de origem, de modo a influenciar o comportamento de novos migrantes potenciais, estimulando ou refreando projetos, expectativas e investimentos futuros (TRUZZI, 2008, p. 203).

Portanto, vimos que as redes fornecem contextos sociais para aqueles que desejam migrar. Assim, a perspectiva das redes busca, precisamente, explicar como são estabelecidas essas relações sociais. Isto nos permite evidenciar além dos fatores econômicos, os elementos culturais e políticos dos fenômenos migratórios. Pois, a maioria dos estudos migratórios procura discutir as teorias econômicas, dessa maneira, o estudo da migração através das redes vai em contraposição aos estudos tradicionais de migração.

De acordo com Raffestinn (1980) as redes contribuem para modelar o quadro espaço-temporal, pois “o desenho, a construção e utilização de uma rede dependem dos meios à disposição (energia e informação), dos códigos técnicos, sociopolíticos e socioeconômicos, assim como dos objetivos dos atores” (p. 204). Portanto, são os atores que criam e controlam pontos das redes, dos fluxos que surgem e das informações que circulam nas redes.

Desse modo, o autor citado está nos dizendo que as redes têm a possibilidade tanto de aprisionar as pessoas no espaço, como também de libertá-las, porque elas se constituem como instrumentos de poder. Assim, é possível reiterar que as redes de relações sociais pomeranas tiveram o potencial de determinar quais dos descendentes de pomeranos iriam migrar ou permanecer no seu local de origem. Portanto, esta seleção ocorreu de acordo com as redes nas quais os pomeranos estavam articulados.

Consequentemente, alguns fluxos migratórios também podem se perpetuar, visto que, as redes as alimentam. De acordo com Truzzi (2008) “mesmo que cessadas as condições estruturais que lhes deram início, os fluxos populacionais persistem porque o estoque de indivíduos de uma determinada origem incentiva e facilita a vinda de parentes ou conterrâneos” (p. 209). Em vista disso, apesar da migração pomerana do estado do Espírito Santo para o estado de Rondônia ter ocorrido com maiores fluxos entre as décadas de 1970 e 1980, isto não significa afirmar que esta tenha cessado nos dias de hoje. Pois, conforme veremos no último capítulo desta dissertação, mesmo que seja em uma menor escala, não podemos rejeitar o fato de que ainda hoje os pomeranos do Espírito Santo migram para Rondônia.

É nesse sentido que afirmo que as redes têm um papel fundamental nos processos migratórios. Sendo assim, busco evidenciar neste estudo o papel que elas exercem na migração pomerana para a Região Amazônica brasileira. Além disso, me preocupei também em apontar as novas redes de relações pomeranas estabelecidas em Rondônia que possibilitaram a sua permanência. Portanto isso será discutido, excepcionalmente, no quarto capítulo desta dissertação consistindo como resultados desta pesquisa.

No entanto, antes de adentrarmos nas especificidades das redes pomeranas, justifico a seguir como esta pesquisa foi construída. Discorro nesta próxima seção os caminhos percorridos e as escolhas metodológicas elegidas em virtude do momento pandêmico que atravessamos. Visto que, este influenciou em parte nas escolhas e nas decisões do modo de como a pesquisa foi realizada.

3.2 PANDEMIA, REORGANIZAÇÃO DOS TRABALHOS DE CAMPO E MUDANÇAS NOS RUMOS DA PESQUISA

Considero necessário expor a presença do Novo Coronavírus durante a execução deste estudo como forma de registro histórico e mudança na própria configuração no modo de execução da pesquisa, evidenciando o quanto é árduo realizar pesquisas e que estas nem sempre são possíveis da forma como a planejamos. Visto que, as pesquisas também são influenciadas pelas fases que atravessamos em nosso cotidiano.

Início esclarecendo como se originou a idealização deste estudo e o modo como este havia sido construído em um projeto anterior. Reintegro que esta investigação carrega de algum modo, uma continuação do trabalho de conclusão de curso² em geografia que realizei sobre a própria localidade na qual territorialmente faço parte e onde nasci, o Córrego do Água Limpa localizado na área rural do município de Baixo Guandu, Região Noroeste do estado do Espírito Santo.

O Córrego do Água Limpa foi formado pelo agrupamento de pomeranos que haviam migrado de municípios do Espírito Santo como Santa Maria de Jetibá e Santa Leopoldina. Passado algumas décadas, havendo uma concentração expressiva de pessoas, ocorreu o fenômeno de emigração nesta localidade, sobretudo, nas décadas de 1970 e 1980. Foi visto que muitos pomeranos que deixaram esta localidade se destinaram a Rondônia, bem como,

² Cujo o título: Da gênese à decadência: uma análise geográfica sobre as transformações da paisagem pomerana no Córrego do Água Limpa.

para áreas urbanas do Espírito Santo, dentre elas a Região metropolitana e que ainda estes mantêm relações por laços familiares ou de amizade com aqueles que permaneceram.

Reconhecendo a relevância geográfica deste fenômeno, me propus a pesquisar nesta dissertação a migração pomerana do estado do Espírito Santo para Rondônia, ou seja, a migração que ocorreu não somente do Córrego do Água Limpa, mas também de outras localidades deste estado. Assim, a proposta metodológica inicial consistia em um trabalho de campo que objetivava o meu deslocamento físico até Rondônia por meio de uma das linhas de ônibus que faz a conexão entre estes dois estados³.

Existem pelo menos três empresas de ônibus (Pretti, Eucatur e Gontijo⁴) que fazem o percurso entre o Espírito Santo e Rondônia. Atualmente essas linhas saem do Espírito Santo uma vez por semana e quinzenalmente. No entanto, segundo um funcionário da Pretti elas já fizeram esse percurso saindo todos os dias com passageiros, mas com a ampliação de escalas aéreas em Rondônia fez com que diminuíssem a procura por viagens via terrestre. Contudo, as linhas de ônibus continuam sendo o principal meio de locomoção dos pomeranos entre esses dois estados.

Portanto, a práxis da pesquisa se iniciava no Espírito Santo dentro do ônibus, pois, eu iria fazer o percurso que muitos pomeranos fizeram e ainda fazem, já que, eles mantêm ativa a rede de relações entre esses dois estados e este percurso realizado por estas linhas de ônibus se constitui como um elemento na própria memória e identidade de muitos migrantes capixabas para Rondônia. Este deslocamento me submetia a escolha de um recorte espacial menor em virtude dos limites que o próprio deslocamento físico condiciona. Assim, havia selecionado inicialmente como recorte espacial da pesquisa a cidade de Espigão do Oeste por ser um município de Rondônia em que se evidencia uma grande concentração de pomeranos neste estado, conforme a reportagem jornalística expõe abaixo:

Pomeranos: Espigão D'Oeste mantém antiga tradição do povo europeu. Com 60% dos moradores sendo de famílias pomeranas, a cidade de Espigão D'Oeste (RO) mantém viva a tradição antiga do povo europeu. Originários da Pomerânia, os pomeranos começaram a migrar para o Brasil no final do Século 19. O Espírito Santo foi uma das portas de entradas para centenas de famílias entre 1872 e 1873. Enquanto estavam na terra capixaba, algumas famílias começaram a receber convites para morar em Espigão. Martino Tesch foi o primeiro a chegar na cidade, a

³ De acordo com um dos funcionários da empresa de ônibus Pretti, entrevistado no dia 20 de agosto de 2021 no período matutino, o itinerário Espírito Santo - Rondônia teve início no ano de 1973, visto que alguns migrantes já a utilizavam como meio de locomoção no processo migratório.

⁴ A empresa Pretti: sai quinzenalmente às terças-feiras, às 15 horas e 10 minutos da rodoviária de Vitória; a Eucatur: sai semanalmente às segundas e sextas-feiras, às 15 horas e 10 minutos da rodoviária de Vitória; a Gontijo: sai semanalmente aos domingos, às 10 horas e 25 minutos da rodoviária de Vitória. E o valor de uma passagem até Pimenta Bueno, cidade mais próxima de Espigão do Oeste, onde faz parte do itinerário das linhas de ônibus, está em média de 600,00 reais.

passeio, convidado por um amigo. A terra barata o fez convidar outros amigos do Espírito Santo para Rondônia. "Em junho de 1969 fiz duas mudanças, com mais de 30 famílias, entre duas famílias, dois vovôs", diz. O casamento na cidade também segue a cultura pomerana, que envolve parentes e amigos no ritual. Para manter a tradição, os pomeranos criaram até uma associação em Espigão. "Em junho nós fizemos a última festa. A gente matou mais de 15 cabeças de gado, fizemos mais de mil quilos de linguiça e faltou linguiça e a gente fica contente porque a cultura tá crescendo mais a cada ano", diz o presidente da associação (REDE AMAZÔNICA, 2019).

Outra justificativa desta escolha espacial se daria pelo fato de meus pais e amigos residentes do Córrego do Água Limpa possuírem laços de amizade com aqueles que deixaram este local e migraram para o município de Espigão do Oeste o que facilitaria a minha entrada junto ao campo e, respectivamente, na coleta dos dados para a própria pesquisa.

Mediante estes argumentos eu iria até ao encontro destes migrantes e me hospedaria na residência do amigo do meu pai, situado na área urbana do município de Espigão do Oeste e permaneceria até o término do trabalho de campo. Visto que meu pai havia falado anteriormente a respeito da minha pesquisa e este se demonstrou feliz em poder me acolher em sua residência. Este emigrou do Córrego do Água Limpa com a sua família, a esposa, os filhos, os pais e os irmãos na década de 1980. Em Rondônia, inicialmente foi para Pimenta Bueno onde ainda mantém o seu sítio com a criação de gado, mas ao longo do tempo adquiriu também uma residência na área urbana de Espigão do Oeste com a justificativa de estar mais próximo das vantagens que esta área oferece, como serviços médicos e bancários, além da proximidade da Igreja Luterana.

Esta ação possibilitaria desenvolver o estudo do fenômeno mencionado por meio de entrevistas semiestruturadas e em profundidade. Os entrevistados seriam selecionados através da metodologia de bola de neve ou "snowball" que consiste em cada entrevistado indicar uma ou mais pessoas para uma próxima possível entrevista (BALDIN; MUNHOZ, 2011). Tal prática me beneficiaria pelas possibilidades de novas descobertas e caminhos que este tipo de metodologia pode oferecer.

Além disso, havia proposto uma análise geográfica para o fenômeno considerando os processos territoriais de desterritorialização e reterritorialização da migração pomerana em Rondônia associadas às questões identitárias, mas teve que ser modificado ao longo desta pesquisa pelo fato da pandemia nos impor algumas restrições. Nesse sentido, decidi limitar a análise do estudo considerando apenas as conjunturas estruturais dos estados do Espírito Santo e Rondônia e as redes de relações sociais pomeranas que desencadearam este fenômeno. Segue um trecho do antigo projeto:

Analisaremos os processos de des(re)territorialização, redes e identidade, associadas à migração dos pomeranos do estado do Espírito Santo para o estado de Rondônia no período de 1967 a 2020. Sendo assim, o recorte temporal da pesquisa compreende-se desde a saída dos primeiros pomeranos do Espírito Santo para Rondônia, especialmente para o município de Espigão do Oeste (HOLZ, 2018, p.1).

No entanto, a pandemia provocou mudanças metodológicas e analíticas ao desenrolar desta pesquisa. Afetou também a busca por referências bibliográficas em bibliotecas e outros documentos que houvesse a necessidade de deslocamento físico, especialmente, no estado de Rondônia. E ainda, não podemos deixar de mencionar o quanto a pandemia do Novo Coronavírus nos desestabilizou emocionalmente diante da falta de conhecimento das consequências para a nossa saúde, na transformação da rotina e as incertezas quanto ao futuro.

Foi visto também, durante a execução prática da pesquisa, o quanto os entrevistados estavam abalados e o assunto da pandemia era recorrente durante as conversas a respeito da migração para Rondônia. Os riscos à saúde causados pelo Covid-19 afetaram as práticas cotidianas, as relações sociais, e as próprias redes pomeranas.

A pandemia do Novo Coronavírus chegou ao Brasil no início do ano de 2020 e persiste ainda gravemente até o presente momento em que escrevo esta dissertação. Esta impossibilitou a opção metodológica descrita acima por trazer riscos a minha saúde e de todos os sujeitos envolvidos. No entanto, ela nos conduziu a buscar novas possibilidades de se realizar entrevistas semiestruturadas, sobretudo, na era tecnológica na qual nos encontramos.

Sendo assim, me dediquei a discorrer na próxima seção os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, especificamente, por meio da utilização das entrevistas como das possibilidades que a internet nos oferece. Apresento ainda o instrumento de análise e busco esclarecer como ocorreu cada etapa do processo, desde a seleção dos entrevistados até o momento de análise.

3.3 POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS EM PESQUISA QUALITATIVA NOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS: AS ENTREVISTAS COMO INSTRUMENTO CENTRAL DE ANÁLISE

Os métodos de pesquisa qualitativa são importantes, sobretudo, nas ciências sociais, pois, permitem diferentes metodologias de investigação. Fato que contribui para maior profundidade em análises específicas como o tema abordado. Neste estudo, os métodos qualitativos, portanto, se tornam relevantes pela possibilidade que temos em conhecer o processo que levou os descendentes de pomeranos residentes no estado do Espírito Santo a migrar para Rondônia e os desdobramentos resultantes desta migração.

As entrevistas são importantes ferramentas de pesquisa dos métodos qualitativos. No entanto, é necessário discernir quando devemos utilizá-las como instrumento para coleta de dados em pesquisas. A esta questão recorreremos a contribuição de Duarte (2004), conforme segue abaixo:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelece no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (DUARTE, 2004, p. 215).

Sendo assim, as entrevistas serão utilizadas como caminho de execução prática desta pesquisa. E no caso da presente análise, as entrevistas seguiram um modelo semiestruturado, pois, de acordo com a autora citada acima, elas propiciam tanto contatos formais quanto informais, com o intuito de provocar um discurso mais livre, uma maior abertura e ampliação dos campos de possibilidades.

No entanto, diante do já exposto aspecto que envolve a pandemia de Covid-19 não foi possível realizar as entrevistas de modo tradicional, assim, recorreremos às tecnologias e o acesso à internet. Mendes (2009) aponta que é possível utilizar a internet para coleta de dados, pois ela está presente no cotidiano das pessoas e se constitui como meio de comunicação para a formação de grupos e redes sociais. Este meio de comunicação veio a ser utilizado ainda mais no contexto da pandemia, inclusive nos âmbitos de pesquisas acadêmicas.

Além disso, o uso da internet como possibilidade imbricado junto com os métodos e procedimentos de pesquisa nos oferece uma série de vantagens, Freitas, Janissek-Muniz e Moscarola (2004) relatam que ela possibilita a não limitação em relação ao tempo, custo e distância. E ainda, o acesso pode ser instantâneo e de escala mundial, assim, é possível obter um volume de dados grandioso com baixo custo podendo se contatar com pessoas dispersas em vários lugares, o que faz com que se tenha maior heterogeneidade na amostra, tornando a pesquisa rica.

É ainda vantajoso o uso da internet para pesquisas em que o acesso se dá a locais perigosos ou ambientes que envolvem algum tipo de risco, como é o caso do momento no qual estamos vivenciando com o Novo Coronavírus. A internet oferece facilidades, tanto para

o pesquisador quanto para o investigado, já que ela pode ser efetivada em qualquer local e momento, além dos diferentes recursos que a internet nos oferece (MENDES, 2009).

Mas também não podemos deixar de mencionar que o uso do ciberespaço apresenta desvantagens em algumas situações. Visto que, Janissek-Muniz e Moscarola (2004) relatam que a internet é ainda um universo que não foi totalmente explorado pela sua funcionalidade e potencialidades. Além disso, o acesso ao público ainda é restrito, pois não atinge toda a população. Portanto, apresenta limitações porque a pesquisa só é possível realizar a quem estiver conectado e ainda os pesquisadores podem ter dificuldades de fazer contato com os informantes.

Desse modo, foi necessário definir o público-alvo para realizar as entrevistas on-line. Assim, optei por entrevistar os primeiros pomeranos que haviam migrado do Espírito Santo para Rondônia, especialmente, aqueles que migraram entre as décadas de 1970 e 1980. Período em que houve a inserção pomerana neste estado e, conseqüentemente, os maiores fluxos migratórios deste grupo étnico. Além disso, este público deveria estar conectado à rede da internet e fazendo uso do aplicativo WhatsApp. A escolha deste aplicativo se deu por ser bastante popular e de grande uso da maioria das pessoas.

A partir disso, pude estabelecer também o recorte espacial da pesquisa. Sabendo que os pomeranos migraram para diferentes municípios em Rondônia, mediante este fato, decidi que com o recurso da internet poderia alcançar pomeranos de qualquer parte deste estado. Assim, o recorte espacial contemplou o próprio estado de Rondônia e não mais um município específico como cogitado em momentos anteriores da pesquisa.

Definido o público-alvo e o recorte espacial, passamos para a seleção dos informantes. Esta se deu por meio da metodologia snowball ou bola de neve, ou ainda também conhecida como cadeia de informantes. Segundo Baldin e Munhoz (2011, apud Wha):

Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”). O “ponto de saturação” é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa (BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 50, apud Wha).

Essa técnica, portanto, funciona como uma espécie de rede. As autoras Baldin e Munhoz (2011, apud Goodman) ainda apontam contribuições nas quais relatam que os primeiros contatos com a amostra da pesquisa são as sementes. E que estas devem ter conhecimento do local e de pessoas que viveram o mesmo processo que está sendo levado em consideração, pois elas indicarão outras pessoas. Assim, é preciso para iniciar as entrevistas

selecionar primeiramente as sementes, as autoras ainda citam que estas devem ser pessoas diversificadas.

As autoras acima também salientam que esta metodologia é não probabilística porque não é possível saber quantas serão as pessoas que poderão ser indicadas pelas sementes. Mas mencionam que uma das vantagens dessa forma de seleção é que as pessoas em rede conhecem outros membros que possam ser relevantes e melhores para o tema abordado, do que a própria seleção do pesquisador. E ainda, há a possibilidade de atingir uma maior heterogeneidade de informantes na pesquisa entre as cadeias investigadas, atingindo pessoas em diferentes cidades.

Esta técnica é bastante pertinente para a metodologia na qual estou propondo para esta pesquisa. Pois, além da impossibilidade de ir pessoalmente a campo como já mencionado, existe o fato de que não possuo muitos contatos ou conhecimento com os pomeranos que residem em Rondônia, já que nunca estive lá antes. Assim, abaixo descrevo como foi o processo das entrevistas.

Antes de entrar em contato com os pomeranos que migraram do estado do Espírito Santo para o estado de Rondônia conversei com vizinhos do Córrego do Água Limpa, sobre o fato de eles conhecerem pessoas que haviam emigrado de lá, já que eu não conhecia ninguém e só tinha ouvido falar em alguns nomes por meio de relatos e histórias. Então um vizinho me passou o nome do Sr. Teófilo Timm, por ser pastor da Igreja Luterana em Rondônia e conhecer muitas pessoas, este poderia me indicar outros pomeranos para serem entrevistados. Assim, efetuei uma busca pela internet, utilizando o aplicativo Facebook e fiz uma solicitação de amizade, correndo o risco de ser aceita ou não. Iniciei uma conversa me identificando e explicando quem havia me passado o seu contato e o objetivo de estar falando com ele. Logo este se mostrou solícito e disponibilizou o número do WhatsApp para dar prosseguimento a entrevista.

O início das entrevistas aconteceu no período das comemorações do natal e final de ano e as pessoas estavam ocupadas com os preparativos das festas que comumente acontecem nesse período e, mesmo durante a pandemia as festividades ocorreriam apenas entre os familiares. Sendo assim, este primeiro entrevistado sugeriu que eu enviasse um áudio pelo WhatsApp com as questões da entrevista para que em algum momento mais oportuno elas fossem respondidas. E assim foi realizada a primeira entrevista de forma on-line, as questões foram enviadas através de áudios pelo aplicativo do WhatsApp e respondidas também por meio de áudios, permanecendo gravadas neste aplicativo para que posteriormente pudesse ser transcrita e analisada.

Este entrevistado passou o contato do número do WhatsApp de pelo menos mais duas pessoas descendentes de pomeranos para que também pudessem ser entrevistados. Mas primeiramente ele entrou em contato com elas para que autorizasse a sua participação na pesquisa. Após a autorização, foram realizadas mais duas entrevistas utilizando o recurso do WhatsApp. Assim, a segunda entrevista também foi feita da mesma forma que a primeira, enviando áudios para que depois pudesse ser respondida. No entanto, tive que em alguns momentos enviar mensagem lembrando o entrevistado para que assim que este disponibilizasse de tempo pudesse responder a entrevista já que havia passado mais de uma semana que havia obtido retorno. Este se demonstrou compreensível e assim que pode, respondeu as questões também através de áudios. O entrevistado também fez uma indicação que resultou em mais uma entrevista e desta entrevista resultaram mais duas entrevistas.

Contudo, antes de realizar a terceira entrevista tive que repensar a estratégia já que fiquei apreensiva de que não iria conseguir realizar muitas entrevistas enviando apenas áudios das questões e esperando a resposta dos entrevistados, se continuasse assim, muitos poderiam não responder, como aconteceu com um possível entrevistado que pediu para enviar o questionário escrito, mas até o momento não obtive resposta. Assim, decidi que as próximas entrevistas seriam feitas através de chamadas de voz ou de vídeo pelo WhatsApp.

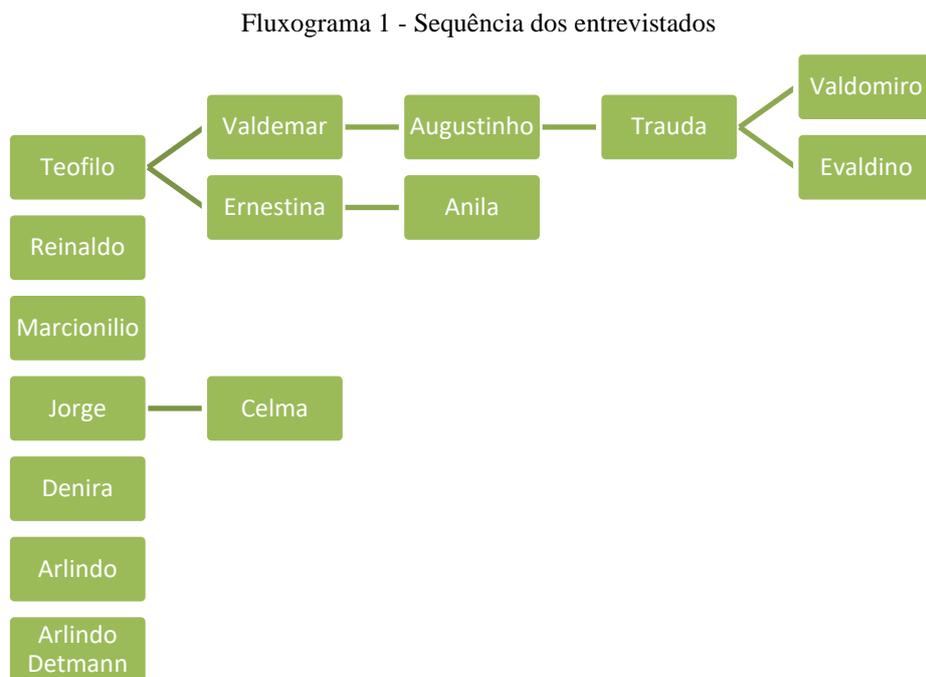
Portanto, a partir da terceira entrevista elas foram realizadas através de chamada de vídeo ou de voz conforme a escolha do entrevistado. Previamente entrava em contato com as pessoas e então marcávamos um dia e horário que o entrevistado estivesse disponível. As pessoas comumente atendiam nesses horários que marcavam, mas em alguns momentos não foi possível realizar a entrevista no horário marcado por problemas com a internet. Esta algumas vezes, estava com um sinal ruim, tanto onde a pesquisadora se encontrava, quanto onde os entrevistados estavam. Assim, não tínhamos êxito em compreender o que cada um estava dizendo, então foi necessário remarcar a entrevista para um outro dia.

Ao todo foram realizadas 15 entrevistas (Fluxograma 1). Inicialmente tinha o nome de cinco pessoas que foram indicadas por vizinhos do Córrego do Água Limpa e pelos meus pais que conheciam pomeranos que haviam migrado para Rondônia. Aqueles que meus pais conheciam e tinham o contato, eles então ligavam previamente e falavam a respeito da minha pesquisa e a partir do momento em que eles aceitavam participar, marcávamos então a entrevista.

Dos cinco entrevistados iniciais resultaram em mais oito entrevistas que foram feitas a partir das indicações destas primeiras sementes. Alguns entrevistados não fizeram indicações, pois, apesar de alegrarem conhecer muitas pessoas, afirmaram não possuir o contato delas. E

ainda, cabe ressaltar que algumas indicações de possíveis entrevistados não obtiveram êxito. Portanto, não foi uma tarefa simples conseguir pessoas para entrevistar pelo fato de não me conhecerem ou até mesmo por não se sentirem confortáveis em compartilhar relatos de suas vidas pessoais através de uma chamada pela internet. Assim, o entrevistado que passava um novo contato tinha também que falar a respeito da minha pesquisa com este pomerano para que houvesse aceitação.

Fiz tentativas de realizar entrevistas com pessoas que participavam de um grupo no WhatsApp chamado “Pomeranos da Amazônia”. Fui adicionada no grupo e apresentada por um colega pomerano de Vila Pavão como pesquisadora da cultura pomerana, falei também dos meus objetivos na pesquisa, relatei que gostaria de conversar com as pessoas sobre os motivos da migração pomerana para Rondônia e então consegui realizar mais duas entrevistas com participantes desse grupo.



Fonte: Elaborado por Débora Holz.

Dentre essas redes técnico-informacionais há pelo menos dois grupos de WhatsApp que a pesquisadora que vos escreve também faz parte e que agrega pomeranos de diferentes estados do Brasil. São eles, o grupo “Pomeranos da Amazônia” como já apontei acima, que conta com 35 participantes; e o grupo “Pomeranos no Brasil” com 163 participantes. Além disso, há grupos na plataforma Facebook com uma maior abrangência de membros, como “Eu falo pomerano” com 6,6 mil membros; “Pomeranos – um povo vencedor” 5,1 mil membros;

“Cultura pomerana” 2,1 mil membros; “Pomeranos/Alemães no Brasil” com 1,5 mil membros.

No entanto, aqueles contatos que conseguia pelas redes sociais da internet sem a mediação de algum pomerano que os conhecia eu não obtive êxito, era necessário alguém intervir e fazer a ponte para que pudesse conseguir fazer as entrevistas através das chamadas de WhatsApp ou até mesmo através de chamadas pelo Facebook. Os entrevistados que eram mediados se colocaram prontamente para contribuir com a pesquisa e ainda, se desculparam por não possuir mais informações. Demonstravam alegria por compartilhar as suas histórias de migração e a pela possibilidade de contribuírem com uma pesquisa de mestrado.

As entrevistas geralmente eram realizadas nos finais de semana, sobretudo, aos domingos quando as pessoas estavam com maior tempo disponível. E a duração das chamadas pelo WhatsApp eram em torno de 20 a 40 minutos, algumas pessoas falavam com mais facilidade, outras já falavam com maior dificuldade. Isto prejudicou explorar com maiores detalhes algumas questões mais específicas na entrevista. Dentre as dificuldades destaco que alguns dos entrevistados não conseguiam se expressar bem em português, já que a sua língua materna é o pomerano. Cabe ressaltar que a pesquisadora que vos escreve ainda não está preparada para conduzir uma entrevista em pomerano, apesar de compreender e falar um pouco do idioma. No entanto, não é suficiente para estabelecer um diálogo. Apesar de meus pais conversarem em pomerano no dia a dia, não incentivaram suas filhas a falar também na língua pomerana, por acreditar que o ensino da língua portuguesa seria mais importante. Isto infelizmente é uma realidade de muitos jovens pomeranos.

Além da dificuldade de comunicação por cada uma das partes se expressar melhor em línguas diferentes, outros contratemplos que surgiram durante as entrevistas foram problemas de audição de alguns entrevistados mais idosos, fato que também afetava a comunicação entre pesquisadora e entrevistado. Algumas vezes também ocorriam interferências na fala dos entrevistados, devido o sinal da internet estar ruim durante as chamadas pelo WhatsApp. Isto era comum, principalmente para alguns entrevistados que residiam em áreas rurais. Estes geralmente não possuíam sinal telefônico, apenas o sinal de Wi-Fi em suas residências. Dessa forma, observei que a melhor opção para fazer as entrevistas era efetivamente o aplicativo do WhatsApp.

E para que as chamadas ficassem gravadas para que os dados pudessem ser transcritos posteriormente e usado para as análises, foi utilizado dois aparelhos de celular, um para efetuar as chamadas pelo aplicativo do WhatsApp e o outro para fazer a gravação de voz. Então ao término de cada entrevista era feita a transcrição. Isto foi relevante para que os dados

não fossem interpretados de maneira deturpada no momento da transcrição por ter passado muitos dias da entrevista.

O período de entrevistas durou 3 meses. Tiveram início em dezembro de 2020 e foram concluídas em fevereiro de 2021. Durante a realização das entrevistas era comum os entrevistados fazerem perguntas direcionadas a minha vida pessoal, como por exemplo, quem eram meus familiares, qual era o meu sobrenome, onde residia, se meus pais também trabalhavam com agricultura, se conhecia lugares nos quais eles conheciam no estado do Espírito Santo. Havia, portanto, uma troca de informações de ambas as partes, o que acabou gerando após as entrevistas a continuação de diálogos e trocas de mensagens pelo WhatsApp, fazendo com que eu fizesse parte das relações sociais que eles mantêm com pomeranos no Espírito Santo.

É de extrema relevância mencionar também que durante a realização das entrevistas busquei explicar aos entrevistados e apresentar os objetivos e os possíveis desdobramentos da pesquisa, para garantir durante o período da coleta de informação um diálogo objetivo e comprometido com o objeto de análise.

Curiosamente duas entrevistas foram realizadas justamente quando os entrevistados estavam a passeio pelo estado do Espírito Santo. Cabe ressaltar ainda que, durante as entrevistas, foi solicitado fotos do contexto da migração, mas a maioria deles relataram a falta de registro, seja pelas dificuldades e pelas condições da época, portanto, não era uma tarefa simples o registro dessas imagens.

Durante o período das entrevistas aconteceram também rodas de conversas pomeranas, estas eram coordenadas pelo dr. Erineu Foerste, professor associado da Universidade Federal do Espírito Santo. Além da minha participação diretamente do Córrego do Água Limpa (ES), haviam convidados como o professor dr. Ismael Tressmann de Santa Maria de Jetibá (ES), o sr. Jorge Kuster Jacob, ativista da cultura pomerana de Vila Pavão (ES). O Sr. Evaldino Koeler de Espigão do Oeste (RO), o professor Josias Kipper de Pimenta Bueno (RO), as pesquisadoras sr.^a Jandira Marquardt Dettmann e a sr.^a Edineia Koeler de Santa Maria de Jetibá (ES), todos os citados são, portanto, descendentes de pomeranos. Tinha-se o objetivo de fortalecer os diálogos sobre as questões pomeranas e, fortalecer o grupo de pesquisadores a respeito da cultura pomerana. E ainda, dialogamos sobre a necessidade de criar uma comissão nacional pomerana que tivesse representantes de todos os estados brasileiros onde possuem comunidades pomeranas.

Essas rodas de conversas fortaleceram ainda mais a minha pesquisa no sentido de ter o apoio dos pesquisadores que já vem produzindo conhecimentos acerca da cultura pomerana e

pelas aprendizagens e contribuições que os diálogos ofereceram. Pois, a migração pomerana para Rondônia também era abordada, se não era o elemento central que orientavam as falas. Portanto, o período de entrevistas possibilitou também momentos de reflexão para a construção da pesquisa.

Após a realização do trabalho de campo virtual, com base em uma conduta ética e uma postura dialógica foi possível obter dados que pudessem compreender em alguma medida o fato de pomeranos de diferentes municípios do Espírito Santo migraram para Rondônia e, entender por que a maioria deles se encontram em Espigão do Oeste. Assim, como elementos centrais para a compreensão deste fenômeno geográfico foram utilizados os fatores de *expulsão, atração, permanências e redes* como importantes categorias para a análise.

Vimos no primeiro capítulo desta dissertação que a ciência geográfica, nos estudos que envolvem processos migratórios, leva em consideração, sobretudo, os fatores de expulsão e atração. No entanto, as redes apresentam um papel fundamental para análise da migração pomerana e a sua permanência em Rondônia, mas veremos isto em maiores detalhes no quarto capítulo desta pesquisa.

E para garantir uma compreensão organizada dos próximos capítulos que tratam das categorias de análise escolhidas do fenômeno da migração dos descendentes de pomeranos do estado do Espírito Santo para o estado de Rondônia a partir da década de 1970, estas foram sintetizadas e apresentamos no Quadro 1 que segue abaixo:

Quadro 1– Categorias e variáveis de análise

| Categoria de análise | | Variáveis |
|----------------------|---------------------|--|
| Migração: | Fatores de expulsão | ➤ Motivações para deixar o Espírito Santo. |
| | Fatores de atração | ➤ Motivações para ir para Rondônia; ➤ O trajeto migratório; ➤ Primeiras vivências em Rondônia. |
| Redes: | Redes Migratórias | ➤ Redes pomeranas no processo migratório; ➤ Redes pomeranas entre Espírito Santo e Rondônia. |
| | Permanências | ➤ Redes de relações sociais pomeranas em Rondônia. |

Fonte: Elaborado por Débora Holz

Portanto, estas categorias possuem base nos estudos migratórios compreendidos na geografia e o objeto de análise da pesquisa é compreender o processo de migração e as redes associadas às práticas migratórias dos pomeranos. Assim foi necessário um instrumento que

nos orientasse a obter informações com base nestas categorias descritas acima. E a partir disso optei pela realização de entrevistas.

Após a realização e validação das entrevistas iniciou-se a sistematização delas. Depois da transcrição das gravações a primeira tarefa foi a organização das entrevistas em trechos, que foram transferidos para um banco de dados segundo as categorias e variáveis de análise construídos ao longo da pesquisa e apresentados no quadro acima.

Portanto, ao final de todo o processo de audição e classificação foram realizadas análises individuais e agrupadas as categorias, associadas as demais informações dos diálogos resultaram nas conclusões acerca do fenômeno relacionado às migrações pomeranas. Esta ação de sistematização teve o objetivo de garantir que preconceções iniciais do fenômeno em questão não fossem evidenciadas.

A análise que resultou desta sistematização será apresentada nos próximos dois capítulos da dissertação que tem como título *“Pomeranos em Rondônia: sobre partidas, chegadas e permanências migratórias”*; e *“Sobre a continuidade das idas e vindas: redes de relações pomeranas entre os estados de Rondônia e Espírito Santo”*.

Portanto, nestes capítulos serão abordados os temas da migração, os fatores de expulsão dos pomeranos do Espírito Santo e os fatores de atração para Rondônia associado às conjunturas estruturais destes dois estados, bem como o contexto histórico. E ainda, relatar sobre as histórias do trajeto de migração e as vivências em Rondônia. Além disso, analisar o papel das redes de relações sociais dos pomeranos nestes processos migratórios e permanência neste estado e, as redes estabelecidas entre os pomeranos no estado do Espírito Santo com os pomeranos no estado de Rondônia. Sendo assim, a seguir inicio ressaltando os elementos envolvidos no processo migratório dos pomeranos.

4. POMERANOS EM RONDÔNIA: SOBRE PARTIDAS, CHEGADAS E PERMANÊNCIAS MIGRATÓRIAS.

O objetivo central deste capítulo é discorrer a respeito dos fatores que envolveram os pomeranos a migrar internamente no Brasil, deixando o estado do Espírito Santo e indo para o estado de Rondônia, até então de fraca economia, rural e de um relativo desconhecimento por parte destes migrantes de origem pomerana. E ainda, busco evidenciar as vivências dos pomeranos durante a migração e após a sua chegada aos municípios em Rondônia.

Portanto, trata-se da partida, da viagem, do trajeto e da chegada a uma nova terra e, da construção de uma nova trajetória do povo pomerano na Região Amazônica brasileira. Assim, as perguntas pelas quais busco respostas são por que os pomeranos emigraram do estado do Espírito Santo? Quem eles deixaram? Por que eles foram para Rondônia? Como foi este processo? E o que mudou em suas vidas? Essas questões serão discutidas a seguir e estão fragmentadas entre as quatro seções que compõem este capítulo.

4.1 “TERRA PRÓPRIA PARA PLANTAR? NO ESPÍRITO SANTO JÁ NÃO ERA MAIS POSSÍVEL”⁵

Vimos no primeiro capítulo que o povo pomerano possui uma presença bastante expressiva no Espírito Santo. Chegaram neste estado a partir do século XIX e, territorializaram-se na Região Montanhosa e, posterior a isso, participaram em diferentes momentos, de fluxos migratórios internos que ocorreram entre os municípios do próprio estado. Isto possibilitou a presença expressiva dos pomeranos, atualmente, em pelo menos treze dos setenta e oito municípios que compõem o estado do Espírito Santo.

Desse modo, inicio esta seção ressaltando a migração interna dos pomeranos que ocorreu no próprio estado do Espírito Santo. Este fato é relevante para compreendermos adiante as motivações que levaram estes a emigrar deste estado. Foi possível identificar no discurso dos pomeranos que as mobilidades espaciais estiveram associadas à busca por melhores condições de vida das quais estavam vivendo. Pois, estes viviam, sobretudo, em áreas rurais do Espírito Santo e a agricultura era o seu meio de sustento e sobrevivência.

Aliás, o estado do Espírito Santo até a década de 1960 tinha sua base econômica predominantemente na agricultura, especificamente no plantio de café (CAÇADOR; GRASSI, 2009). No entanto, alguns aspectos em comum destes pomeranos era a pobreza,

⁵ Evaldino, 63 anos. Espigão do Oeste/RO. Os subtítulos destes dois últimos capítulos foram extraídos das falas dos próprios entrevistados, visto que se trata dos elementos empíricos da pesquisa, elas sintetizam a opinião majoritária destes aos assuntos que cada seção se propõe a discutir.

famílias muito grandes, possuindo pouca ou nenhuma terra que assegurasse a prosperidade econômica dessas famílias conforme afirma uma das entrevistadas: “nós tínhamos um pedaço de terra bem pequenininho lá e era bastante filho né” (Anila, 86 anos. Espigão do Oeste/RO). Assim, mesmo aqueles que possuíam terras não era suficiente para suprir as necessidades da demanda familiar e aqueles pomeranos que não possuíam propriedades viviam como meeiros morando e praticando a agricultura em terras de outros pomeranos, circunstância que também tornava difícil a sobrevivência.

O aspecto citado pode explicar o fato de porque muitos pomeranos viviam se deslocando entre municípios no Espírito Santo. Durante a pesquisa foi constatado essa prática principalmente entre os pomeranos que não possuíam propriedades. Nesse sentido, os entrevistados descrevem os seus lugares de origem no Espírito Santo e aqueles lugares que eles também viveram por algum tempo antes de emigrar deste estado:

Eu nasci e morei em Afonso Cláudio, depois moramos no município de Baixo Guandu, na Barra de Santa Rosa e no Córrego do Água Limpa. E depois fomos, aliás, voltamos para Santa Rosa de novo, aí fomos para o Norte, para Vila Valério (Marcionílio, 67 anos. Alto Alegre dos Parecis/RO).

Eu nasci no município de São Gabriel da Palha, no interior do Córrego do Bley. Eu tenho recordação que durante alguns anos morei no município de Linhares, hoje é São Jorge da Barra Seca, um lugar chamado Tesouro, se não me engano era Córrego do Tesouro. Depois de lá mudamos para um grotão do município de Colatina, um lugar chamado Córrego do Misterioso e depois mudamos para Baixo Guandu (Teófilo, 68 anos. Espigão do Oeste/RO).

Eu morei em Vargem Alegre, onde nasci, município de Barra de São Francisco. Então mudamos para Vila Pavão, onde meu pai comprou um sítio. Às vésperas de completar 18 anos, fui morar em Vitória (Valdemar, 60 anos. Espigão do Oeste/RO).

Nestes percursos realizados no estado do Espírito Santo possibilitava a formação de redes socioespaciais pomeranas. Outras configurações que resultaram na mobilidade espacial pomerana neste estado era a prática cultural da divisão das terras entre os filhos com os pais ainda em vida. De acordo com Fehlberg e Menandro (2011), discutindo as práticas adotadas entre as famílias pomeranas na partilha da herança da terra entre os seus descendentes, ressaltam que normalmente a extensão da área da propriedade era desproporcional ao número de filhos, visto que nem todos poderiam trabalhar para garantir seu sustento nesta terra.

Dessa forma, a divisão de herança das terras dos pomeranos acompanhava as regras culturais que consistia na partilha relacionada a diferença do sexo. Ou seja, ao sexo masculino era atribuída a responsabilidade privilegiada do cultivo da terra, pois a mulher tinha como ocupação ser dona-de-casa, seu papel no campo era apenas de ajudar o homem. Assim, o merecimento da herança da terra era exclusivamente do sexo masculino. (FEHLBERG;

MENANDRO, 2011). Os filhos do sexo feminino não tinham direito a herança, pois elas deveriam futuramente acompanhar seus maridos nas supostas heranças que estes possivelmente receberiam.

Os autores citados acima apontam ainda que entre os pomeranos, nas regras de distribuição da herança para o sexo masculino, estes privilegiavam o filho mais novo. Pois, este iria herdar os bens da família, mas com a responsabilidade de cuidar dos pais na velhice. Assim, este, juntamente com a sua esposa e os seus filhos, permaneceriam residindo na casa dos pais, desse modo, garantindo a sua permanência na terra. Os demais filhos do sexo masculino herdariam outros espaços da propriedade, no entanto, com menores benefícios. Assim, os minifúndios pomeranos no Espírito Santo estavam cada vez mais divididos, visto que, as famílias possuíam muitos filhos. E quando não era possível partilhar a terra entre todos os filhos, estes se viam obrigados a migrar para outros locais.

Portanto, muitos pomeranos antes de emigrar do Espírito Santo, já haviam migrado para diferentes municípios deste estado. Estes fluxos, nesse período, seguiam especialmente em direção ao Norte do Espírito Santo, pois de acordo com Becker (1973) até o início do século XX o Norte era considerado como um espaço “desabitado”. Assim, a partir de 1938 esta região veio a ser considerada a nova fronteira agrícola do estado e que só foi possível ocupá-la devido a presença de excedentes populacionais nas regiões situadas ao sul do rio Doce. Para a autora a população pioneira era composta por pessoas pobres economicamente “constituída de capixabas do Sul e descendentes de colonos estrangeiros, como de mineiros e baianos” (p. 37). Havia ainda um setor agrário frágil representado pelo café, gado e o cacau. Conseqüentemente, os pomeranos excedentes nas outras regiões do Espírito Santo também seguiram para esta nova fronteira agrícola a partir da década de 1930.

No entanto, a Região Norte do Espírito Santo até a década de 1970 permaneceu periférica. Houve uma fase de crescimento até a década de 1960, mas a partir desse período entrou em decadência. Esta situação foi reflexo da crise nacional que ocorreu entre as décadas de 1950 e 1960 no setor da cafeicultura, uma vez que a paisagem do Norte do estado correspondia “a um ‘mar de café’ a perder de vista” (BECKER, 1973, p. 47). E segundo Caçador e Grassi (2009), uma das medidas de contornar a crise econômica nacional foi o incentivo a erradicação dos cafezais, além disso, houve incentivos fiscais para a instalação do setor industrial. Dessa forma, acelerou o crescimento industrial e urbano por todo o país, inclusive no Espírito Santo, modificando o setor econômico.

Em todo o estado do Espírito Santo havia produtores de café e os pomeranos se incluíam nesta categoria, mas com a política de erradicação dos cafezais repercutiu, sobretudo

no Norte capixaba. Pois, segundo Becker (1973), não havia um produto agrícola substituto que atendesse ao mercado nacional, além disso, o solo ao leste é pouco fértil e ao norte predomina um clima mais seco, assim, atividade pastoril emergiu como substitutiva à atividade cafeeira. Portanto, os resultados dessa decadência foram o aumento da pobreza e o êxodo em massa, **cerca de um terço da população deixou essa região**. De acordo com a autora, a partir da década de 1950 conforme se esgotavam os cafezais a população ia em busca de novas áreas com mata.

E ainda, Becker (1973) ressalta que foram muitos os casos de indivíduos que nasceram no Sul do Espírito Santo, migraram para a Região Norte deste estado na fase pioneira, posteriormente, na fase de decadência econômica, retornaram ou ainda se deslocaram para as cidades. Dessa forma, surgem novos fluxos migratórios e sobre isto a autora discorre que:

O êxodo atual, no entanto, assume características inteiramente novas, não só no que diz respeito à quantidade, mas principalmente ao sentido da migração. Deslocando-se antigamente para o Norte, a população emigrada destina-se atualmente aos setores mais dinâmicos da região núcleo do país, o que revela a perda da condição de fronteira do Norte Capixaba. No entanto, ao contrário da população do Sul do Estado, que migra diretamente para a Guanabara ou o Estado do Rio, a população de Pancas, e do Norte em geral, se dirige para centros urbanos menos importantes, ou para a nova fronteira agrícola, quer dizer, para a parte periférica do "núcleo" (BECKER, 1973, p. 96).

Antes de mencionar sobre as novas fronteiras agrícolas do país nas quais os capixabas se deslocaram, saliento que esses elementos estruturais, históricos e culturais apresentados nos levam a entender que foram os responsáveis e orientaram os deslocamentos pomeranos dentro do próprio estado do Espírito Santo. Além disso, foram essas mesmas conjunturas que conduziram a migração dos pomeranos para outros estados do país. Desse modo, é importante apontar que um conjunto de adversidades ocorridas no Espírito Santo produziram o desejo nos pomeranos de emigrar ou pelo menos efetivaram a saída de muitos deles deste estado.

O movimento emigratório dos capixabas se intensificou a partir da década de 1970. No entanto, antes disso já vinha ocorrendo a saída da população em menor escala. Na década de 1950 podemos observar, conforme mostra os dados da Tabela 1 abaixo, que existe um fluxo acumulado de emigrantes. Isto aconteceu devido o esgotamento da fronteira agrícola, o empobrecimento dos solos que ocorria no Espírito Santo. E os principais estados de destinos dos capixabas, nos quais estes mantiveram os maiores fluxos migratórios foram Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rondônia, juntos representaram mais de 65% das emigrações capixabas (GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2003).

Tabela 1 – Migrações no Espírito Santo entre as décadas 1940 a 1980.

| Ano | Imigrantes | Emigrantes | Saldo (em %) |
|------|------------|------------|--------------|
| 1940 | 13,9 | 7,5 | 5,9 |
| 1950 | 9,6 | 13,2 | -3,6 |
| 1960 | 9,3 | 13,6 | -4,3 |
| 1970 | 12,9 | 24,5 | -11,7 |
| 1980 | 16,4 | 25,9 | -9,4 |

Fonte: Governo do estado do Espírito Santo, 2003.

No entanto, antes dos descendentes de pomeranos migrarem para o estado de Rondônia, no final da década de 1960, alguns deles já haviam deixado o Espírito Santo e deslocaram-se para Minas Gerais, Paraná e um público específico foi para o Rio Grande do Sul. Visto que era comum entre os pomeranos a baixa escolaridade, uma vez que as oportunidades eram limitadas, tinha-se que trabalhar na terra muito cedo para garantir a sua sobrevivência.

Os pomeranos que ainda tinham a oportunidade de estudar, se destacavam profissionalmente como professores ou pastores da Igreja Luterana. Dessa forma, para se tornar um pastor da IELB, por exemplo, era necessário ir para o estado do Rio Grande do Sul, município de São Leopoldo, estudar na faculdade de teologia da Igreja Luterana. Assim, aqueles que tinham essa oportunidade deixavam o Espírito Santo como expressa um dos entrevistados: “foi um sonho, a vontade de ser pastor é que me fez sair do Espírito Santo” (Valdemar, 60 anos. Espigão do Oeste/RO). Nos relatos de outros pomeranos entrevistados também evidenciam acerca da migração para estes estados citados e estão expressos nas seguintes falas:

Eu tinha muitos filhos. Já tinha seis filhos e nós morava na terra do meu pai, depois conseguimos ganhar um pouco de terra, aí nós fomos morar na nossa terra mesmo. Ficamos só um ano lá porque era muito seco, quase não deu café, ficou meio chocho o café e, o milho quase não deu, daí o meu marido desanimou lá no Espírito Santo. Ele falou eu vou para o Paraná, por isso fomos para a roça lá também (Ernestina, 84 anos. Espigão do Oeste/RO).

O pai da minha mãe queria mudar para Minas Gerais. Eu era pequena, minha mãe que contava essas histórias. Porque diz que falavam que Minas tinha um capoeirão limpo que você podia andar a cavalo em baixo. E diz que quando eles chegaram lá era puro colônia⁶. A minha mãe falou que eles choraram tanto! Tanto! Porque lá no Espírito Santo era tão gostoso, mas aí eles tinham vendido já, aí precisou ficar lá em Minas mesmo (Celma, 68 anos. Cacoal/RO).

⁶ Segundo o dicionário eletrônico Dicio Colônia é uma erva forrageira brasileira, da família das gramíneas, *Paspalum densum*, *Panicum numidianum*, usada como alimento para o gado, cavalo ou outros animais. Conhecido popularmente também como capim-da-colônia, capim-angola.

Com base nos depoimentos dos entrevistados a principal justificativa que levaram os pomeranos a deixar o estado do Espírito Santo, majoritariamente, foi a busca pela terra. Mencionei o contexto histórico do período e as características da maioria das famílias pomeranas, é claro que havia exceções, mas a maior parte não tinha muitos recursos, praticavam a agricultura de subsistência, plantando feijão, arroz, milho que também era utilizado para a alimentação dos animais. E ainda, estes dependiam basicamente do regime das chuvas para a irrigação das plantações, pois eram pequenos agricultores e não dispunham de nenhum meio técnico de agricultura.

Retomando acerca do que foi afirmado sobre a intensificação das emigrações no Espírito Santo ocorrer a partir da década de 70 do século XX, Caçador e Grassi (2009) afirmam que neste período, o estado do Espírito Santo passou por uma transição econômica, principalmente a partir do ano de 1975, passando de rural-agrária para urbano-industrial, muitas empresas de pequeno e médio porte passaram a integrar ao Espírito Santo como os setores empresariais de metalurgia, celulose, pelletização de minério e ferro dedicadas, sobretudo, ao mercado externo.

Aliás esta transição econômica não era apenas um contexto vivido no Espírito Santo. De acordo com Vale; Lima e Bonfim (2004), fortaleceram-se os centros urbanos, principalmente na Região Sudeste brasileira, assim, causou o fenômeno na qual os autores denominaram de desruralização ou conhecido também como êxodo rural, ou seja, a população migrava do espaço rural para as áreas urbanas. No entanto, no mesmo período surgia uma nova fronteira agrícola em direção ao Norte do país. Desse modo, com os projetos do governo de ocupação da Amazônia potencializou a saída dos pomeranos no Espírito Santo em direção a Rondônia.

Cabe enfatizar que este movimento não foi exclusivo aos descendentes de pomeranos, pois, como já mencionei anteriormente, outros capixabas e pessoas/grupos de diferentes estados também se destinaram a Rondônia neste mesmo período. Assim, este fenômeno da migração dos pomeranos para a Região Amazônica vai de maneira oposta aos fluxos migratórios que ocasionavam o êxodo rural no país, pois, ao mesmo tempo que ocorria a ampliação das cidades, ocorria a migração pomerana do espaço rural do Espírito Santo para o espaço rural de Rondônia, trata-se, portanto, de um fluxo rural-rural. Assim, os pomeranos viram uma possibilidade de sair das condições adversas que viviam no estado do Espírito Santo, deslocando-se para o estado de Rondônia. Acerca dessas trajetórias elucidadas aponto alguns trechos das falas dos entrevistados:

Uma das causas de migração era que nos anos 1970 nós éramos da região de Vila Pavão, Norte do Espírito Santo, então naquela época tinha uma seca muito brava. Nós já não tínhamos colhido milho durante os últimos 2 anos. Nos anos 71, 72 a nossa produção de café tinha diminuído muito, nós tocamos uma lavoura de café a meia com nosso vizinho e, já tinha quebrado pela metade, então as pessoas empobreceram mais do que antes nesses anos 70. E o pai adoeceu no Espírito Santo e ele fez uma dívida para fazer tratamento, aí tivemos que vender a terra. E nós éramos uma família de 11 filhos menores (Evaldino, 63 anos. Espigão do Oeste/RO).

Estávamos a procura de melhorar a vida, ter mais terra, terra própria para plantar. Porque lá no Espírito Santo nós mexíamos com farinha, mas era tudo, sabe, quando não é seu tem que comprar a mandioca para fazer farinha, então a gente queria ter terra sozinho (Augustinho, 53 anos. Espigão do Oeste/RO).

O papai estava a fim de, assim, ele queria mais terra né, porque tinha os filhos e talvez lá no Espírito Santo era mais difícil para comprar (Reinaldo, 65 anos. Espigão do Oeste/RO).

Por causa da família que era grande, nós éramos em 14 irmãos e ficar todo mundo num local só não tinha como, então fomos abrindo mais terra e no Espírito Santo estava mais difícil na época (Valdomiro, 75 anos. Espigão do Oeste/RO).

Nosso lugar que nós morávamos era um lugar de muitas pedras e muito apertado e a nossa vizinhança, nossa lá era muito ruim! Aí era pouca terra e a vizinhança só fazia covardia lá, deixava a porteira aberta, tantas coisas fazia conosco só para se aproveitar (Jorge, 66 anos. Cacoal/RO).

Lá no Ibituba nós tínhamos só uma casa que foi doada para a gente e mais nada né. Não tinha emprego, não tinha nada. E nós éramos pequenos, mas nós já trabalhávamos em troca de almoço, eu e o meu irmão e aí nós vivíamos assim (Arlindo, 59 anos. Espigão do Oeste/RO).

De fato, este movimento migratório foi fruto dos processos históricos em desenvolvimento no Espírito Santo, sendo que as direções foram consequências estruturais próprias das microrregiões deste estado. Visto que, os pomeranos empobreceram cada vez mais e, vivendo como meeiros havia o desejo de adquirir sua propriedade. Além disso, as dificuldades de irrigação das plantações devido o regime de estiagem das chuvas, os minifúndios cada mais divididos, a implantação da modernização da agricultura e a falta de recursos para aderi-las, os pomeranos ficaram insatisfeitos com as condições vividas no Espírito Santo e a solução vista por estes era a emigração.

De acordo com Aguiar (2016) a territorialização dos empreendimentos agroindustriais a partir da década de 1970, com incentivo do governo expulsou muitos camponeses do Norte capixaba. Pois, “a coexistência entre latifúndios e pequenas propriedades familiares, ambos inseridos na lógica produtiva monocultora de commodities” (p. 41) não favoreceu aos pequenos produtores. Essa mudança provocou o declínio das lavouras de gênero alimentício para dar espaço as monoculturas de eucaliptos e cana de açúcar. E ainda, o uso de plantas com mutações genéticas, a utilização de aditivos químicos, energia elétrica, sistemas de irrigação,

uso de agrotóxicos, tratores como mudança na base técnica de produção promovidos e financiados pelo governo, não estavam acessíveis aos pomeranos, pois era reflexo do sistema do capital sendo implantado no Espírito Santo:

Os territórios onde o Capital se territorializou mostraram a face de um campo tornado apêndice produtivo dos grandes centros urbanos e do mercado externo, orientados pela indústria que encontrou nos objetos por ela produzidos uma forma de monopolizar os territórios. Isso significa que um novo mecanismo de subordinação entrou em cena: os objetos técnicos munidos de intencionalidade metamorfosearam os territórios. Reside aqui um elemento chave para o entendimento sobre a modernização no Espírito Santo, que resumidamente é a compreensão de que houve, sobretudo, a partir da década de 1980, uma relativa integração da agricultura capixaba a setores industriais; tanto os que fabricam objetos técnicos incorporados aos novos processos de trabalho agrícola, quanto àqueles setores industriais que requeriam matérias-primas produzidas pela agricultura (AGUIAR, 2016, p. 40).

Portanto, a solução para muitos pomeranos foi a emigração, a busca por outros espaços, sobretudo, rurais para que pudessem dar continuidade ao modo de vida pomerano. Além disso, em alguns casos, o conjunto das circunstâncias fez com que os próprios pomeranos se sentiam ameaçados pela presença dos grandes latifundiários, já que eles encurralavam os minifúndios gerando conflitos, como relata uma das entrevistadas: “meu esposo tinha uma terrinha mais era pouquinho e como tinha um fazendeiro lá que matava todo mundo por causa das terras ele resolveu sair” (Celma, 68 anos. Cacoal/RO). Assim, o maior fluxo migratório dos pomeranos do Espírito Santo para Rondônia, observados nesta pesquisa, ocorreu entre as décadas de 1970 a 1980, mais especificamente, no momento de transição econômica, política e cultural que passava o próprio estado do Espírito Santo.

Dos pomeranos entrevistados em Rondônia, vimos que estes são provenientes de pelo menos oito municípios que concentram este grupo étnico no estado do Espírito Santo. São eles: Laranja da Terra, Afonso Cláudio, Baixo Guandu, Vila Pavão, Barra de São Francisco, Nova Venécia, Itarana e São Gabriel da Palha. Portanto, na maioria dos municípios onde estes estão presentes ocorreram emigrações pomeranas com destino a Rondônia. Sendo que a maioria dos municípios pertencem a Região Norte do estado.

Abaixo, na Tabela 2, apresento dados do Governo do estado do Espírito Santo, a respeito do total das emigrações capixabas com destino a Rondônia entre os anos de 1986 e 1991, representados pelas microrregiões⁷ estabelecidas de acordo com a fonte. É possível

⁷ **Nordeste II:** Águia Branca, Boa Esperança, Nova Venécia, São Gabriel da Palha; **Nordeste I:** Água Doce do Norte, Barra de São Francisco, Ecoporanga, Mantenedópolis; **Polo Colatina:** Alto Rio Novo, Baixo Guandu, Colatina, Marilândia, Pancas; **Polo Linhares:** Aracruz, Fundão, Ibitiraçu, João Neiva, Linhares, Rio Bananal; **Metropolitana:** Cariacica, Serra, Viana, Vila Velha, Vitória; **Litoral Norte:** Conceição da Barra, Jaguaré, Pedro Canário, São Mateus; **Extremo Norte:** Montanha, Mucurici, Pinheiros; **Caparaó:** Alegre, Divino de São Lourenço, Dolores do Rio Preto, Guaçuí, Ibatiba, Ibitirama, Iúna, Muniz Freire; **Polo Cachoeiro:** Apiacá, Atílio

notar que as microrregiões Nordeste II, Nordeste I, Polo Colatina e Polo Linhares concentram os maiores números de emigrantes, isto é sem dúvida, reflexos históricos e geográficos dos processos descritos.

Tabela 2 – Emigrantes do Espírito Santo com destino a Rondônia entre 1986 e 1991

| Microrregiões administrativas de origem | Número de emigrantes | |
|---|----------------------|------------|
| | Total | % |
| Noroeste II | 3.040 | 22,13 |
| Noroeste I | 2.757 | 20,07 |
| Polo Colatina | 2.524 | 18,37 |
| Polo Linhares | 2.049 | 14,92 |
| Metropolitana | 1.165 | 8,48 |
| Litoral Norte | 485 | 3,53 |
| Extremo Norte | 448 | 3,26 |
| Caparaó | 428 | 3,12 |
| Polo Cachoeiro | 316 | 2,3 |
| Sudoeste Serrana | 287 | 2,09 |
| Central Serrana | 147 | 1,07 |
| Metrópole Expandida Sul | 91 | 0,66 |
| Total (*) | 13.737 | 100 |

Fonte: Governo do estado do Espírito Santo, 2003.

De acordo com a classificação disponibilizada pelo Governo do estado do Espírito Santo (2003) em suas respectivas microrregiões, vemos que os pomeranos estão pelo menos em quatro delas daqueles treze municípios citados no primeiro capítulo, nas quais são: Noroeste II (São Gabriel da Palha, Nova Venécia e Vila Pavão); Polo Colatina (Baixo Guandu, Colatina e Pancas); Sudoeste Serrana (Afonso Cláudio, Laranja da terra e Domingos Martins); e Central Serrana (Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina e Santa Leopoldina). Desse modo, reiteramos que a localização dos pomeranos, juntamente com os fatores históricos e conjunturas dessas microrregiões motivaram as emigrações pomeranas.

E por fim, aponto ainda que mais uma das características dos migrantes pomeranos que deixaram o Espírito Santo entre as décadas de 1970 a 1980, revelado por meio dos entrevistados, que no momento da migração as idades dos pomeranos migrantes, majoritariamente, estavam compreendidas entre 20 e 40 anos. No entanto, as migrações

Vivacqua, Bom Jesus do Norte, Cachoeiro de Itapemirim, Castelo, Jerônimo Monteiro, Mimoso do Sul, Muqui, Presidente Kennedy, Rio Novo do Sul, São José do Calçado, Vargem Alta; **Sudoeste Serrana:** Afonso Cláudio, Conceição do Castelo, Domingos Martins, Laranja da Terra, Venda Nova do Imigrante; **Central Serrana:** Itaguaçu, Itarana, Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá, Santa Teresa; **Metrópole Expandida do Sul:** Alfredo Chaves, Anchieta, Guarapari, Iconha, Itapemirim, Piúma.

ocorriam em famílias, havia crianças e idosos que os acompanhavam, mas aqueles que tinham tomado a decisão de migrar era a população de jovens e isto é comum entre os perfis de migrantes, visto que estes ainda podem usufruir dos benefícios da migração (TRUZZI, 2008).

Feito a contextualização dos fatores de expulsão, ou seja, dos processos emigratórios que envolveram os descendentes de pomeranos no Espírito Santo, dialogo a seguir a respeito dos fatores que atraíram os pomeranos para o estado de Rondônia.

4.2 “PARA NÓS RONDÔNIA FOI A TERRA PROMETIDA”⁸

A escolha do destino dos descendentes de pomeranos emigrados do Espírito Santo, sobretudo, a partir da década de 1970 não foi feita de forma aleatória. Existiram fatores históricos e geográficos, bem como, elementos específicos deste grupo étnico que contribuíram para a inclusão pomerana na Região Amazônica brasileira. Assim, a discussão que se segue é sobre o que levou os pomeranos a residir, especialmente, no estado de Rondônia.

Nesse contexto, começo apontando os fatores históricos para poder correlacionar as particularidades que envolveram a migração dos pomeranos. De fato, o governo federal tinha o intuito em ocupar a Região Amazônica brasileira a partir da década de 1960, visto que, esta era considerada “vazia” e pouco desenvolvida economicamente até então. Portanto, através de um conjunto de políticas econômicas, territoriais e sociais configuraram, especialmente, Rondônia como a nova fronteira agrícola do país, iniciando uma transformação geográfica neste estado a partir deste período (SANTOS; RICARTE; CONCEIÇÃO, 2016).

De acordo com Teixeira (2015) o interesse do governo federal em ocupar o Norte do país estava associado aos interesses da classe burguesa, ou seja, da classe dominante. E esse interesse consistia, sobretudo, na expansão capitalista. Pois, segundo Silva e Dandolini (2018) é visto uma intensa campanha por parte do governo referente a modernização da agricultura, cujo objetivo seria a implantação do agronegócio como modelo econômico único do espaço rural no Brasil.

Além disso, Fiore; Fiore e Nenevé (2013) ressaltam que a estratégia de ocupação também consistia em conter os conflitos agrários que estavam surgindo nas regiões Centro-Sul do país devido a evolução das técnicas na agricultura e, ainda, pela pressão que os grupos minoritários geravam ao governo para a instituição da Reforma Agrária. Acerca disto o autor abaixo relata que:

⁸ Evaldino, 63 anos. Espigão do Oeste/RO.

No Brasil, a luta pela reforma agrária se inicia realmente na década de 1960. Desde sua formação, nunca houvera movimentos sociais e projetos políticos que tivessem como objetivo específico para reforma agrária. O período da ditadura militar pressionou duplamente a capacidade organizativa dos movimentos sociais: de um lado a repressão e do outro os projetos de colonização da Amazônia, empreendidas pelo governo federal (NORONHA, 2008, p. 12)

Um aspecto importante a ser ressaltado em relação a inserção dos migrantes em Rondônia é a construção da rodovia BR-29, que posteriormente veio a ser denominada de BR-364 (Figura 7). Esta rodovia inaugurada no ano de 1960 tem seu início no estado de São Paulo e atravessa os estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Rondônia, tendo seu fim no estado do Acre.

A partir da construção desta rodovia, Santos; Ricarte e Conceição (2016) destacam que ocorre o início da transformação da Região Norte do país, especificamente, para Rondônia, pois possibilitou integrar-se com o Sudeste brasileiro proporcionando a ampliação do comércio de produtos agrícolas, bem como, a importação de mercadorias às atividades econômicas da região. E ainda, resultou na possibilidade de efetivar os fluxos migratórios conforme era planejado pelo governo, passando a ser a região do Brasil mais atrativa para os fluxos migratórios internos, a partir da década de 1970.

Figura 7 - Construção da BR 364 no ano de 1960



Fonte: <https://www.facebook.com/memoriasdovale/>

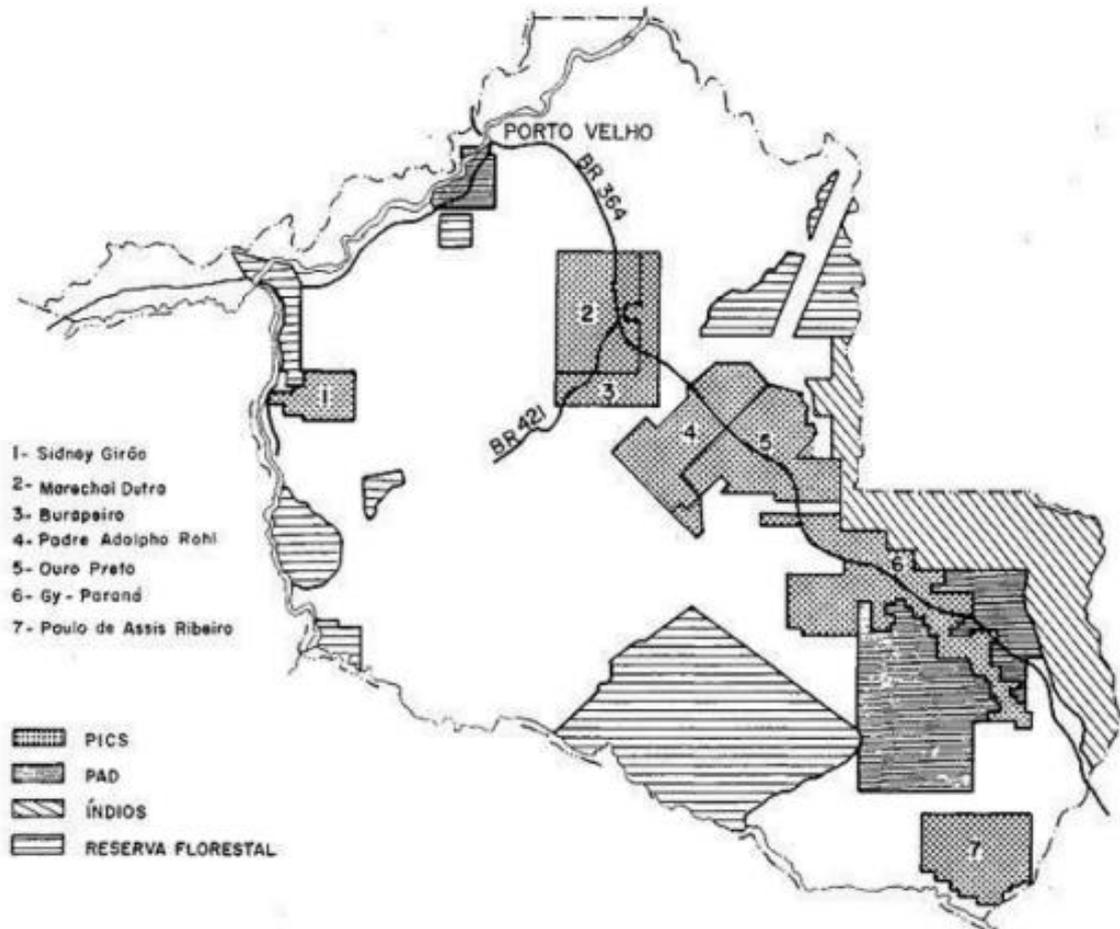
Este conjunto de fatores estabeleceu a expansão interna da fronteira agrícola brasileira. Desse modo, Rondônia passou a ser modelo de ocupação agrária através da Política de Colonização Agrícola do governo federal. E o órgão responsável que havia sido designado para a organização da ocupação de Rondônia foi o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Este, portanto, efetivou dois tipos de projetos que foram os Projetos Integrados de Colonização (PICs) e os Projetos de Assentamentos Dirigidos (PADs). A especificidade de cada um desses projetos está descrita a seguir:

No PIC assegurava-se aos colonos a presença de instituições públicas para garantir e orientar todas as fases do processo social e produtivo do assentamento rural. Assim, o acesso ao crédito, assistência técnica e social, produção e armazenagem estavam assistidos, em certa medida, pelo Estado. O objetivo era territorializar um novo uso da terra voltado à produção agropecuária vinculada ao mercado regional e nacional. O público dos PICs foram os migrantes camponeses oriundo das diversas regiões do Brasil, que em sua maioria se deslocaram do Sul e Sudeste do Brasil. Em função da assistência do poder público aos assentados dos PICs, dado a oferta de terras e o modelo distributivista que “facilitava” o acesso à terra, servindo como efeito multiplicador, o fluxo migratório se intensificou para o então Território Federal de Rondônia, o que obrigou o governo a construir outra estratégia de distribuição de terras: os Projetos de Assentamentos Dirigidos – PADs. A estratégia governamental nos PADs consistiu em distribuir terras, sem apoio governamental, aos médios e grandes proprietários/fazendeiros (pessoa física) e aos empresários rurais (pessoa jurídica), com lotes que variavam de 250, 500 e 1.000 hectares (SILVA; DANDOLINI, 2018).

De acordo com Fiore; Fiore e Nenevé (2013), na década de 1970 foi delimitado os Projetos Integrados de Colonização (PIC) em Ouro Preto, Ji-Paraná, Sidney Girão, Paulo Assis Ribeiro e Adolpho Rohl. Os PICs seguiram ao longo da BR-364 e beneficiou em torno de 24 mil famílias com assentamentos de lotes de até 100 hectares por famílias para que pudessem praticar a agricultura. Havia ainda os Projetos de Assentamento Dirigido (PAD) de Burareiro e Marechal Dutra com lotes de 250 hectares específicos para a criação de gado e/ou para investimentos de capital privado (Figura 8). Pois, o intuito do governo militar em desenvolver a região era, sobretudo, transformar Rondônia em um dos maiores produtores e fornecedores de carne em âmbito mundial.

Posteriormente, na década de 1980 houve ampliação dos Projetos de Assentamentos, o INCRA implantou mais seis deles, no entanto, com lotes menores, de apenas 50 hectares, assentando mais 8,5 mil famílias (FIORE; FIORE; NENEVÉ, 2013). Dessa forma, a pesquisa revelou que entre os descendentes de pomeranos isto representou um grande quantitativo de terras, logo Rondônia se tornou um potencial atrativo para esses migrantes.

Figura 8 - Distribuição dos projetos de colonização em Rondônia



Fonte: Nobrega, 2016.

No entanto, as terras que eram para ser distribuídas aos migrantes que desenvolveriam atividades agrícolas, de acordo com Teixeira (2015), o governo acabou favorecendo também para a inserção de empresas, atraindo-as com incentivos fiscais, contribuindo para a concentração de terras na Região Amazônica. Essas novas empresas introduzidas na região, juntamente com o Estado, também apoiaram ações de implantação de infraestruturas como construções de rodovias, redes de comunicação, usinas elétricas e aeroportos, colaborando para a modernização de Rondônia. Portanto, o governo beneficiava as empresas e, estas por sua vez, promoviam a integração da Região Amazônica as demais regiões do país. Desse modo, o autor descreve que “estes programas governamentais são exemplos de como o poder público ordenou a ocupação, estabelecendo uma política de incentivo aos projetos de exploração das riquezas” (p. 26).

Apesar disso, para uma maior atração do excedente populacional do Centro-Sul do país em direção ao Norte Fiore; Fiore e Nenevé (2013) ressaltam que além dos projetos citados acima o governo também investiu em propagandas que exaltavam a qualidade das

terras nessa região. Um dos slogans criados na época foi Rondônia, o “Eldorado brasileiro”. Visto que, de acordo com Teixeira (2015), o intuito era mostrar para a população migrante que estes encontrariam fartura em Rondônia, um espaço cheio de riquezas naturais e que estavam à disposição deles para ser explorada, “reafirmando o Eldorado com seu ‘grande vazio demográfico’” (p. 26).

Os pomeranos acreditavam que pelo fato do solo ser coberto ainda pela vegetação original da floresta amazônica, este seria de muita fertilidade para a agricultura, logo teriam abundâncias nas colheitas de suas plantações. Isto também era um dos fatores que aguçavam o desejo dos descendentes de pomeranos a irem para essa terra tão exaltada e próspera, conforme estava sendo introduzidos em seus imaginários. Esse aspecto foi ressaltado durante as entrevistas.

Em virtude disto, Fiore; Fiore e Nenev (2013) apontam ainda que entre as décadas de 1970 e 1980, a população da Região Norte do Brasil cresceu consideravelmente, com um aumento de 200%. E ainda, destaca que somente em Rondônia, na década de 1970 para a década de 1990, a população saltou de 111 mil habitantes para 1,13 milhão. Portanto, a este quantitativo do crescimento populacional em Rondônia inclui a inserção dos descendentes de pomeranos emigrados do Espírito Santo que também foram atraídos a este estado em busca do novo ‘Eldorado’ destacado pelas propagandas do governo.

Para os pomeranos que não possuíam terras no estado do Espírito Santo e não tinham condições econômicas em adquirir suas próprias terras, viram em Rondônia uma grande possibilidade de mudança de vida no âmbito econômico através da distribuição gratuita de terras ofertadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

E mesmo aqueles que tinham alguma posse de terras viram a oportunidade que teriam em adquirir uma propriedade ainda maior na Região Norte do país. Desse modo, os descendentes de pomeranos cheios de expectativas eram atraídos para Rondônia. Alguns relatos dos pomeranos entrevistados expressam esses elementos citados durante a decisão de emigração e escolha de destino:

Foi mais ou menos assim: naquela época o pessoal falava de Rondônia, que Rondônia era pura mata ainda, tinha muita terra e muita mata né. Assim que meu pai ficou sabendo de Rondônia e que tinha lote. Eles pegavam lote doado do INCRA naquela época né. Aí por isso ele escolheu para vir para cá e gostou né (Celma, 68 anos. Cacoal/RO).

Sempre falavam que Rondônia era uma terra boa né e era mesmo! Coração de Rondônia é Alto Alegre. Aqui é uma terra de primeira para quem não tem preguiça, aqui tudo que se planta dá. É arroz, feijão, milho, mandioca, taioba, inhame dá de tudo. (Marcionílio, 67 anos. Alto Alegre dos Parecis/RO).

Aqui em Rondônia eles estavam dando 42 alqueires de terra para as famílias. E nós ganhamos terra em Colorado do Oeste que fica perto de Vilhena. São 350 km daqui de Espigão até Colorado (Anila, 86 anos. Espigão do Oeste/RO).

Um tio meu, o nome dele é Emílio Schultz irmão da minha mãe, ele estava um pouco melhor de vida né. Ele queria comprar terra em Rondônia aí ele resolveu de vir para cá e ele juntou com mais família, não sei se foi 2 ou 3 famílias. Aí como nós morávamos em Ibituba num distrito lá ele nos ajudou a pagar a mudança aí nós viemos para cá junto. E aí aqui em Rondônia quando nós mudamos para cá nós conseguimos ter terra. Assim, cada irmão agora tem um pedaço de terra né. Um tem 9 alqueires, outro tem 3, outro tem 2, outro tem 1. Um já tem até boliche e assim a gente está conseguindo, não conseguiu muita terra também não (Arlindo, 59 anos. Espigão do Oeste/RO).

Lógico que todo mundo procura melhorias na vida e a gente ter o nosso próprio pedaço de chão, isso era tudo que a gente precisava e isso no Espírito Santo não era mais possível para quem era de baixo poder econômico. E Rondônia oferecia todas essas chances de ter essa terra então. Acho que quem veio nos anos 70 até 1980 geralmente eram pessoas que já praticamente o sistema estava excluindo, grande parte eram meeiros que dependia da instalação do INCRA para ser reassentados em Rondônia (Evaldino, 63 anos. Espigão do Oeste/RO).

Independentemente das trajetórias de vida que os levaram a tal situação, Rondônia foi atração para os pomeranos, sobretudo, devido a oferta de terras. No entanto, como já foi afirmado, não foram apenas os descendentes de pomeranos que deixaram o estado do Espírito Santo, pois muitos capixabas emigraram com destino a Rondônia conforme podemos ver na Figura 9, que se trata de uma reportagem do jornal capixaba A Gazeta do dia 26 de julho de 1989. Portanto, os fatores de expulsão da população capixaba contidos nesta reportagem já foram mencionados na primeira seção deste capítulo.

Figura 9 - Reportagem do jornal A Gazeta do dia 26 de julho de 1989



De fato, o fluxo migratório para Rondônia foi intenso, pois além dos capixabas ainda havia a população de outros estados que também foram atraídos para este destino. E segundo Fiore; Fiore e Nenevé (2013) as terras onde o INCRA coordenava os assentamentos eram ocupadas historicamente pelos indígenas e seringueiros. E que ainda, a demanda pela terra foi tão grande que saiu do controle do órgão que estava à frente do planejamento de ocupação dos migrantes. Desse modo, o INCRA teve que tomar providências já que não pretendiam doar o quantitativo de terra a tantos que estavam em sua busca. Assim, estabeleceu uma triagem que partia do princípio de que elas seriam doadas apenas para os migrantes que tinham vocação para trabalhar no campo. Esses autores ressaltam que, “das 18.890 famílias inscritas em 1980, 14.749 foram selecionadas. O excedente passou a ocupar as periferias das nascentes cidades e, ao mesmo tempo, gerar tensões com os colonos assentados e ribeirinhos” (p. 12).

De acordo com Teixeira (2015) já existiam conflitos pelas terras entre as populações locais em Rondônia e com a inserção dos imigrantes vindos de todas as partes do país através da política de colonização agrícola do governo estes conflitos foram agravados, “pois justamente nas terras ocupadas por indígenas se concentravam as áreas dos terrenos cristalinos de ocorrência de minérios, como o ouro, diamantes e a cassiterita (p. 26).

Cabe ressaltar que entre os pomeranos que migraram, nem todos eles receberam terras gratuitas, visto que, muitos não tiveram essa oportunidade. Estes vendiam o que tinham de bens ou propriedade no Espírito Santo para conseguir comprar terra em Rondônia. No entanto, alguns pomeranos tiveram que continuar a viver como meeiros neste estado, mas com a esperança de adquirirem terras, como expressa a fala de um dos entrevistados:

Nós éramos uma família de 11 filhos menores, nós já praticamente vivíamos de meeiros no Espírito Santo. Então essa questão de ficar rico isso nem fazia parte do nosso pensamento. Lógico que todo mundo procura melhorias na vida e a gente ter o nosso próprio pedaço de chão isso era tudo que a gente precisava e isso no Espírito Santo não era mais possível para quem era de baixo poder econômico. E Rondônia oferecia todas essas chances. Acho que quem veio nos anos 70 até 1980 geralmente era pessoas que já praticamente o sistema estava excluindo grande parte, era meeiros que dependia da instalação do INCRA para ser reassentados em Rondônia e ainda lembro que muitos que vieram do Espírito Santo para Rondônia talvez nem conseguiram a terra também (Evaldino, 63 anos. Espigão do Oeste/RO).

Assim, reitero que a procura pela terra foi um grande elemento de atração para os pomeranos imigrarem para Rondônia, mas houve outros aspectos que emergiram durante as entrevistas, como a possibilidade de abrir negócios, pois, com tantos fluxos de emigrações ocorrendo nas regiões Sul e Sudeste, Rondônia estava crescendo em seu âmbito populacional. Desse modo, surgiram demandas por novos mercados, comércios e outros serviços, visto que

Teixeira (2015) aponta que muitas vilas e povoados foram surgindo ao longo da BR-364 com a vinda dos migrantes.

É importante destacar que no início do século XX havia poucas cidades em Rondônia, dentre elas podemos destacar Porto Velho e Guajará-Mirim que nasceram a partir da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, o restante dos municípios surgiram após a década de 1960 em consequência da inserção dos migrantes a partir do projeto de colonização agrícola do governo, anteriormente a isto havia basicamente uma população indígena e ribeirinha. E ainda, Rondônia tinha uma economia extrativista, mas se vê modificada com a intervenção do governo que consistia em intensificar os fluxos migratórios com o objetivo de mudar a economia para a agricultura e pecuária (FIORE; FIORE; NENEVÉ, 2013).

Com base nessas informações foi observado que entre os pomeranos, quem tinha a oportunidade e melhores condições econômicas para ir para Rondônia e ofertar algum tipo de serviço nas cidades e vilas também emigrava do Espírito Santo. Assim, vemos que a migração não ocorreu apenas entre os pomeranos que estavam vivendo situações de pobreza neste estado. Aqueles que tinham a possibilidade de ficar, mas eram atraídos para Rondônia pela alternativa de expandir suas situações econômicas também emigraram. E os pomeranos expressam isto nas seguintes falas:

Eu fiquei sócio do meu cunhado aqui no comércio em 1984 e, meu sogro mudou para cá em 1972. Eu a passeio vim pela primeira vez em 1974. E aí da primeira vez que eu vim passear aqui a gente retornava 1 vez, 2 vezes por ano, a gente estava aqui, dava aquela tentação de chegar no Espírito Santo e vender as coisas e vim para cá, mas eu também tinha um lugar muito bom em Laranja da Terra. Ah, foi de 1982 até 1985 naquela indecisão também, muda para Rondônia, não muda, mas um dia eu anoiteci e não amanheci mais em Laranja da Terra, saí meio escondido (Arlindo, 72 anos. Espigão do Oeste/RO).

Aí meu marido enjoou de ficar na roça, ele queria fazer um mercado. E daí ele chegou aqui em Rondônia e tinha um homem aqui que logo ofereceu para ele, aí nós começamos, ele começou com um ponto de mercado, e assim fomos morar na cidade (Ernestina, 84 anos. Espigão do Oeste/RO).

Ainda acerca do perfil migratório dos pomerano também se destacam aqueles que migravam pelas possibilidades de emprego que possivelmente estavam sendo ofertados através do aumento das áreas urbanas em Rondônia. Pomeranos que não encontravam mais trabalhos disponíveis no Espírito Santo, migraram para Rondônia com a intenção de encontrar algum emprego neste local. É visto, que essas pessoas geralmente já possuíam a presença de algum familiar ou conhecidos neste estado que poderiam oferecer algum tipo de apoio, seja de informações, estadias, entre outros e facilitar no momento da procura por um trabalho. Portanto, a possibilidade de se ter um familiar residindo nesta terra tão distante era

considerado também um fator de atração para aqueles que ainda não tinham se decidido a migrar.

Uma característica em comum entre pomeranos residentes do Espírito Santo que migraram para o estado de Rondônia era que antes de concretizar em definitivo o movimento migratório se viajava anteriormente para conhecer o local. Nesta viagem somente uma pessoa da família estava presente, pois o intuito era procurar terras para comprar ou entrar na fila de distribuição de terras do INCRA. Truzzi (2008) ressalta que esta estratégia é comum nos processos migratórios, quando individualmente o chefe da família emigra primeiro para depois os restantes membros da família irem, quando o período mais crítico já tenha passado. Essas questões apresentadas também foram apontadas durante as entrevistas com os pomeranos, nos quais relataram os seguintes dados:

Em 1979 o meu marido, eu já namorava com ele, ele veio para Rondônia e aí ficou alguns anos aqui. Uns meses para voltar para o Espírito Santo ele queria que eu viesse logo para cá, aí eu não vim. Pensei não vamos ficar por aí, mas o meu pai queria, disse: pode ir que é um lugar bom, ele já conhecia, já tinha vindo para cá, gostava muito daqui, só que a gente não se interessava em vim. Aí ele me animou, falou lá é bom para emprego e tudo, é mais fácil, vocês ficam aqui pelejando. Aí nós viemos (Denira, 60 anos. Ji-Paraná/RO).

Meu pai veio para conhecer, para ver se ele ia conseguir comprar mais terra aqui, daí deu tudo certo, daí ele voltou e buscou a família. Mas conhecer Rondônia ele não conhecia, ele veio fazer uma visita primeiro, depois buscou a família (Trauda, 62 anos. Espigão do Oeste/RO).

Com o crescimento da população dos descendentes de pomeranos em Rondônia, surgiu também a necessidade de instalação das Igrejas Luteranas, visto que “a religiosidade é importante para os migrantes e que, através dela, os pomeranos se definem culturalmente” (LINK, 2004, p.62). Assim, estes procuravam reinventar-se culturalmente em Rondônia e a presença da igreja e do pastor Luterano era fundamental para isto. Desse modo, surge neste estado a instalação das duas principais denominações Luteranas, tanto a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), como, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Podemos afirmar que a presença das igrejas junto as comunidades pomeranas possui grande relevância para estes, pois:

Pode-se dizer que a necessidade espiritual surge como forma de possibilitar esperança. Se, no novo local, tudo era incerto, pelo menos o sentimento da presença de Deus garantia um certo equilíbrio psicológico e social. Psicológico, porque canalizava o sofrimento, diminuindo a angústia da incerteza. Social, porque criava uma rede de relações que, em meio às incertezas, dava uma certa proteção aos indivíduos e às famílias (LINK, 2004, p. 61-62).

Portanto, era necessário a inserção de pastores para essas Igrejas Luteranas em Rondônia. E durante a realização da pesquisa foi constatado que a maioria dos pastores Luteranos que também migraram para Rondônia nesse período, devido a condição do trabalho, pois, estes eram enviados de outras igrejas, eram naturais do Espírito Santo. Cabe apontar que, caso desejassem, poderiam ter migrado para outros estados que houvesse a presença de Igrejas Luteranas. No entanto, estes ainda permanecem em Rondônia até os dias de hoje, muito em função do estabelecimento das redes pomeranas (ver capítulo 4). Abaixo estão alguns trechos das falas dos pastores Luteranos nos quais foram entrevistados:

Como dito anteriormente, não foi uma escolha, mas uma designação da minha igreja. Eu fui designado para vir para Rondônia para trabalhar como pastor. Claro, não foi uma coisa forçada, mas eu fui indicado e a igreja me indicou esse local e eu aceitei, concordei em vir para cá (Teófilo, 68 anos. Espigão do Oeste/RO).

Mas é importante colocar o seguinte, naquela altura eu estava planejando vir para Rondônia, se não tivesse dado certo a bolsa de estudos para ir para o seminário estudar teologia, a gente já tinha uma turminha em vitória combinando, jovens, amigos, provavelmente já tinha vindo para Rondônia se não tivesse passado pelo Sul. Era vontade de estar perto dos muitos amigos, familiares, parentes que tinha vindo para Rondônia. Já havia esse sonho né e esse sonho se concretizou tão logo quando veio um chamado para o pastorado em Rondônia estando nós em Fortaleza (Valdemar, 60 anos. Espigão do Oeste/RO).

De modo resumido, enfatizo que os motivos que levaram os pomeranos a irem para Rondônia foram oportunidade de negócios, empregos, distribuição de terras gratuitas ou terras com preços mais acessíveis, a crença de que a terra era mais fértil nesta região, a possibilidade de sair da pobreza, e pelas redes de pomeranos que foram sendo estabelecidas e fortalecidas entre familiares e amigos neste estado.

Por fim, resalto que os pomeranos se inseriram em Rondônia através dos projetos de colonização e, atualmente, estes estão fortemente presentes em alguns municípios deste estado. E de acordo com os entrevistados a maioria dos pomeranos se concentra no município de Espigão do Oeste, no qual houve de fato um maior número de pomeranos entrevistados, mas houve durante as entrevistas pomeranos que relataram viver em outros lugares, e estes estão distribuídos também nos municípios de Cacoal, Ji-Paraná e Alto Alegre dos Parecis. Portanto, a presença dos pomeranos nestes municípios se explicam, sobretudo, pelo fato da ocorrência dos projetos de colonização nestes lugares.

Adiante discorro acerca das narrativas sobre os percursos feitos entre o Espírito Santo e Rondônia nesta dinâmica migratória. Assim, centralmente o debate foi em torno das vivências durante este trajeto. Levando em consideração que a distância geográfica entre esses

dois estados é de tamanha relevância quando se trata de mobilidade de pessoas com seus pertences, visto que, são mais de três mil quilômetros que separam estes dois estados.

4.3 “É IGUAL VOCÊ VÊ NOS FILMES, AQUELES PAUS DE ARARA COM UM MONTE DE GENTE DENTRO”⁹

O debate sobre a trajetória dos migrantes em percurso é um tema relevante nos contextos geográficos contemporâneos, pois trata da relação destes com o espaço. Desse modo, esta seção se propõe a fazer uma leitura espacial dos deslocamentos feito pelos pomeranos entre o Espírito Santo e Rondônia visando ressaltar o meio utilizado para as mobilidades e as práticas sociais vivenciadas neste processo, desde seus locais de origem até seus locais de destino. Isto nos revela um retrato dos desdobramentos das migrações internas no Brasil a partir da década de 1970.

Os pomeranos que tomavam a decisão de deixar o Espírito Santo e partir para Rondônia, vendiam os seus pertences, já que não era possível levá-los por se tratar de um longo trajeto que podia durar dias dependendo das circunstâncias da viagem, além dos custos de deslocamento e o limite físico das bagagens. Aqueles que possuíam terras, por exemplo, as vendiam, bem como, todos os objetos que não era possível levar para Rondônia. A venda destes era necessária, pois com o dinheiro dos pertences os pomeranos teriam condições econômicas para recomeçar neste novo destino. “Vendemos a casa que nós tínhamos lá, era uma chácara como se diz, um meio alqueire né aí dali viemos para cá, aí tudo que nós trouxemos para cá, nós compramos uma terra em Cacoal” (Augustinho, 53 anos. Espigão do Oeste/RO).

Embora os pomeranos aspirassem por uma nova vida, o momento da partida era marcado por muitas emoções, pois, tinham que se despedir dos seus familiares, amigos, vizinhos e dos locais dos quais tinham vivido até então. Os entrevistados ressaltaram que as pessoas embarcavam muito emocionadas, Augustinho (53 anos. Espigão do Oeste/RO) menciona: “sei que era uma choradeira, uma despedida de lá pra cá”, apesar do sentimento de esperança por uma nova vida como tanto almejavam.

Os pomeranos faziam o percurso entre o Espírito Santo e Rondônia sobre os caminhões que eles denominavam de pau de arara. Os entrevistados descreveram os paus de arara como caminhões que possuía uma extensa carroceria e que era coberta por uma lona, esta tinha o papel de proteger a carroceria das condições do tempo. Os paus de arara eram o

⁹ Augustinho, 53 anos. Espigão do Oeste/RO.

principal meio de transporte utilizado para transportar os pomeranos migrantes e, ainda, para transportar as bagagens da família. Portanto, estes faziam este percurso entre os espaços que sobravam dos objetos na carroceria do caminhão.

Na literatura a expressão pau de arara de acordo com Silva; Pereira e Mapurunga (2014), aparece associado a uma vara que transporta aves como araras e papagaios. Além disso, é apontado ainda, como instrumento de tortura utilizado pelos policiais durante a ditadura militar no Brasil, pois os presos eram amarrados nas mãos e nas pernas em uma barra ficando suspensos. E por fim, os autores ressaltam o termo pau de arara atribuído ao meio de transporte irregular utilizado no Nordeste do país para transportar mercadorias, animais e passageiros. Esse tipo de transporte foi muito utilizado entre os emigrantes desta região, o termo faz uma comparação ao sofrimento do período militar com o sofrimento desses retirantes. Desse modo, os autores nos trazem a seguinte explicação:

Um sistema de condução que contém, em suas características, perfeitas mazelas sociais: o “pau de arara”. Resulta ele de uma carroceria de caminhão abrigada do sol por uma cobertura de lona, o encerado. As pessoas viajam sentadas em pranchas colocadas transversalmente, enquanto no sentido longitudinal, nos lados e no centro, agarram-se nas madeiras que servem de suporte à improvisada capota. Daí provém o adjetivo da incômoda condução, que lembra um poleiro onde as criaturas humanas desenvolvem prodígios de equilíbrio para manterem-se apoiadas. Por extensão, os seus ocupantes tomam o mesmo nome, passando a nova terminologia (sic) a designar todo àquele que viajou nos terríveis caminhões (SILVA, PEREIRA, MAPURUNGA, 2014, p. 8, apud LEITE).

Além da própria viagem nos paus de arara já representar um momento de sofrimento pelo seu desconforto, havia ainda o fato de que entre os pomeranos juntavam-se mais de uma família durante o percurso para dividir o espaço dos caminhões. Assim, iam para Rondônia duas, até três famílias pomeranas em cada pau de arara. Essas famílias poderiam ter algum parentesco ou serem apenas vizinhos. Além do mais, o número de membros de cada família era elevado. Portanto, o espaço era pequeno e disputado pela quantidade de bagagens e passageiros que permaneciam nesta situação por dias, até chegar em seu destino como expressa os pomeranos nos relatos abaixo:

Nós viemos em três famílias naquela época, em cima de um pau de arara, fala pau de arara porque era fechado né. Daí vinha três famílias num caminhão só, nós viemos para Espigão. Mas foi muito sofrido, foram muitos dias, eu era pequeno, mas lembro um pouquinho. Era só conhecido, não era parente não, era o Geraldo Loose e o Valdir Loose. Um já é até falecido, um é vivo ainda. Meu pai também já é falecido. Três mudanças em um caminhão e, mais todo mundo em cima. Você sabe né aquele piseiro, parava para fazer comida, é sofrido! Sabe, não é fácil não! É igual você vê nos filmes aqueles paus de arara com um monte de gente dentro (Augustinho, 53 anos. Espigão do Oeste/RO).

Conosco veio uma irmã que já tinha casado também, com marido e com 2 filhos. A minha família é bem grande. Nós somos, éramos em 11 irmãos na época, no mesmo caminhão, pau de arara sabe, a gente foi de pau de arara de lá para cá, caminhão mesmo com mudança em cima da mudança, sofremos muito (Trauda, 62 anos. Espigão do Oeste/RO).

Mencionei na seção anterior que alguns chefes de família iam individualmente para primeiramente conhecer Rondônia e caso gostassem e conseguissem um pedaço de terra, retornavam e buscavam o restante da família que haviam ficado no Espírito Santo. Estes geralmente embarcavam de carona nos paus de arara com essas famílias que estavam migrando. Assim, além das famílias migrantes sobre as carrocerias dos caminhões, havia essas pessoas que estavam indo de carona, mas que retornariam posteriormente como nos conta um dos entrevistados: “nós fomos com dois caminhões carregados, era quatro mudanças e pessoal junto de carona pra conhecer lá e eu era um daqueles né, eu e o meu pai também foi junto de carona” (Valdomiro, 75 anos. Espigão do Oeste/RO).

Sendo assim, os pomeranos levavam apenas aquilo que consideravam necessário para recomeçar uma nova vida em Rondônia. Entre os objetos citados pelos entrevistados estavam colchões, panelas, roupas e alimentos que também foram consumidos durante o trajeto da viagem. Estes ainda transportavam ferramentas de trabalho, mudas e sementes de plantas que seriam cultivadas neste destino, como lavouras de café, feijão, arroz, milho, hortaliças, ou seja, tudo o que era consumido no Espírito Santo. Algumas famílias também transportavam sobre os paus de arara animais de estimação como gatos, cachorros, além dos animais que eram utilizados para o consumo como porcos e galinhas. Havia ainda, algumas famílias que levavam gados, porém, estes iam em caminhões separados. Estas afirmações estão contidas nos relatos dos pomeranos que se segue:

A gente levava de tudo né e daí a gente colocava fogo e cozinhava arroz e um pouquinho, nem lembro o que a gente misturava ainda no meio e, assim foi, acho que nós tínhamos levado carne seca, levava tudo para fazer na estrada (Ernestina, 84 anos. Espigão do Oeste/RO).

Aí naquele tempo trazia de tudo, galinha, porco, gato, cachorro tudo em cima do caminhão. Hoje em dia não existe mais” (Anila, 86 anos. Espigão do Oeste/RO).

A gente parava para cozinhar comida na estrada e a gente gastou 8 dias para chegar, foi muito difícil. Inclusive levaram um caminhão de gado do Espírito Santo para recomeçar. É por isso que demorou tanto para chegar, porque tinha que achar um lugar onde esses animais pudessem ser descarregados, pastar, tomar água, daí carregava de novo e deixava pastar durante a noite e no outro dia seguia a viagem. E daí foi muito sofrido, Deus me livre! a gente lembra isso hoje. Hoje a gente vem de carro próprio, com 3 dias, nem gasta bem 3 dias você já está aqui, vem de avião no mesmo dia você chega né, e naquela época era difícil. Muito difícil (Trauda, 62 anos. Espigão do Oeste/RO).

Nós embarcamos lá numa sexta-feira às 5 horas da tarde, na outra sexta-feira da outra semana, meia-noite nós chegamos aqui. Nós viajamos uma semana inteira. Era meu pai, minha mãe, meu irmão, o motorista, eu, meu marido e minha filha pequena. Aquilo estava lotado de coisas que nós vínhamos trazendo e nós tinha feito uma caminha em cima das coisas, lá os dois meninos vinha, porque meu irmão mais pequeno estava com 10 anos e eles vinham ali, a gente numa aventura que Deus me livre. Nós vendemos tudo, vendeu tudinho, nós só trouxemos a roupa de cama e as roupas do corpo e uns travesseiros. O cunhado que é casado com a irmã do meu marido eles tinham vindo 2 meses depois em julho né. Aí nós tínhamos um panelão¹⁰, aquilo eles trouxeram e uma caixa que a gente tinha café pilado lá, eles também trouxeram e ainda a máquina de costura. Mas as outras coisas a gente comprou tudo devagarinho aqui (Celma, 68 anos. Cacoal/RO).

Como vimos nestes relatos, a viagem entre o Espírito Santo e Rondônia duravam muitos dias, entre 3 e 11. As circunstâncias de cada viagem determinariam a duração do tempo delas. Portanto, além das condições precárias da viagem já descritas pelos pomeanos como o desconforto do percurso vivido por muitos dias, os entrevistados ainda lembram dos problemas que eventualmente surgiam durante as viagens. Dentre eles foram apontados, especificamente as rodovias que não havia asfaltamento e ainda, não eram bem conservadas, pois, havia muitos buracos, presença de areia principalmente no estado do Mato Grosso que dificultavam a passagem dos caminhões e tornavam o percurso mais lento (Figura 10).

Outro aspecto que ocasionava o prolongamento das viagens declarado pelos entrevistados, foram as famílias terem que preparar suas próprias refeições durante o percurso. Assim, era necessário improvisar fogões para cozinhar. Além disso, tinha que fazer a higiene pessoal, os migrantes “paravam na beira do rio, eles faziam almoço, ia tomar banho” (Arlindo, 70 anos. Espigão do Oeste/RO). O descanso também era feito sobre os caminhões, os motoristas paravam nos acostamentos durante a noite para dormir e as famílias tinham que descansar em cima dos caminhões em pequenos espaços. Aqueles que levavam consigo animais tinham a preocupação de ter que encontrar um local para que estes também pudessem se alimentar. O gado, por exemplo, era solto durante a noite para que pudessem pastar os capins que ficavam nas margens das rodovias. Portanto, todos esses fatores mencionados determinavam o tempo que levariam para chegar nos seus destinos, quanto maior o tempo, maior seriam os sofrimentos desses migrantes.

¹⁰ Panela usada para cozimento da comida dos porcos e para fritar carnes em grandes quantidades quando estas seriam armazenadas em latas debaixo da gordura para sua melhor conservação.

Figura 10 - Trecho da BR 364 anterior ao asfaltamento



Fonte: <https://www.ariquemesonline.com.br/noticia.asp?cod=361321&codDep=27#gsc.tab=>

Outra situação bastante comum em relação as estradas eram os imensos lamaçais que se formavam após a precipitação das chuvas constantes na Região Amazônica. Estes, também dificultavam a passagem e por muitas vezes as tornavam perigosas por causar atolamentos dos caminhões. Isto era uma situação bem comum vivida pelos pomeranos na época e que podemos visualizar na Figura 11 que segue abaixo:

Figura 11 - Situação da BR 364 no período de chuvas do ano de 1975



Fonte: <http://www.rondonia.ro.gov.br/maior-colonia-de-pomeranos-da-amazonia-vive-em-rondonia/>

Todas estas circunstâncias contribuíam para que em alguns casos ocorressem problemas mecânicos nos caminhões. E quando isto ocorria, tinha que ficar esperando na estrada por ajuda até que o problema fosse resolvido. Outras dificuldades que surgiam também durante o trajeto eram os problemas com a fiscalização, pois já era proibido o transporte de pessoas em carrocerias de caminhão. Assim, durante a passagem onde havia estas fiscalizações, os pomeranos tinham que se esconder entre os seus pertences ou descer e caminhar a pé, visto que tinham medo de que fossem impedidos de prosseguir com a viagem. Cabe ressaltar que entre as famílias havia muitas crianças e idosos, estes sofriam ainda mais com todas essas adversidades do percurso. Abaixo, se encontram relatos que descrevem estes contratempos:

A viagem foi 3 dias no pau de arara, com 3 famílias em cima. Era o sogro e um conhecido nosso. O meu conhecido ficou em Espigão do Oeste e nós viemos para Alto Alegre. Fomos todos juntos num caminhão só, nós dormíamos dentro do caminhão, só uma noite nós dormimos numa garagem. Ainda em Mato Grosso nós não podíamos passar no posto de polícia, aquele tempo já era proibido carregar gente em cima do caminhão né. Aí nós fomos andar a pé em Mato Grosso, o motorista na frente e nós atrás, a gente se perdeu no meio da mata, nós ficamos umas 2 horas rodando na mata, aí trepamos num pé de árvore para escutar no asfalto os caminhões passar, aí nós voltamos a mesma coisa para trás de novo aí nós achamos o asfalto, aí nós achamos o caminhão que já tinha passado dos guardas, nós subimos e fomos embora. Eu precisei carregar os meninos ainda, meu segundo estava com 8 anos né, ele afrouxou, precisei carregar ele no meio do mato, depois do susto estava gostoso a viagem (Marcionílio, 67 anos. Alto Alegre dos Parecis/RO).

Nós gastamos 10 dias naquela época para vir para Rondônia. Hoje é rapidinho né, máximo 3 dias, nem sei, acho que nem isso mais. Nós gastamos 10 dias nas estradas, é porque fazia comida na estrada também, aí parava e naquela época a maioria dessa Amazônia para cá onde nós estamos morando era tudo estrada sem asfalto né, aí nós ficávamos um monte de dia parado, o carro estragava, aí sem recurso, nós gastamos acho que mais de 10 dias só para nós chegar aqui em Rondônia, até na cidade de Espigão. É aquela época tinha o pau de arara, aí nós sofremos muito, monte família, todo mundo com a sua mudança. O pau de arara era um carro mais grandão né, bem grande, de carroceria bem grande e aí era tudo fechado de lona, bem fechado por cima podia até chover, só tinha uma portinha lá dentro para quando passava numa cidade para fiscalização não ver. Aí nós fechávamos e íamos embora todo mundo. Mas era muita gente mesmo e aí deu para vim de lá do Ibituba, Espírito Santo até aqui sem ter essa amolação com a fiscalização né. Junto com a mudança era bem apertado. Falar a verdade, a minha mãe sofreu com ela tinha os meninos tudo meio pequeno ela chegou dura. Nas estradas quando parava, ela não aguentava nem se levantar mais, precisava de ajuda para levantar ela, porque os filhos ficavam deitados em cima, porque o espaço era muito pequeno. Ela sofreu muito, ela reclama até hoje ainda. Todo mundo dormia lá, tem uns que colocavam assim uma rede debaixo do carro, o motorista e mais uns outros dois, dormia dentro da cabine mesmo. Mas a maioria todo mundo dormia em cima do carro mesmo. Dormia quase para dizer um em cima do outro, se fosse para aguentar isso hoje, acho que dá briga e lá não dava confusão nenhuma, vinha embora tranquilo, sofrendo mais viemos. Os filhos era tudo pequeno, e nós éramos bem fracos de vida e outra família também, estava nem aí, aguentava o bote mesmo, fosse para hoje ninguém aguentava mais (Arlindo, 59 anos. Espigão do Oeste/RO).

Observando os relatos que foram incluídos ao longo do texto, todos eles enfatizaram os paus de arara. Dessa forma, entendo que eles foram elementos de relevância no deslocamento espacial pomerano e que estão presentes tanto na memória desses migrantes, como na história da migração interna brasileira. Pois, a saída de caminhões com migrantes era recorrente em diversos municípios do Espírito Santo nas décadas de 1970 e 1980, quando muitos pomeranos deixaram este estado para refazer suas vidas em Rondônia. Além disso, as pessoas de várias partes do país também utilizavam esta forma de deslocamento para Rondônia.

No entanto, tenho que mencionar que alguns entrevistados utilizaram outras formas para chegar em Rondônia e uma delas foi a linha de ônibus entre o Espírito Santo e Rondônia que já estava ativa na época “viemos no ônibus da Mutum Preto, quatro famílias dentro de um ônibus e, mais a mudança no porão. Trouxemos só panela, ferramentas, essas coisas né e colchão dentro do ônibus” (Jorge, 66 anos. Cacoal/RO). Outras famílias que também fizeram este percurso, foram em carros de passeio. Contudo, os paus de arara representam, majoritariamente, o meio utilizado pelos migrantes para se deslocar até Rondônia. Havia um grupo restrito entre os pomeranos que tiveram a oportunidade de ir de avião, como foi o caso de alguns pastores da Igreja Luterana. No entanto, a maioria dos pomeranos não desfrutaram dessa possibilidade e tiveram que embarcar em paus de arara.

Os pomeranos suportaram todas essas circunstâncias, pois alegavam que “já eram famílias muito sofridas lá no Espírito Santo, não tinha emprego que prestava.” (Arlindo, 59 anos. Espigão do Oeste/RO). Contudo, as dificuldades do trajeto da viagem não impossibilitaram que estes chegassem em Rondônia esperançosos e que novos migrantes também fizessem esse percurso.

A seguir irei discorrer a respeito das primeiras vivências dos pomeranos em Rondônia. Estes que passaram por situações difíceis durante o trajeto da migração, continuaram vivendo arduamente os primeiros anos neste estado.

4.4 “NÓS CHEGAMOS AQUI SEM NADA, EU TRABALHEI E HOJE ESTAMOS TRANQUILOS”¹¹

Vimos que os pomeranos relataram que foram para Rondônia em circunstâncias bastante adversas. Contudo, eles possuíam no imaginário uma realidade bem diferente daquela que encontraram assim que chegaram. E nessa seção pretendo descrever, a partir dos relatos dos entrevistados, como foram as primeiras experiências após o movimento inicial a imigração na Região Amazônica, visto que, os pomeranos sabiam que teriam muito trabalho para reconstruir uma nova vida neste lugar, mas não contavam com o tamanho da espera para receber aquilo que as famílias tanto ansiavam: a terra própria.

Como apontado anteriormente, o órgão governamental responsável pela distribuição e regularização das terras era o INCRA. Este, portanto, promovia as doações, e, também, a regularização das terras que estavam sendo vendidas em Rondônia. E isto, segundo os entrevistados, causava uma grande lentidão no trabalho deste órgão.

Desse modo, a distribuição de terras em Rondônia não era feita de imediato, pois, os entrevistados afirmam que havia uma lista de pessoas aguardando para receber seu pedaço de terra. Portanto, assim que os primeiros pomeranos chegaram em Rondônia estes tiveram que se instalar em moradias improvisadas, conforme vemos na Figura 12. Estas, segundo eles, eram feitas com lonas ou paus cobertas com folhas de palmito, nos locais estabelecidos pelo próprio INCRA. Estas casas não protegiam as pessoas das fortes chuvas que comumente ocorriam no bioma amazônico e, com a proximidade da floresta, os insetos e animais peçonhentos acabavam circulando no interior delas. Segue abaixo alguns trechos dos entrevistados relacionado a esta experiência descrita:

¹¹ Marcionílio, 67 anos. Alto Alegre dos Parecis/RO.

A gente veio para morar dentro de um barraco de lasca de coqueiro. Nós tratamos de chão batido, forrava folha de coco no chão e depois jogava os colchões e era tampado com tabuinha. Menina, quando dava uns temporais a noite, o trem era feio. E era pequeno o barraco, nossa molhava! A gente tinha que juntar os colchões e a gente dependia do plástico né, plástico branco, tampava por cima dos colchões e a gente ficava ali. Esperava. Se a chuva durasse 2, 3 horas você tinha que ficar 2, 3 horas sem dormir, ficar lá debaixo daqueles plásticos, esperando a chuva passar. Passava aquele chuvão pesado aí dava aqueles pingos, goteirinha pouca, aí tem vez que a gente se deitava. Aí na época também tinha muita daquela formiga, nós a tratamos de correção, eles a tratam de um outro nome aqui. Menina, aquilo botava nós tudo para levantar a noite. Porque vinha assim, entrava dentro do barraco limpava tudinho, não tinha onde, você tinha que correr. Enquanto ela não fazia arrastão, ela fazia limpeza na casa né, era barata, era grilo, era tudo que elas achavam pegava tudo, as formigas. Aí quando não era a chuva era aquilo lá. Mas foi muita noite assim até nós conseguirmos ir para um barraco melhor, foi difícil. O barraquinho era tampado de tabuinha também, mas era de tábua né. Esse primeiro era de ripa de palmito dos lados, um fogãozinho de barro, feito de barro mesmo né, uma puxadinha, mas era um trem pequenininho, dormia todo mundo embolado. Era 4 famílias que veio e quando chegamos não tinha para onde ir, não conhecia ninguém aí embolava todo mundo lá (Jorge, 66 anos. Cacoal/RO).

A gente morou encostado na cidade. Porque onde o meu pai tinha comprado terra não era longe da cidadezinha, até lá dava uns 20 km, só que era uma estrada muito ruim, eles estavam praticamente abrindo a estrada, aí a gente ia para lá a pé e a cavalo. Até quando eles fizeram um barraquinho, construíram uma casinha aí que meu pai nos levou para morar lá naquele sítio (Trauda, 62 anos. Espigão do Oeste/RO).

Figura 12 - Acampamento dos imigrantes recém-chegados em Rondônia



Fonte: <http://www.rondonia.ro.gov.br/municipio-de-ouro-preto-do-oeste-completa-40-anos-nesta-quarta-feira-16/>

De acordo com Fiore; Fiore e Nenevé (2013), como estratégia de ocupação, o INCRA delimitava um espaço que tinha o objetivo de servir como ponto de apoio a cada projeto de integração, ou seja, o Núcleo Urbano de Apoio Rural (NUAR). Assim, muitas vezes, os

imigrantes chegavam nestes núcleos para posteriormente ocupar as terras que estavam sendo doadas. Os autores afirmam que muitos desses espaços, acabaram se transformando, nos anos seguintes, em municípios. Assim, “entre 1977 e 1995, foram criados 50 dos 52 municípios do estado. A maioria deles se originou por alguma influência dos NUAR” (p. 14).

Quanto aos imigrantes inseridos em Rondônia, devemos ressaltar que estes estavam vivendo algo novo, o ambiente da floresta amazônica. Encontravam-se diante de uma dinâmica pluviométrica muito expressiva, além de uma biodiversidade gigantesca, sobretudo, por se tratar de um bioma ainda preservado em grande parte até a chegada destes. Este aspecto ambiental esteve muito presente durante as entrevistas e, portanto, vou discorrer a seguir como este tema foi lembrado pelos pomeranos em suas primeiras vivências na Região Amazônica.

Deste modo, é interessante mencionar que as terras distribuídas pelo INCRA eram de difícil acesso, devido a presença da floresta amazônica. Assim, os pomeranos relatam que para chegar até esses lotes eles tinham que andar a mata adentro abrindo caminhos com foices e machados. Todo esse trabalho para obter acesso às terras, foi realizado de forma braçal. Os pertences destes, também foram levados nas mãos, porque não havia possibilidade de algum veículo chegar até o local onde os pomeranos estavam sendo encaminhados para residir, visto que não existiam estradas. Acerca deste aspecto, segue alguns trechos:

A vida em Rondônia foi muito difícil porque tinha que carregar tudo nas costas e fazer cangalha¹² né, carregar as coisas tudo nas costas e tudo era estrada de chão. Não tinha uma estrada boa para carro e tudo era a pé. Então foi difícil o começo (Anila, 86 anos. Espigão do Oeste/RO).

Era mata pura quando nós viemos. A minha casa era 30 km da casa do meu pai. Até um certo ponto a gente deixava a bicicleta e de lá era mais 10 km para dentro de estrada picada de facão, andando no mato porque não tinha estrada e ainda carregava tudo nas costas (Celma, 68 anos. Cacoal/RO).

Nós fomos selecionados para ter o nosso lote de terra no Colorado do Oeste, Sul de Rondônia e 300 km retirado por péssimas estradas de lá onde nós morávamos e num lugar totalmente estranho também. Andamos 80 km com cangalha nas costas para chegar até essa terra, tive vontade de desistir porque era uma coisa muito desumana enfrentar tudo isso (Evaldino, 63 anos. Espigão do Oeste/RO).

Quando os pomeranos chegavam ao seu destino, era necessário desmatar uma área da floresta para construir a casa e, também, para que tivessem onde plantar os alimentos. Cabe ressaltar que estes imigrantes não possuíam muitos recursos econômicos, assim, essas casas eram feitas a partir de madeiras retiradas da própria floresta. Além disso, os pomeranos

¹² No dicionário eletrônico Cangalha se constitui em uma armação que se coloca no dorso das bestas para sustentar a carga dos dois lados.

inseriram nestas terras plantações de café, milho, feijão, arroz e a criação de gado como atividade econômica. Na Figura 13 é possível observar uma plantação de milho ao lado da floresta.

Figura 13 - Plantação de milho no município de Pimenta Bueno na década de 1980



Fonte: acervo particular Reinaldo Saick

Desse modo, as famílias pomeranas viviam basicamente daquilo que elas plantavam, poucos itens eram comprados nos mercados das pequenas cidades que havia em Rondônia, apenas aquilo que elas não podiam produzir em suas propriedades, “a gente não dependia dos meios produzidos nas indústrias, a gente vivia praticamente só daquilo que a própria terra nos oferecia. O que a gente comprava era roupa, sal, calçados e remédio” (Evaldino, 63 anos. Espigão do Oeste/RO). Estes também se alimentavam dos animais silvestres que viviam nas florestas. Assim, os pomeranos conseguiram superar as adversidades da falta de apoio institucional do Estado, do isolamento territorial e da própria floresta amazônica, um ambiente desconhecido até então. Visto que, descreveram as seguintes situações a respeito desses apontamentos:

Vieram aqui e compraram esse lote, o meu pai comprou esse lote né, a terra quero dizer. Então aí eles vieram aqui fazer um barraco né, um barraco assim: lascaram, trouxe um facão de fazer tabuinha, um facão de lascar pau, não sei como chama aquilo em pomerano?!, *Schinel mätser*, eu acho. Aí fizeram aquelas lascas e fizeram um barraco né, com coqueiro redondo mesmo para dizer que não estava no chão e

cobriram com umas telinhas de madeira de tabuinha né, aí a gente veio para cá morar aqui, nós aqui sozinho. Nós tínhamos uma derrubada pequenininha em volta da casa só, o resto era tudo mata, plantamos umas plantinhas, mandioca, um pouquinho de milho, de tudo um pouquinho, porque era pequenininho ainda né. Assim a gente começou. (Celma, 68 anos. Cacoal/RO).

Nós ficamos juntos com meu cunhado uns 7 dias, aí nós já achamos uma terra, aí nós já tocamos o café, bananeira, essas coisas depois de derrubar a mata. Derrubei 16 alqueires de mata, plantei tudo em café. Eu que fiz as mudas, fiz sozinho, oh luta! Chegamos aqui sem nada, aí eu trabalhei, trabalhei, hoje estamos tranquilos. Cheguei à colher 1200 sacas de café limpa, vários anos colhi 1000 sacas de café, de milho e 500 sacas de feijão. Nós colhemos muito, mas sempre o preço era muito baixo, aí sempre só trabalhar para comer e beber né (Marcionílio, 67 anos. Alto Alegre dos Parecis/RO).

Nós chegamos em Rondônia, você acredita nós matamos é macaco para comer, você acredita?! Hoje ninguém não come e era uma carne tão gostosa, parecia frango mesmo, se fosse para comer hoje, ninguém comia nem para reza. (Arlindo, 59 anos. Espigão do Oeste/RO).

Outro aspecto que os pomeranos entrevistados afirmaram em relação ao desmatamento que estes realizaram nos lotes recebidos pelo INCRA, era de que havia, por parte deste órgão, a exigência para que desmatassem os seus lotes e os tornassem produtivos economicamente. Assim, para eles, aquele imigrante que não seguia as instruções do INCRA corria o risco de perder seu lote para outros imigrantes. Desse modo, os pomeranos ressaltam que tiveram muito trabalho e muito sofrimento, pois todo trabalho de desmatamento era feito de forma braçal.

A gente acha até estranho hoje que o governo quer que não derrube a mata né e se naquela época se você não derrubasse a metade logo, você perderia a terra né, você não era dono. Você tinha que comprar, vamos supor uns 10 alqueires que a gente fala, você tinha que derrubar a metade para você ser dono, senão você não era dono. E hoje é o contrário né, quer que deixe 80% de mata né, depois que acabou tudo (Augustinho, 53 anos. Espigão do Oeste/RO).

Contudo, de maneira oposta ao pensamento dos pomeranos, Fiore; Fiore e Nenevé (2013) ressaltam que o órgão governamental responsável pela distribuição de terras em Rondônia não exigia que os imigrantes desmatassem os seus lotes. Pois, o código florestal vigente neste período, estabelecia que 50% da vegetação de cada propriedade deveria ser preservada. No entanto, os autores apontam que na maioria dos lotes foi desmatado 100%. Isto, ainda segundo os autores, estaria associado a uma forma que alguns imigrantes encontraram para proteger seus terrenos para que não houvesse invasões de terceiros. Visto que “o fato de um colono receber um lote do INCRA, mas não promover o desflorestamento, era motivo suficiente para que esse lote sofresse invasões” (p. 16).

E de fato, a esta circunstância descrita acima aconteceu a um dos pomeranos entrevistados, abaixo segue um trecho em que este nos relata isto. Desse modo, enfatizamos

que nem todas as distribuições de terras em Rondônia ocorreram de forma pacífica. Pois de acordo com Santos; Ricarte e Conceição (2016) com as mudanças das estruturas territoriais em Rondônia, houve muitos conflitos agrários em que alguns deles terminavam até em mortes. Portanto, entre os grupos sociais envolvidos nos conflitos estavam os fazendeiros, posseiros, indígenas, madeireiros e grileiros. Assim, este “novo Eldorado”, a terra “prometida” para os pomeranos também era um local de incertezas e medos de que simplesmente esta empreitada não pudesse dar certo e as pessoas perderem tudo.

Os grileiros como eles falavam naquela época entraram e tomaram tudo de nós. E aí nós mudamos na terra de um rapaz, plantando feijão para comprar terra de novo. A gente comprava as terras, mas tinha que esperar o INCRA para dar os documentos né. E nesse intervalo se você não morasse em cima da terra, se entrasse outro para você tirar ele não conseguia né. Então era dono quem morava em cima. Aí como a gente morava em Espigão e a terra era no Cacoal, a gente ia lá na terra, o pai ia lá na terra, nós trabalhávamos, mas só que ninguém morava em cima da terra, daí os grileiros, outra família entrou e a gente perdeu. Naquela época era perigoso você tentar tirar, morria muita gente, “nego” matava igual, como se diz hoje, igual mata vaca, porque naquela época não tinha autoridade. A gente nem foi atrás porque era perigoso, era melhor ficar com a vida do que perder, largar a terra e ficar com a vida. Como nós morávamos no Espigão ficamos morando na terra do Davi Bina, como era Rondônia e o pai era bastante rígido não queria grilar a terra por causa da religião né. O pastor também falava que isso não era certo, mas o povo grilava mesmo, marcava um pedaço e falava isso aqui é meu, aí nós preferimos trabalhar quase a meia uns anos, plantava muito feijão né, nós sempre colhíamos muito feijão e com isso nós compramos a terra e com isso foi vendendo e recomprando. (Augustinho, 53 anos. Espigão do Oeste/RO).

É importante ressaltar que as políticas de ocupação na Região Amazônica e o desmatamento provocado pelos imigrantes gerou uma aceleração da destruição do bioma amazônico, bem como, um empobrecimento do solo em relação a nutrientes para a prática da agricultura (SANTOS; RICARTE; CONCEIÇÃO, 2016). E os pomeranos têm consciência disto, visto que estes apontam que “você não acha nenhuma cobra na estrada mais, aqui você não acha bicho nada, tudo quase derrubado. Tem gente que fala que lá no Espírito Santo tem mais mata do que aqui” (Augustinho, 53 anos. Espigão do Oeste/RO). E ainda, um dos entrevistados relata que:

A terra aqui em Rondônia não é melhor que a terra do Espírito Santo não. Eu sei, porque mais ou menos era assim: lá na Água Limpa, quando eu e seu pai era novo, nós batemos muito feijão com porrete mesmo né e era uma terra velha, mas limpava, plantava e dava bem. E aqui em Rondônia parece que tem lugar que dá, mas o nosso lugar não é tão favorável para isso não (Reinaldo, 65 anos. Espigão do Oeste/RO).

Outro aspecto a ser evidenciado em relação a proximidade dos pomeranos com o bioma amazônico eram as doenças consideradas como tropicais. A proximidade com as florestas vivida por estes logo após a sua chegada em Rondônia, possibilitou com que muitas pessoas contraíssem doenças como a malária, febre amarela, leishmaniose. Algumas crianças

pomeranas vieram a óbito pela dificuldade de acesso ao sistema de saúde que até então era precário em Rondônia. “Dois filhos ficaram doente, um teve malária e o outro filho teve essas leishmanioses né, precisou ir até a irmã Guerta que estava lá na nossa igreja daí levou até para o Paraná para fazer o tratamento, mas graças a Deus ele sarou” (Anila, 86 anos. Espigão do Oeste/RO).

A falta de uma estrutura básica como hospitais ou locais que possuíssem atendimentos médicos próximos dos imigrantes representava um elemento de grande dificuldade para a vivência destes em Rondônia. Assim, era comum entre os pomeranos retornar às suas cidades de origem caso necessitasse de algum tratamento de saúde específico.

E conforme vimos na fala da Anila (86 anos. Espigão do Oeste/RO), ela procurou tratamento no Paraná, pois havia sido a última cidade que viveu antes de ir para Rondônia. Mas outros pomeranos retornavam ao Espírito Santo e, as Igrejas Luteranas faziam mediações através de agendamentos de consultas e hospedagens nos albergues da própria igreja neste estado.

Outras dificuldades apontadas pelos pomeranos em Rondônia vividos durante os primeiros anos foram em relação a adaptação neste novo lugar. Como já mencionei, o ambiente e as estruturas socioespaciais eram totalmente diferentes do qual estavam habituados no estado do Espírito Santo. Além disso, tiveram muito trabalho para reorganizar seus modos de vida na floresta amazônica brasileira.

A falta de infraestrutura, como estradas, ausência de energia elétrica, distanciamento das pequenas cidades, das unidades de saúde entre as propriedades, a falta de pessoas conhecidas e o convívio com diferentes culturas, modos de vida causou um certo estranhamento e um saudosismo do Espírito Santo “deu vontade de voltar, mas só que a gente já tinha vendido lá e os familiares quando são mais novos, meus irmãos começaram a caçar, se interessar por bicho sabe como é as coisas né, aí aquilo passou” (Reinaldo, 65 anos. Espigão do Oeste/RO).

No entanto, apesar de todas as dificuldades e sofrimentos evidenciados pelos os pomeranos em Rondônia, estes se fazem presentes neste estado e de forma expressiva até os dias de hoje. Na Figura 14 é possível visualizar parte de uma família pomerana em Rondônia ainda na década de 1980.

Figura 14 - Pomeranos no município de Pimenta Bueno na década de 1980



Fonte: Disponibilizada por Reinaldo Saick

Cabe mencionar ainda que estes carregaram nesta região o seu modo de vida e continuam preservando elementos culturais do seu povo como a religiosidade e a língua, por exemplo, “no início a gente falava a língua, nossa a gente era xingado lá! Não queriam que falasse em pomerano, eles achavam que a gente estava falando mal deles. Agora não, falamos em pomerano e eles não estão nem aí” (Valdomiro, 65 anos. Espigão do Oeste/RO). Assim, na Figura 15 temos a imagem da primeira Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil construída no município de Espigão do Oeste como elemento visual da cultura pomerana no estado de Rondônia.

Figura 15 - Primeira Igreja Luterana (IECLB) no município de Espigão do Oeste



Fonte: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/sinodo-amazonia-espigao-d-oeste>

Desse modo, é importante destacar que os pomeranos também relataram que não se arrependem de terem deixado o Espírito Santo. Pois, a maioria deles conseguiu comprar terras e melhorar as suas situações econômicas. Por esta razão, tinha a visão entre alguns pomeranos de que a migração para Rondônia era uma possibilidade de enriquecer. Mas esta visão é desmistificada pelos próprios entrevistados, “lembro que muitos que vieram do Espírito Santo para Rondônia talvez nem conseguiram a terra também. A gente tem muitos meeiros aqui em Rondônia hoje” (Evaldino, 63 anos. Espigão do Oeste/RO). Mas alguns trechos das falas dos entrevistados demonstram que a migração para Rondônia para estes foi também uma possibilidade de crescimento econômico:

Para nós foi bom ter vindo para Rondônia, nós éramos em 11 filhos na época e no Espírito Santo isso nunca seria possível na nossa situação financeira. Mas hoje todos os 11 filhos moram em Rondônia e todos eles têm ou tiveram seu pedaço de terra. Todo mundo conseguiu seu trecho de terra e quem não está mais na terra vendeu e partiu para outra atividade, mas para nós foi na verdade um paraíso Rondônia. Porque todos os filhos estão financeiramente bem, vivem tranquilos. Então essa vida seria quase impossível no Espírito Santo. Então a gente dá muita graças a Deus, para nós Rondônia foi a terra prometida (Evaldino, 63 anos. Espigão do Oeste/RO).

Hoje como se diz, sem o pai faz muita falta, mas cada um de nós tem alguma coisa, não somos ricos mais dá para viver. Assim, hoje só falando por cima, só hoje, eu tenho, fora dos meus irmãos, mais ou menos o que eu tenho, a minha renda dá mais ou menos uns 2 milhões né, se eu vender tudo o que tenho (Augustinho, 53 anos. Espigão do Oeste/RO).

Nós éramos 3 irmãos e os 3 irmãos que o pai então deu terra para eles lá, ficaram até hoje. Estão até bem de vida, daí nós éramos em 8 irmãs e aí as irmãs o pai não deu

terra, só deu para os filhos homens, ainda tinha essa coisa (Trauda, 62 anos. Espigão do Oeste/RO).

Os pomeranos também citam outras melhorias que eles consideram importantes ocorridas no estado de Rondônia com o passar do tempo. Entre elas, ressaltam a ampliação do sistema de saúde, melhoramento das rodovias, instalação da energia elétrica que possibilitou a conexão à internet até mesmo nos interiores. E ainda, a facilidade de acessos como bancos, mercados, e outros tipos de serviços que todas as grandes cidades possuem e que se encontram com muita facilidade em Rondônia.

Assim, Rondônia passou por muitas mudanças socioespaciais que na visão dos entrevistados trouxeram melhorias para o estado e o bem-estar da população. Uma outra transformação que ocorreu na vida dos pomeranos em Rondônia e foi possível constatar a partir das entrevistas é que esses imigrantes que viveram suas vidas sempre em áreas rurais, mas atualmente vivem também nos espaços urbanos neste estado. Isto também é visto por este grupo como um aspecto de melhorias ocorridas, apesar de que estes ainda mantêm vínculos com o espaço rural, indo periodicamente nos sítios dos quais não foram desfeitos. Portanto, as melhorias se destacam pela proximidade que estes estão de hospitais, igrejas e outros recursos que os espaços urbanos oferecem.

Ao longo deste capítulo procurei destacar o processo migratório dos descendentes de pomeranos do Espírito Santo para Rondônia, os elementos de influência na decisão de deixar o Espírito Santo e recomeçar uma nova vida em Rondônia. E ainda, expor como foi o trajeto e as vivências desta migração. Mesmo diante dos fatores históricos, socioespaciais que orientaram estes fluxos, observei que existiram particularidades que levaram este povo a deixar diferentes áreas do Espírito Santo. Apesar das diferentes relações com esses lugares terem colaborado para a saída e a escolha do destino, saliento que houve a influência de redes pomeranas.

Neste sentido, o elemento que se revela durante o processo de pesquisa acarretando a inserção e a permanência pomerana na Região Amazônica são as redes que emergiram deste fenômeno. Portanto, no capítulo a seguir irei discorrer a respeito das redes que orientaram as migrações, bem como, as redes pomeranas que se formaram posteriormente a esta migração.

5. SOBRE A CONTINUIDADE DAS IDAS E VINDAS: REDES DE RELAÇÕES POMERANAS ENTRE OS ESTADOS DE RONDÔNIA E ESPÍRITO SANTO.

No capítulo anterior acompanhamos o processo migratório dos descendentes de pomeranos do Espírito Santo para Rondônia a partir da década de 70 no século XX. Vimos as razões e os motivos pelos quais muitos pomeranos deixaram este estado para se aventurar em uma região tão distante e desafiadora para recomeçar uma nova vida. Ressaltei também como foram feitos os percursos migratórios considerando que a distância geográfica, como já mencionado, é significativa e marca expressiva entre esses dois estados brasileiros quando se pensa em um fluxo migratório.

Portanto, o processo descrito relata a inserção de um grupo étnico específico na Região Amazônica do Brasil, que segue desencadeando fenômenos geográficos através das permanências e do surgimento de novas gerações em Rondônia. Além disso, existem distintas manifestações culturais, tanto materiais, quanto imateriais do povo pomerano que está sendo continuado neste estado e veiculado midiaticamente pelas emissoras de rádios locais. Outro fenômeno consiste na interligação que os pomeranos em Rondônia mantêm com os pomeranos no Espírito Santo.

Desse modo, destacarei neste capítulo, o fenômeno geográfico das redes de relações sociais pomeranas destes migrantes. Já ressaltai ao longo desta dissertação que os segmentos populacionais se articulam em redes que são reconstituídas continuamente nas sociedades e estão presentes, inclusive, nos processos migratórios. Pois, estes não ocorrem de maneira aleatória ou isolada, uma vez que estão conectados com indivíduos e/ou grupos sociais (TRUZZI, 2008). No caso da presente pesquisa, as redes migratórias associadas entre o próprio povo pomerano.

Assim, neste último capítulo apresento as redes de relações sociais que levaram os pomeranos até Rondônia; bem como, as redes pomeranas existentes entre Espírito Santo e Rondônia originadas a partir da década de 70; e as redes pomeranas em Rondônia e Região Amazônica a partir da inserção deste povo.

De acordo com Mondardo e Saquet (2008) no processo de migração se constroem redes entre territórios de origem e de destino, sendo elas alimentadas por meio dos vínculos existentes que se colocam em interação. Portanto, sigo a partir do pressuposto de que as redes de relações sociais pomeranas exerceram um papel fundamental no processo de emigração do Espírito Santo para Rondônia e permanência neste estado, bem como, nos vínculos

estabelecidos de modo ativo e, está presente nas dinâmicas cotidianas deste segmento populacional nestes e entre estes dois estados.

Portanto, tenho como objetivo de responder adiante as seguintes questões: Qual foi/é o papel das redes de relações sociais no processo migratório dos pomeranos? O que garantiu e ainda garante a permanência dos pomeranos em Rondônia? Como se dá a interação entre redes pomeranas que interligam o Espírito Santo e Rondônia?

5.1 “PARENTE É ASSIM: SAIU UM, OS OUTROS VÃO ACOMPANHANDO”¹³

O último capítulo desta dissertação refere-se as redes pomeranas. E nesta seção, especificamente, das possíveis redes que desencadearam os fluxos migratórios de pomeranos do estado do Espírito Santo para o estado de Rondônia. Já foi retratado que os pomeranos estão inseridos em diferentes municípios do estado do Espírito Santo e, a presente pesquisa nos revelou que na maioria desses municípios ocorreu a saída deles para Rondônia, considerando, portanto, a existência de redes pomeranas.

E o fato de ter apresentado no capítulo anterior as condições estruturais das regiões de origem e destino dos pomeranos, não minimiza o papel das redes no processo migratório. Visto que, Truzzi (2008) aponta que quando evidenciamos o conceito de redes sociais nos processos migratórios, este se torna o centro da explicação das decisões de migração, uma vez que, revela a importância do agente e de sua rede de relações na decisão de emigrar. Mas isto também não elimina a importância de ressaltarmos as condições estruturais de cada região, pois, para Fazito (2002) “não faz sentido pensar em redes sociais de migração sem pensar na interação dos atores distribuídos em suas respectivas estruturas sociais” (p.2). Outras contribuições teóricas acerca de redes migratórias vemos que:

Quando suas singularidades dependem da natureza dos contextos sociais que ela articula, uma rede migratória é, também, um tipo específico de rede social que agrega redes sociais existentes e enseja a criação de outras: portanto, consiste em “uma rede de redes sociais”. Por fim, uma “rede migratória” implica origem e destino – isto é: recortes territoriais, países, estados, microrregiões, municípios, cidades etc. que se articulam por intermédio de fluxos migratórios (SOARES; RODRIGUES, 2005, p.66).

E ainda, outra contribuição relevante para levar em consideração a respeito de redes migratórias encontramos em Truzzi (2008 apud Massey), que compreende as redes migratórias como “complexo de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e

¹³ Jorge, 66 anos. Cacoal/RO.

conterrâneidade” (p.203). Este reforça ainda a ideia de que mesmo que os fluxos migratórios se iniciam com desequilíbrios estruturais ocorridos nas regiões de origem e destino, estes são sustentados e/ou alimentados, sobretudo, pelas redes sociais.

De modo semelhante Marandola Jr. e Dal Gallo (2010) nos orientam que o estudo das redes de relações sociais são fundamentais para compreender os fluxos migratórios. Para os autores, elas são capazes de nos explicar tantos os motivos que levaram os migrantes a deixarem seu local de origem, bem como, a sua inserção no local de destino. Portanto, os autores entendem que as redes sociais se configuram como importante estrutura para a compreensão dos processos migratórios. Mediante a importância de considerarmos as redes de relações sociais nos processos migratórios, busquei conhecer as redes de relações sociais que participaram da migração dos pomeranos para Rondônia.

Feito estas considerações iniciais caminho em frente relatando que identifiquei que os pomeranos também se articulam em redes de relações sociais no estado do Espírito Santo. Foi possível apurar que essas redes foram ampliadas a partir das diversas migrações pomeranas que ocorreram entre os diferentes municípios do Espírito Santo no século XX. Pois, durante as entrevistas os pomeranos relataram que possuem relações sociais com pomeranos que vivem em diferentes municípios do Espírito Santo e que estas relações foram constituídas quando estes ainda viviam neste estado. Além disso, constatei que elas são formadas, majoritariamente, por redes de relações familiares.

A formação destas redes se explica pelo sistema de repartição de herança dos minifúndios que era praticado entre os pomeranos, conforme mencionei no capítulo anterior. Quando determinados locais se encontravam esgotados do acesso à terra, estes eram obrigados a buscar novos lugares para viver. Isso acontecia também através dos laços matrimoniais, quando um dos membros da família se casava com alguém que não reside no mesmo município e este, então, passava a residir juntamente com seu cônjuge em um novo lugar. Esta prática permanece entre os pomeranos, no entanto, atualmente, muitos jovens descendentes de pomeranos tem deixado o campo para viver nas áreas urbanas/metropolitanas do Espírito Santo.

Assim, é comum a rede consanguínea pomerana estar presente nos diferentes municípios do estado do Espírito Santo. Isto fica explícito no trecho de uma das falas dos entrevistados: “eu morei só em Afonso Cláudio no Espírito Santo, porque meu pai morava lá. Mas meu avô morava em Vila Valério né. Aí a gente só ia passear lá” (Augustinho, 53 anos. Espigão do Oeste/RO).

Esta rede pomerana no estado do Espírito Santo é relevante para entendermos uma das circunstâncias que levaram pomeranos de diferentes municípios do Espírito Santo a migrar para Rondônia. Visto que, um dos aspectos iniciais apontados foi a organização dos processos migratórios em redes. Ao analisar os depoimentos dos pomeranos entrevistados percebi também que a maioria deles migraram pela influência de familiares que haviam deixado o Espírito Santo anteriormente, conforme relata um dos entrevistados: “os parentes mesmo, eu acho que não tem nenhum lá mais, foi todo mundo embora. Porque parente é assim: saiu um, os outros vão acompanhando e, muitos vieram para Rondônia, e depois muitos já foram lá para o Amazonas... vai espalhando” (Jorge, 66 anos. Cacoal/RO).

Assim, as redes migratórias ligadas por laços consanguíneos, ou seja, pensando na particularidade dos fluxos de pomeranos para Rondônia, representam geograficamente uma espécie de “trunfo” para compreendermos o porquê deste povo ter deixado o Espírito Santo para viver em uma região longínqua e desconhecida como a Região Amazônica do Brasil.

Desse modo, afirmo que as redes migratórias pomeranas se sobrepõem as estruturas conjunturais dos locais de origem e destino e atingiu uma respectiva escala a nível estadual. Truzzi (2008) nos explica que o grau de abrangências das redes varia, pois: “há redes circunscritas a círculos familiares, há outras mais extensas que perpassam informações a toda uma aldeia, e aquelas ainda maiores, que exercem impacto sobre toda uma microrregião” (p. 205).

Entre os pomeranos, as redes migratórias para Rondônia permaneceram, especialmente, entre os círculos familiares. Contudo, existiam também redes migratórias por intermédio de relações de amizade e vizinhança. E, como já apontado, estas redes consanguíneas e de relações de amizade se estendem a mais de um município do estado do Espírito Santo.

Foi possível assimilar no decorrer das falas dos entrevistados que os pomeranos pioneiros, que haviam migrado para Rondônia, no período anterior a década de 70 do século XX, incentivaram aqueles familiares que haviam ficado no Espírito Santo, para que se mudassem também para Rondônia. Estes exerciam influência através de cartas e fotografias ou ainda, quando retornavam ao Espírito Santo, em suas respectivas regiões de origem, fazendo propagandas exaltando, particularmente, as características físicas e naturais de Rondônia.

Portanto, falava-se muito sobre a quantidade do volume das chuvas que era superior ao Espírito Santo; acerca da mata virgem, ressaltando que o solo ainda não havia sido explorado para a prática da agricultura; acreditava-se que o tipo de solo era melhor para o

desenvolvimento das plantas; e ainda, era mencionado a respeito da quantidade de animais para a prática da caça. Entre os pomeranos pioneiros citados que desempenharam o papel de incentivar outros pomeranos a migrar para Rondônia, foi destacado pelos entrevistados os senhores Martino Tech e Joaquin Bohn, conforme os relatos que seguem abaixo:

Eu acho que na época quando nós viemos para Rondônia, assim, já não tinha tanta facilidade de propagação das notícias como tem hoje, mas, esporadicamente, vinha pessoas que nos anos 1969, 1970 e 1971 tinham vindo conhecer Rondônia, tinham vindo comprar seu terreno aqui e, daí voltavam. Tem aqui o seu Martino Tech que já veio nos anos 1969 para cá, então inclusive ele fez várias idas e vindas de São Gabriel da Palha (ES) para Rondônia, então ele trouxe muitas pessoas. Essas pessoas então espalhavam aquela notícia: nossa eu fui para Rondônia quanta terra tem lá, que mata bonita tem lá, quanta bicharada tem lá, como crescem as plantas e como chove lá. Então todas essas coisas, acho que foi sim. Mas a notícia naquela época, a propaganda era feita verbalmente pelas pessoas que conheciam a gente, não tinha facilidade como tem hoje pelos meios virtuais (Evaldino, 63 anos. Espigão do Oeste/RO).

O Bohn ele que convenceu o pessoal que foi na época do Espírito Santo para Rondônia (Valdomiro, 75anos. Espigão do Oeste/RO).

Vemos nestes relatos que os migrantes pioneiros foram fundamentais para influenciar outros pomeranos a migrar, especialmente, seus familiares. Desse modo, torna-se pertinente ressaltar que as redes sociais formadas por laços familiares se mostram solidas e se mantêm ao longo do tempo. Sendo assim, estas são importantes canais de transferência cultural, social e econômica que representam como suporte aos envolvidos no processo migratório (CAMPOS, 2015).

Ainda em relação a relevância dos primeiros migrantes pomeranos em Rondônia, levo em consideração as contribuições de Truzzi (2008), este autor ressaltando sobre a influência que os migrantes pioneiros possuem em relação ao grupo discorre, “pioneiros, sobretudo, se bem-sucedidos, podem agir como elementos de atração para que os outros eventualmente se estabeleçam, facilitando a fixação de novos ingressantes em caráter permanente” (p. 201). Portanto, isto se confirma em relação aos pomeranos, conforme os pioneiros se estabilizavam em Rondônia, novos migrantes com descendência pomerana deixavam o estado do Espírito Santo.

Assim, as famílias pomeranas que já se encontravam em Rondônia consistia em uma espécie de fonte de informações para aqueles que ainda não haviam deixado seu local de origem. Visto que, estes informavam elementos essenciais para aqueles que tinham o interesse de migrar, sobretudo, onde e como adquirir seu próprio pedaço de terra em Rondônia.

E além de oferecer informações, muitas vezes, os pomeranos pioneiros em Rondônia prestavam estadia aos novos migrantes até que estes conseguissem se reestabelecer em

Rondônia. E ainda, ajudavam aqueles familiares que tinham o desejo de deixar o Espírito Santo, mas não possuíam condições econômicas. Portanto, os pomeranos pioneiros além de informações, ofereciam suporte para outros pomeranos migrar, desse modo, estava estabelecida a rede migratória pomerana.

Esta rede migratória proporcionou que ocasionasse o fenômeno que Truzzi (2008) cita como migração em cadeia, no qual consiste no “deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino” (p. 200). Ou seja, a rede migratória estabelecida entre os pomeranos contribuiu para a emigração em massa deste grupo do estado Espírito Santo em direção ao estado de Rondônia.

Por se tratar de um processo de migração que envolve dois estados posicionados em extremidades opostas do Brasil, aponto as considerações de Sasaki e Assis (2000) sobre migrações que envolvem longas distâncias, visto que, nestas existem riscos como a segurança pessoal, a falta de renda e as fragilidades de relações sociais. Contudo, com a presença de familiares ou amigos como contatos no destino e, a confiança que eles possuem nessas redes de informação, possibilita diminuir esses riscos. Assim, os migrantes tendem a ir aos destinos onde possuem redes de ligações com o local de origem, deixando de priorizar outros locais que pudessem ser mais próximos, mas que não possuem esse tipo de rede.

Desse modo, uma das respostas que atende à pergunta que foi proposta a ser respondida nesta seção em relação ao papel das redes de relações sociais no processo de migração dos pomeranos para Rondônia é a formação de redes migratórias entre os pomeranos por meio de laços familiares. Pois, esta possibilitou fornecer apoio e informações para que a migração de novos pomeranos acontecesse de forma segura e com fontes de informações confiáveis. Portanto, é sem dúvida, que as redes de relações sociais possuem significativa importância nos processos de migrações e, em especial na migração pomerana para Rondônia. Assim, exponho abaixo uma contribuição teórica que vai de encontro ao que foi descoberto ao longo do desenvolvimento desta pesquisa:

De qualquer modo, o emprego dos termos cadeias e redes, em suas acepções mais restritas ou abrangentes, procura sublinhar a circunstância de que muitos decidiam emigrar após informarem-se previamente das oportunidades (e dificuldades) com imigrantes anteriores, seja por carta, seja quando retornavam. Estes podiam prover tanto informações no tocante as perspectivas de emprego e alojamento iniciais, como recursos, por meio de remessas monetárias, que pudessem financiar e assim viabilizar a viagem. Cabe, nesse sentido, sublinhar o papel ativo dos emigrados na sociedade de origem, de modo a influenciar o comportamento de novos migrantes potenciais, estimulando ou restando projetos, expectativas e investimentos futuros. (Truzzi, 2008, p. 203).

Uma outra questão em relação aos pomeranos pioneiros que migraram para Rondônia e que ficou evidenciado nas entrevistas é que estes já migraram com o intuito de convidar outros pomeranos para viver neste estado. Visto que, existia a necessidade de superar o isolamento nos quais eles viviam em Rondônia. Além disso, objetivavam agrupar-se para fortalecer uma identidade étnica, através da convivência com outros descendentes de pomeranos e promover a manutenção das práticas culturais. E ainda, a presença de outras famílias pomeranas causaria menor estranhamento em uma região geográfica distinta como a Região Amazônica, assim, teriam maior possibilidade de adaptação no local de destino. Por fim, desejavam que seus familiares tivessem os possíveis benefícios que a migração poderia fornecer em relação à aquisição da propriedade de terras como estes pioneiros tiveram. Estes aspectos presentes na migração pomerana para Rondônia envolveram na formação de redes migratórias pomeranas.

Marandola Jr. e Dal Gallo (2010) evidenciam algumas questões acerca da experiência migratória não associadas a uma rede étnico-identitária. Estes autores afirmam que a migração pode gerar estresse e, este é causado pelas perdas que a mudança de local produz. Pois, uma nova realidade é apresentada para o migrante, tanto espacial, como cultural. Assim, em um novo lugar se inicia também o processo assimilação e adaptação do migrante, isto pode gerar também um desgaste emocional, visto que, o migrante está em meio ao desconhecido, com sentimento de medo e incerteza.

Desse modo, os autores citados mencionam que o migrante tem a necessidade de se estabelecer existencial e identitária e, isto se efetiva por meio dos laços, das redes construídas. Portanto, o migrante tenta se recriar nesses lugares na expectativa de preservar os seus aspectos identitários e as redes sociais contribuindo para fortalecer o sentimento de pertencimento e melhor adaptação no local de destino. Estas considerações reafirmam a necessidade que os pomeranos pioneiros em Rondônia possuíam em relação a formação de redes de relações sociais entre os próprios pomeranos.

Consequentemente, a rede de laços familiares foi relevante para a inserção de novos pomeranos em Rondônia e para adaptação com maior facilidade a nova realidade. Além disso, as redes foram importantes para que a migração pomerana ocorresse com a intensidade que ocorreu, sobretudo, durante as décadas de 1970 e 1980 como afirmado anteriormente. A confiança que os pomeranos possuíam nas pessoas que se conectavam a rede migratória entre Espírito Santo e Rondônia e as informações disponibilizadas influenciava bastante e fazia a diferença no momento de efetivação da migração.

Portanto, durante a realização da pesquisa foi possível perceber que a rede migratória conectada através de laços familiares durante o processo de migração se comportou ativamente. Pois, quando os entrevistados eram questionados a respeito desta questão, estes na grande maioria, responderam que possuíam familiares que já residiam em Rondônia. E ainda, possuíam conhecidos, amigos e vizinhos de infância que já havia partido antes deles, conforme expressa o relato de alguns dos entrevistados:

A gente já tinha a minha irmã mais velha que já tinha casado e ido embora antes para Rondônia e já tinha conhecidos que já tinha ido embora do Espírito Santo para Rondônia (Trauda, 62 anos. Espigão do Oeste/RO).

Aqui em Rondônia até meu pai morava aqui, o pai já tinha falecido né, mas meus irmãos eles moravam todos aqui quando eu vim para Rondônia (Ernestina, 84 anos. Espigão do Oeste/RO).

Tinha parentes. Morava a minha cunhada, já morava aí em Cacoal e era mais parente que morava aqui já. Morava uma prima aqui no Espigão e mais gente morava aqui. Conhecidos, muitos conhecidos, o pessoal tudo que saía lá do Espírito Santo vinha aqui para o Espigão e para Cacoal (Anila, 86 anos. Espigão do Oeste/RO).

Antes de mudar já conhecia pomeranos que moravam em Rondônia, porque como dito, eu sou pomerano criado em Alto Alegre, Vila Pavão (ES), principalmente. E a gente teve muitos amigos de infância, colegas, parentes, vizinhos, conhecidos que saíram de lá e vieram para cá. Então conhecia muitos pomeranos e alguns também morenos que vieram para Rondônia, a gente conheceu no Espírito Santo e vieram para cá. Acho que estão espalhados por aí. Mas Vila Pavão (ES) perdeu entre 60% sua população para Rondônia na época, dizem os especialistas né e a gente conheceu grande parte sim (Valdemar, 60 anos. Espigão do Oeste/RO).

O pai sim, finado pai conhecia né, eu não, mas ele conhecia muitos né. Martinho Tech, os Lauer e os Schultz. Schultz tem demais, dá para juntar de volta aqui né. Aí conhecia bastante gente. Tinha os Marquardt né que morava em Cacoal que era parente, já estava aí também né (Augustinho, 53 anos. Espigão do Oeste/RO).

Antes de vir para Rondônia eu tinha notícias de alguns parentes nem tão próximos que haviam vindo para Rondônia e, também de pessoas conhecidas. Mas eu não conhecia nada do local em si e do estado em si também não tinha conhecimento. Algum conhecimento com algumas pessoas que já haviam mudado para cá (Teófilo, 68 anos. Espigão do Oeste/RO).

Acerca do grau de parentesco entre os familiares da rede migratória pomerana para Rondônia é interessante notar a proximidade consanguínea. Pois, comumente estes eram irmãos, tios, sobrinhos ou até mesmo pais e filhos que haviam migrado antes e influenciado para que estes pudessem ir posteriormente. Contudo, também havia parentescos mais distantes e, como já aponte, no entanto, como medida de reforço aponto que havia ainda conectado nestas redes a presença de conhecidos, amigos e ex-vizinhos dos seus locais de origem.

Machado (2014) em seu estudo acerca do parentesco e as mobilidades pelo espaço expõe que esta relação é uma das dimensões mais significativas quando dizem respeito as migrações. Pois, para ele o parentesco tem o potencial de criar redes complexas. Desse modo,

este autor defende que redes com grau de parentesco exercem um lugar na migração. Visto que, a movimentação pode ter íntima relação com o parentesco. No entanto, o autor defende o conceito de parentesco como “a ideia de que o parentesco pode também ser construído e não apenas reflexo das lógicas biológicas. O parentesco tem uma dimensão do vivido, do produzido por um número grande de variáveis, como a comensalidade, a troca de nomes, a amizade etc.” (p. 131).

Na migração dos descendentes de pomeranos para Rondônia foi observado também em relação as redes migratórias, que aqueles pomeranos que já haviam migrado por influência de algum familiar ou conhecido já presente em Rondônia, posteriormente, influenciavam outros familiares que haviam ficado no Espírito Santo a efetivar também a migração para Rondônia.

Isto ocorria da seguinte maneira, muitos pomeranos viajavam do Espírito Santo para fazer visitas aos familiares que haviam migrado para Rondônia. No entanto, quando chegavam neste estado acabavam maravilhados com o que estavam conhecendo, que acabavam projetando uma futura migração para Rondônia através da influência daqueles que estavam sendo visitados como vemos em alguns trechos das falas dos entrevistados:

Eu consegui fazer minha irmã vir para Rondônia, aí ela veio para cá também e virou professora do sítio (Denira, 60 anos. Ji-Paraná/RO).

Meus tios eles vieram para Rondônia e nós nos falávamos sempre né. Eles escreviam cartas, só assim né, nem telefone nós não tínhamos naquela época. E aí meu tio que já era bem conhecido aqui em Rondônia, vinha e voltava. E eles davam muito recado para esses outros tios no Espírito Santo. Convidava uns parentes, uns até vieram ainda para Rondônia. (Arlindo, 59 anos. Espigão do Oeste/RO).

Um filho meu tinha ficado para trás, aí ele era solteiro ainda, mais daí ele tinha namorada, aí ele se casou primeiro daí ele veio também. Agora meus filhos estão todos aqui em Rondônia (Anila, 86 anos. Espigão do Oeste/RO).

Quando a gente já estava uns anos aqui, logo no começo não, mas uns anos depois começou a melhorar né. E então, depois que melhorou, bastante gente veio, muita gente veio para cá né. Então um incentiva o outro (Augustinho, 53 anos. Espigão do Oeste/RO).

Sobre esse sistema que se estabeleceu as redes migratórias pomeranas para Rondônia apontamos que estas se tornaram auto alimentadoras, conforme Truzzi (2008) nos explica: as redes têm o potencial de perpetuar os fluxos migratórios, bem como, estendê-los. E no estudo do fenômeno em questão, a análise nos revelou que as redes migratórias prolongaram durante décadas os fluxos de pomeranos para Rondônia. Dado que, o autor citado evidencia que as redes “fornecem contextos sociais de referência para o indivíduo que deseja emigrar,

tornando-se assim um instrumento valioso para estudar a ação social, já que elas são capazes de condicionar comportamentos” (p.208).

E um outro ponto ainda em relação ao papel e a constituição das redes migratórias pomeranas para Rondônia, expomos a rede originada a partir das Igrejas Luteranas. Pois, estas designavam pastores para os trabalhos em Rondônia, uma vez que, a maioria dos pomeranos migrantes professam a sua fé através do luteranismo. Esses pastores levavam também seus respectivos familiares para viver em Rondônia. Temos abaixo o relato de dois pastores da Igreja Luterana, com descendência pomerana e que emigraram do Espírito Santo:

Eu fui pastor e hoje sou aposentado, mas a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, a IELB teve influência direta, eu me formei no seminário desta igreja no Rio Grande do Sul, eu faço parte dela até hoje. Então eu fui designado para vir atender luteranos que já haviam mudado para Rondônia (Teófilo, 68 anos. Espigão do Oeste/RO).

O fato da Igreja Luterana, no caso a IELB, eu pertenço a ela. Me tornei pastor dela. Isto influenciou e foi decisivo para a minha vinda para Rondônia (Valdemar, 60 anos. Espigão do Oeste/RO).

Além disso, de acordo com Jacob (2010), a Igreja Luterana, mais especificamente a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) de Rondônia, sobretudo, entre os anos de 1972 e 1978 motivou a migração dos pomeranos capixabas. Pois, segundo a autora, o objetivo desta igreja, consistia em ampliar o número de luteranos para que as comunidades pudessem crescer e se tornar economicamente independentes. E ainda, ressalta que apesar de os pastores imprimirem aos nativos as crenças e os valores cristãos, nem todos os povos cediam ao processo de conversão. Assim, no entendimento da época, a presença do migrante era fundamental para a expansão geográfica do luteranismo em Rondônia.

Por fim, saliento ainda a existência de uma rede solidária entre os migrantes no momento da partida do estado Espírito Santo. Visto que, diferentes famílias pomeranas se juntavam para custear a viagem, já que a maioria deles não possuíam muitos recursos econômicos. Nesse sentido, os resultados da pesquisa se aproximam das proposições de Marandola Jr. e Dal Gallo (2010) ao apontar que as redes sociais também servem para que os indivíduos recebam cooperação para enfrentar os desafios impostos pela migração e ainda ressaltam que estas funcionam como estratégia de sobrevivência.

Assim, nesta rede solidária, permitia aqueles pomeranos que tinham o interesse de migrar, mas que até então não haviam se decidido ou não tinham recursos econômicos, fossem de carona com aqueles que na ocasião já estavam migrando, para que pudessem conhecer Rondônia, avaliar se era possível efetivar a migração ou até mesmo adquirir nesse processo a sua propriedade. Desse modo, apenas uma pessoa da família embarcava juntos

com os migrantes, para que os restantes pudessem ir futuramente. Esta rede possibilitava que os pomeranos tivessem o apoio uns dos outros no processo de migração. Um dos entrevistados relatou em um trecho de sua fala essa vivência:

Na época eu fui para Rondônia com pessoas que se mudaram para lá, os Feniro Bohn, Pedro Traus, Ota Littig na mudança. Então os conhecidos eram do Espírito Santo que nós fomos juntos. Eu fui um dos primeiros que entrou em Rondônia, eu, seu Pedro, Emílio Bohn e Ota Littig. Nós éramos em 4 famílias. Não tinha outros, alemães, de origem pomerano. Nós fomos os primeiros que entramos nessa vila. Aí depois que nós entramos foi mais gente né. Souberam que ali as terras eram melhores, porque logo ali na entrada tem umas terras de areia, mas depois que se entra mais um pedaço para o lado desse município já é terra melhor, aí o pessoal falava do lugar onde a gente estava, aí é que entrou muito alemão lá (Valdomiro, 75 anos. Espigão do Oeste/RO).

Outro aspecto que também merece ser evidenciado no processo migratório dos pomeranos para Rondônia e que deixa evidente a existência de uma rede migratória pomerana, consiste no fato de que os próprios pomeranos que possuíam caminhões, faziam o transporte de outros pomeranos que estava migrando para Rondônia. Desse modo, muitas vezes estes eram direcionados para os mesmos lugares neste estado, como foi o caso do município de Espigão do Oeste, onde a maioria dos pomeranos se encontram atualmente em Rondônia. Temos o relato de um entrevistado que menciona estas circunstâncias:

Eu puxei muita mudança aqui para Rondônia na época. Porque eu morava em Laranja da Terra e eu tinha um caminhão e pegava as mudanças para trazer para cá. Ia todo mundo no pau de arara, era cachorro, gato, tudo vinha junto. Ali do Criciúma mesmo eu trouxe muitas mudanças para Rondônia. A maior parte vinha aqui pra Espigão, mas tem umas pessoas que foram para Ouro Preto, mas muito pouco para Ouro Preto, a maior migração de pomeranos ia para Espigão do Oeste mesmo (Arlindo, 72 anos. Espigão do Oeste/RO).

Desse modo, concluo esta seção apontando que as redes de relações sociais pomeranas no estado do Espírito Santo, sobretudo, conectadas por laços familiares, das quais foram apresentadas se tornaram fundamentais e atuantes para a formação de redes migratórias para o estado de Rondônia. E estas explicam a intensidade com que ocorreu os fluxos de pomeranos para este estado. A seguir irei discorrer a respeito das redes de relações sociais pomeranas originadas em Rondônia, após a migração dos pomeranos e que garantem a permanência destes até os dias de hoje neste estado.

5.2 “A GENTE FOI SE ESTABILIZANDO E HOJE RONDÔNIA É O MEU CHÃO”¹⁴

Ressaltei na seção anterior que a migração dos pomeranos para Rondônia, especialmente, entre as décadas de 1970 e 1980 ocorreram mediante a articulação de redes

¹⁴ Valdemar, 60 anos. Espigão do Oeste/RO.

ligadas por laços familiares presentes em diferentes municípios do Espírito Santo. Esta rede migratória proporcionou a inserção deste grupo étnico em Rondônia e, com o passar do tempo ganhou visibilidade pela cultura peculiar que estes ainda preservam, mesmo encontrando-se na Região Amazônica brasileira, visto que esta apresenta uma distância geográfica expressiva dos locais de origem dos pomeranos no Espírito Santo¹⁵. Desse modo, o intuito desta seção é discutir a respeito das redes de relações sociais posterior ao processo migratório e que garantem a existência pomerana ainda hoje em Rondônia e como elas estão conectadas neste estado.

Assim, o primeiro elemento que garante a permanência dos pomeranos em Rondônia está relacionado, sobretudo, com a ideia da aquisição da terra própria. Para eles este aspecto proporcionou melhores condições econômicas, fato que garantiu a eles não realizarem outros movimentos migratórios a partir dos municípios de Rondônia ou retornarem para o Espírito Santo. E isso ficou evidente em uma das falas dos entrevistados, conforme relatado abaixo. Embora a aquisição da propriedade privada seja uma realidade para muitos pomeranos que se destinaram a Rondônia, não devemos generalizar esta situação, visto que, já mencionamos a vivência histórica de pomeranos como meeiros neste estado.

Por permanecer em Rondônia ainda eu acho porque essa foi a nossa segunda terra mãe. A primeira foi o Espírito Santo e depois aqui, porque aqui conseguimos recolocar toda a família. Todos conseguiram seu pedaço de chão, a vida facilitou um pouco aqui (Evaldino, 63 anos. Espigão do Oeste/RO).

Foi visto por meio da fala da maioria dos entrevistados que o desejo da aquisição da terra própria suficiente para a sobrevivência e melhoria econômica, representou para os pomeranos o elemento central para a realização dos movimentos migratórios, tanto no estado do Espírito Santo como para o estado de Rondônia. E uma vez que atingidos os objetivos, os pomeranos entrevistados deixaram subentendidos que não havia mais a necessidade de migração.

Além disso, de um modo geral, este grupo evidenciou que gostam de Rondônia e estão satisfeitos com a vida que construíram neste estado. Alguns pomeranos com menores áreas de suas propriedades de terras em Rondônia, revelaram que até cogitam uma possível migração, mas apenas se esta acontecer no próprio estado de Rondônia ou ainda, nos estados vizinhos como o Amazonas e Mato Grosso. E essa migração teria um único intuito, de ampliar suas propriedades conforme relata este entrevistado:

¹⁵ Por exemplo: a distância da cidade de Vila Pavão no estado do Espírito Santo até a cidade de Espigão do Oeste no estado de Rondônia é de 3.048 quilômetros.

Se eu for mudar é para Rondônia mesmo, algum lugar para comprar mais terra. Mas aí dá uma complicação porque a terra é de todo mundo, meus filhos cada um tem seu pedacinho para morar desses 3 alqueires que a gente tem. E aí até combinar isso com todo mundo para vender, isso também dá mais trabalho que ficar quieto logo no lugar. Mas nós sempre falamos de vender e ir para outro município ou talvez até no Mato Grosso que é vizinho de Rondônia (Arlindo, 59 anos. Espigão do Oeste/RO).

A partir da fala deste entrevistado é possível apreender que esses pomeranos criaram no estado de Rondônia e, sobretudo, na Região Amazônica, como um lugar de referência. E para compreender melhor como isto ocorre, utilizo as contribuições de Holzer (2013) que nos explica que “lugares, por sua vez, só existem a partir do compartilhamento de experiências entre seres humanos, ou seja, da experiência intersubjetiva compartilhada das coisas e fenômenos para os quais nos voltamos em comum” (p. 23).

Diante disso, compreendo que os pomeranos construíram laços afetivos no estado de Rondônia através das suas redes de relações sociais e, especialmente, entre o próprio povo pomerano. E isto proporcionou a manutenção dos hábitos, dos ritos culturais e da alimentação típica (Figura 16) que estes mantinham no estado do Espírito Santo. Portanto, estes elementos são significativos para que a existência pomerana na Região Amazônica seja plausível.

Figura 16 - Tradicional linguiça pomerana produzida e comercializada por uma das famílias no município de Espigão do Oeste



Fonte: Acessado do grupo de WhatsApp “Pomeranos da Amazônia”.

Durante as entrevistas foi questionado acerca de um possível retorno para o estado do Espírito Santo. No entanto, todos afirmaram que este não é pretendido, embora sintam saudades dos momentos vividos no passado, mas atribuem a este estado as dificuldades das quais atravessaram durante o período que estiveram residindo, como as grandes secas, falta de oportunidades de ascensão econômica e pela ausência dos familiares mais próximos (pais ou filhos).

Em relação ao estado de Rondônia, os mesmos, qualificam o como baixo custo de vida comparado ao Espírito Santo e ainda salientam a fartura de alimentos. Mas apesar de todo o apreço por Rondônia e do sucesso alcançado pela maioria destes migrantes, esta questão precisa de uma série de reflexões. Os entrevistados reconhecem atualmente a questão de o solo amazônico não ser todo fértil, visto que, estes relataram a existência de áreas com terra “boa” e áreas com terra “fraca”. E ainda, alguns deles fazem comparações em relação ao clima, apresentando preferências neste quesito, pelo estado do Espírito Santo. Os entrevistados justificaram isto nos seguintes trechos:

Sem dúvida Rondônia sempre foi um lugar de muita fartura, nós chegamos aqui e percebemos isso, há exceções, realidades específicas. Mas é um local de muita fartura que vem se desenvolvendo e hoje é um dos estados de destaque nacional na agropecuária, além de outros setores. Hoje não cogito mais voltar, a não ser para passeio. Não que eu descarte, mas hoje são só momentos de saudosismo né. A gente sonhou com a oportunidade de voltar para lá, mas ela não veio na hora adequada e a gente foi se estabilizando e hoje de fato Rondônia é meu chão, é minha pátria, é minha porta ou antessala do céu. Acredito sinceramente que salvo exceções ou mudanças surpresas no futuro, daqui eu parto só para a casa do pai lá em cima. Aqui é o meu lugar, aqui eu amo de verdade (Valdemar, 60 anos. Espigão do Oeste/RO).

Não tenho coragem de voltar mais não. Dava saudade da mãe, assim, saudades da família. Agora saudades de voltar para trabalhar, para morar não. Como eu ia sustentar meus filhos, eu sabia que não ia ter condições rápidas tal como aqui. Aqui eu podia avançar mais rápido. Você não tem vontade de voltar se pensar que lá no Espírito Santo está difícil, está seco. (Denira, 60 anos. Ji-Paraná/RO).

Meu tio falou assim para mim: você não tem vontade de ter de volta o lugar que era do seu pai no Espírito Santo? Aí eu falei para ele: rapaz, não é para desfazer não, mas se o rapaz me desse aquele lugar de graça para voltar para o Espírito Santo, eu falei, eu não voltava não. Eu falei, onde que eu estou, estou muito tranquilo. Ah menina, eu falo mesmo, nós vamos ser enterrados aqui, nós não saímos de Rondônia não, é muito bom aqui, nossa! (Jorge, 66 anos. Cacoal/RO).

Só que tem uma coisa, desde que eu vim para Rondônia e até hoje, eu gosto um pouco mais do clima do Espírito Santo, mais do que aqui de Rondônia. Aqui é assim, para quem trabalha na roça, isso já aconteceu conosco muito né, às vezes a chuva vem muito rápido e a gente toma chuva na roça com o corpo quente e isso faz muito mal. Depois quando não chove, muitas vezes é quente também, muito quente, a pessoa soa muito e, não é muito bom um clima assim né (Reinaldo, 65 anos. Pimenta Bueno/RO).

A presença pomerana no estado de Rondônia já faz mais de cinquenta anos. Portanto, o tempo também se constitui como elemento de vínculos e afetos com os lugares e as pessoas neste estado. Assim, o fato dos pomeranos já terem vivido muitos anos em Rondônia e construído redes de relações sociais também é levado em consideração como fator de permanência e isto está presente nos relatos dos entrevistados.

Truzzi (2008) relatando a respeito das relações sociais nas sociedades receptoras aponta que, estas são formadas a partir da própria experiência migratória e redefinem novas identidades nas quais são traduzidas em redes. Para o autor, esta, comumente provém de “padrões residenciais, ocupacionais, matrimoniais e o vigor das associações étnicas (especialmente associações de socorro mútuo organizadas por origem)” (p.210).

Desse modo, foi identificado durante as entrevistas que as redes de relações sociais pomeranas em Rondônia foram construídas, sobretudo, pela convivência entre os próprios pomeranos. E vai de encontro com a afirmação de Marandola Jr. e Del Gallo (2010) alegando que normalmente os migrantes criam redes sociais nas novas sociedades através da própria rede que os levaram até o destino.

A questão das relações sociais após a migração é relevante, principalmente para familiarização, pois, Campos (2015) aponta que quando os migrantes passam a viver perto, em especial, de pessoas conhecidas favorece a sua adaptação em relação ao novo ambiente, diminui o estresse que a migração pode causar. E ainda, gera um espaço de segurança, onde migrantes podem encontrar suporte, bem como, um referencial identitário. Assim, as redes de relações sociais pomeranas têm um papel importante também na permanência deste grupo em Rondônia.

Outro aspecto a ser evidenciado a respeito da permanente presença dos pomeranos em Rondônia, consiste no fato destes se encontrarem significativamente agrupados, especificamente, no município de Espigão do Oeste. Foi identificado durante a realização deste estudo que este município recebeu o maior número de imigrantes pomeranos devido estes estarem articulados em redes. Uma vez que, muitos pomeranos procuravam terras em Espigão do Oeste por possuir um familiar ou conhecido já residindo anteriormente neste município de Rondônia.

Portanto, muitos pomeranos que emigraram do estado do Espírito Santo foram diretamente para o município de Espigão do Oeste em Rondônia. No entanto, houve casos de pomeranos que migraram para outros municípios como Cacoal, Pimenta Bueno, por exemplo, influenciados pelas suas redes de relações sociais, seja por laços familiares ou de amigos migraram, posteriormente, para Espigão do Oeste.

De acordo com Campos (2015) “as redes migratórias possuem uma dimensão espacial, cuja ‘marca’ no território sugere a existência de ‘regiões de migração’ ou ‘redes de lugares’ (p.14). Portanto, o fato dos pomeranos, em grande maioria, residirem no município de Espigão do Oeste em Rondônia, este consiste como uma espécie de rede de lugar pomerano na Região Amazônica. Na fala dos entrevistados é possível constatar estas circunstâncias:

Como eu disse no início, foi difícil nos primeiros anos. Mas a partir da hora que a gente conseguiu se fixar lá no Colorado do Oeste e depois quando o pai deu um pedaço de terra para cada um, mas a necessidade de ir para Espigão do Oeste, porque morava todos pomeranos, meus conhecidos, eu tinha primo lá, tinha tio, então vendemos lá e fomos para Espigão do Oeste (Evaldino, 63 anos. Espigão do Oeste/RO).

A gente se acostumou aqui em Espigão, aqui você está em casa. Aqui mesmo na minha região que eu moro, na linha do Rio Claro tem mais ou menos 150 famílias e dessas 150 famílias se tiver umas 10 que não são pomeranas, mas o resto tudo é pomerano, fala em pomerano igual no Espírito Santo. Aqui em casa a maioria do povo fala tudo só em pomerano (Augustinho, 53 anos. Espigão do Oeste/RO).

O Espigão tinha terra boa né e tem terra boa mesmo! dá de tudo aqui e aí aquilo chamou muita atenção, então a maioria dos pomeranos veio para cá por causa desse motivo então (Arlindo, 59 anos. Espigão do Oeste/RO).

Como vimos, as redes de relações sociais mantidas entre os próprios pomeranos explicam o fato de Espigão do Oeste ser o município que atualmente concentra o maior quantitativo de pomeranos em Rondônia. Além disso, novas redes pomeranas se constituíram a partir deste agrupamento em Espigão do Oeste. Pois, muitos pomeranos que não se conheciam no Espírito Santo passaram a ter contato em Rondônia, como conta uma das entrevistadas: “eu conheci muita gente em Rondônia que eu não conhecia no Espírito Santo, que eram do Espírito Santo, mas eu não conhecia lá. Fiz muita amizade com pomeranos que também eram de lá. Porque os pomeranos daqui são todos do Espírito Santo né” (Trauda, 63 anos. Espigão do Oeste/RO).

Outra questão relacionada as novas redes de relações sociais pomeranas formadas após a migração e que garantem a permanência destes em Rondônia, consiste no fato de que muitos pomeranos migraram do Espírito Santo quando ainda eram crianças ou adolescentes. Assim, estes, ao longo do tempo constituíram suas próprias famílias em Rondônia. Ou seja, se casaram, tiveram filhos e estes, atualmente, também já constituíram suas próprias famílias.

Portanto, com base nas entrevistas, foi possível constatar que existe uma rede pomerana em Rondônia constituída após a migração assumindo outras dimensões, ligada por laços familiares resultante do processo migratório. E, é possível afirmar que este é um dos principais fatores de permanência dos pomeranos neste estado. Pois, estes buscam estar

próximos a este núcleo familiar considerado como prioridade, conforme os entrevistados expressam nas seguintes falas:

Permaneço em Rondônia, primeiro porque eu criei minha família aqui, tem o meu filho. Eu tinha dois filhos, mas infelizmente um fez ontem dois meses que morreu em um acidente de trabalho. E agora eu só tenho um filho ainda e, esse que morreu deixou um casal de netos muito lindo né, que é o meu consolo. E então em primeiro lugar é a família. Porque eu não vou me afastar do meu filho. E em segundo lugar também, no meu achar, o custo de vida, assim, para sobreviver, as coisas são melhores aqui em Rondônia (Trauda, 63 anos. Espigão do Oeste/RO).

É porque deu certo, a gente teve filhos, os filhos já se casaram todos, tem família deles e estão todos bem colocados, então estamos aqui. E eu já estou aposentado e é essa vida que vamos levando (Valdomiro, 75 anos. Espigão do Oeste/RO).

Assim, é porque nós moramos todos pertinho aqui né, os meus filhos já são casados. Aí nós estamos em cima de três alqueires. Aí tem a mãe também, ela mora pertinho aqui, todos os meus irmãos e é por isso que estou aqui (Arlindo, 59 anos. Espigão do Oeste/RO).

Ah, o principal motivo é que eu me coloquei aqui, eu e minha família estamos todos colocados aqui. A Fernanda, minha filha, que é médica cardiologista, trabalha aqui em Espigão e trabalha em Cacoal. Tem meu filho que é advogado e que trabalha comigo nas empresas e tem a Cíntia que está lá em Porto Velho, ela fez direito e agora está fazendo medicina também. Então é por esses motivos né (Arlindo, 72 anos. Espigão do Oeste/RO).

Além disso, existe também a relação dos pomeranos com os locais onde familiares com elos de consanguinidade próximos, como pais ou até mesmo filhos foram sepultados. Os pomeranos que tem algum dos seus entes queridos enterrados em Rondônia, salientam que permanecem neste estado para estar próximo, de forma simbólica, daqueles que foram velados: “tem o Zeni que está sepultado aqui em Rondônia que nunca nós vamos deixar para trás” (Arlindo, 72 anos. Espigão do Oeste/RO).

É comum entre os Luteranos, todos os anos, no dia de Finados, realizar cultos em memória aos entes queridos que já faleceram, nos cemitérios que pertencem as próprias Igrejas Luteranas. Este fato nos mostra a relação que os Luteranos e pomeranos têm com esses espaços.

Existe ainda em Rondônia as redes de relações sociais pomeranas que não estão vinculadas aos seus familiares e, estas se fortalecem diariamente, permitindo também a permanência deste povo neste estado. Assim, é citado pelos entrevistados as relações sociais que se constituem através dos locais de convívio entre os pomeranos. Desse modo, os principais locais de convivência destacados por eles foram as Igrejas Luteranas. Visto que, as igrejas promovem encontros semanais através dos cultos e, a partir destes cultos os pomeranos possuem a oportunidade de se reencontrarem para fortalecer suas redes sociais entre as próprias famílias pomeranas

Assim, vemos que a existência da Igreja Luterana em Rondônia é um indicador da presença pomerana neste estado, uma vez que ela está intimamente ligada aos pomeranos. E além das Igrejas Luteranas promoverem os cultos semanalmente, possibilita reuniões separadas por departamentos como encontro das crianças, dos jovens, das mulheres e dos homens, que geralmente é efetuado pelo menos uma vez a cada mês. Isto, portanto, amplia a convivência entre os pomeranos e, conseqüentemente, fortalece as relações sociais dentro da igreja.

Haesbaert (1997) em sua pesquisa sobre os gaúchos no Nordeste traz algumas informações a respeito da expansão da Igreja Luterana no Brasil e aponta alguns municípios de Rondônia com os respectivos anos de inserção desta igreja: “Cacoal (quatro paróquias: 1974, 77, 78), Pimenta Bueno (1976), Rolim de Moura e Alta Floresta d’Oeste (1978), Espigão do Oeste (2) e Nova Brasilândia d’Oeste (pós-1986)” (p. 240). Desse modo, vemos que a migração pomerana em Rondônia e o vínculo entre o Luteranismo se constitui também em um elemento cultural entre os demais grupos que habitam o mesmo espaço. E o relato deste entrevistado realça a sua representatividade:

A nossa igreja são pelo menos 60 famílias aqui na comunidade. Eu sou o tesoureiro, nunca saí da diretoria. Aí aqui são 60 famílias do Rio Claro né, a paróquia inteira no Espigão do Oeste são 700 famílias que pertencem a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Aí como eu disse, aqui no Rio Claro são 60 famílias e das 60 famílias, mais ou menos 55 são famílias de pomerano né. E a maioria é do Espírito Santo, tem alguns mestiços paranaenses, mas é tudo meio falso, porque todos comem broud (Augustinho, 53 anos. Espigão do Oeste/RO).

De fato, as Igrejas Luteranas são as principais colaboradoras para o convívio entre as famílias pomeranas. E ainda, estas promovem festas de aniversário do templo, congressos dos diferentes departamentos existentes, (crianças, jovens, mulheres e homens), apresentações de corais, eventos que envolvem encontros entre igrejas de diferentes municípios. Nesses eventos é comum também a presença de pomeranos de ambas as denominações, tanto da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), como da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Além disso, as Igrejas Luteranas festejam o dia da Reforma Luterana, comemorada em 31 de outubro através de cultos ecumênicos, onde normalmente contam com a presença de muitos pomeranos.

Outra festa promovida pelas Igrejas Luteranas e que acontecem tanto na IELB quanto na IECLB, são os cultos de ações de graças pelas colheitas no campo que os membros da igreja realizaram durante o ano. Esta festa, portanto, acontece uma vez a cada ano, onde os pomeranos praticam o ritual de levar ao altar os alimentos colhidos em suas propriedades como forma de agradecimento a Deus. Esses alimentos enfeitam a igreja durante o culto

dedicado a esta festividade (Figura 17). E após o culto, os alimentos podem ser vendidos entre os próprios membros ou visitantes que estejam presentes e desejam comprá-los. O dinheiro arrecadado na venda desses alimentos é deixado para a manutenção dos serviços nos templos.

Após o término do culto, as festividades na igreja continuam ao longo do dia. As pessoas podem participar do almoço da igreja. Esta refeição geralmente é vendida para arrecadação de dinheiro e, é preparado na própria igreja pelas mulheres. Após o almoço, as pessoas têm a oportunidade de participar de brincadeiras como pescarias, jogos de futebol, ouvir músicas. Isto promove a socialização dos pomeranos e, além disso, o fortalecimento de suas redes de relações sociais pomeranas em Rondônia.

Figura 17 - Culto de ação de graças na igreja Luterana (IECLB) do município de Espigão do Oeste



Fonte: <https://www.luteranos.com.br/noticias/espigao-do-oeste/culto-de-acao-de-gracas-pela-colheita>

Outros locais de convivência pomerana relatado pelos entrevistados é o convívio no dia a dia na cidade de Espigão do Oeste. Este acontece nos mercados, nas praças, nos bares, campos de futebol, onde homens, mulheres e crianças se encontram e conversam na língua pomerana. Foi lembrado ainda o encontro da terceira idade, que é promovido pela prefeitura de Espigão do Oeste. Este encontro é realizado nos finais de semana e é conhecido como forró dos idosos, os entrevistados relataram que muitos pomeranos frequentam este evento. Há

também os casamentos típicos da cultura pomerana que permitem acontecer o fortalecimento identitário e os encontros das redes de relações sociais deste grupo no estado de Rondônia.

Nesse sentido, foi possível observar que os pomeranos em Rondônia, através do agrupamento e por meio das redes de relações sociais, conservaram práticas culturais comuns associadas à sua localidade de origem no estado do Espírito Santo. Dentre estas práticas se destacam, portanto, a religiosidade exercida através da Igreja Luterana, a língua pomerana falada no dia a dia, a alimentação típica como o broud e a lingüiça, os casamentos entre os próprios pomeranos e outras festividades que enaltecem a cultura pomerana em Rondônia.

Existe ainda em Rondônia a Associação dos Pomeranos de Espigão do Oeste (ASPOMER) que visa o fortalecimento da cultura e identidade pomerana na Região Amazônica. Esta associação promove anualmente a festa pomerana com a parceria da prefeitura local. Esta festa propicia o encontro dos pomeranos com apresentações de danças folclóricas (Figura 18), comidas típicas pomeranas, como o broud e a lingüiça defumada (Figura 19), shows de concertina que é um instrumento musical muito presente na cultura pomerana (Figura 20). Portanto, este evento também fortalece a rede pomerana em Rondônia e ainda preserva a sua identidade cultural.

Figura 18 - Dança folclórica durante a festa pomerana no município de Espigão do Oeste



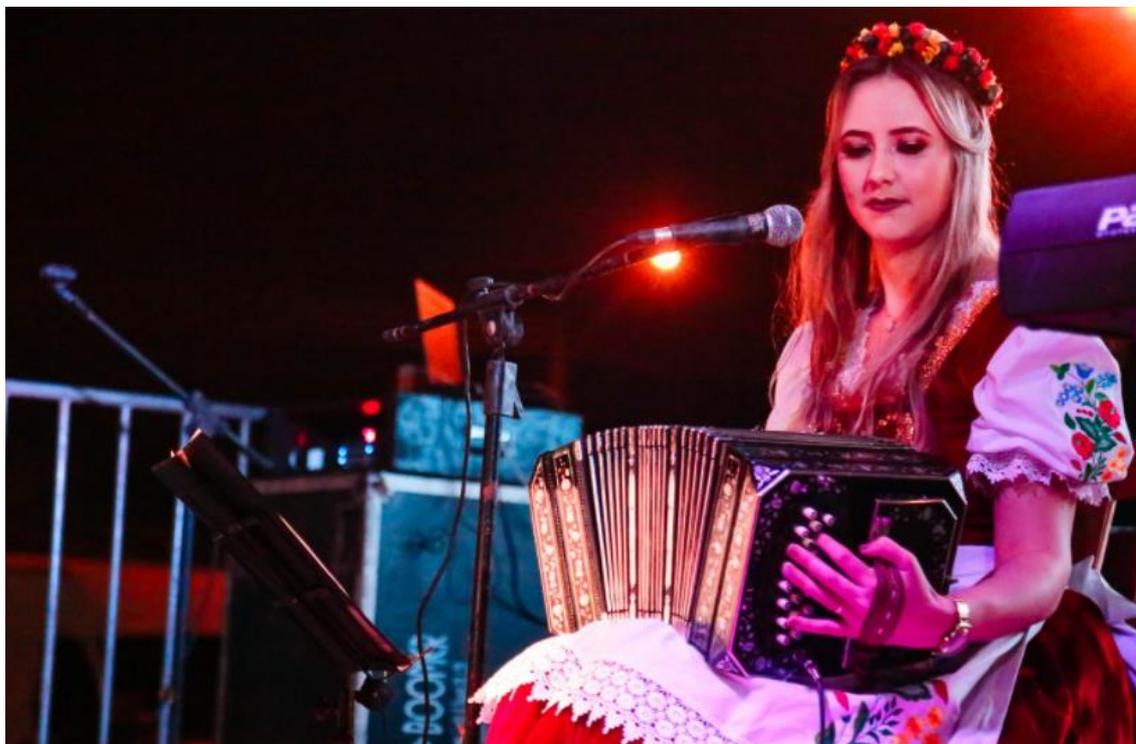
Fonte: <http://www.rondonia.ro.gov.br/pomeranos-de-espigao-do-oeste-promovem-dois-dias-de-festa-para-comemorar-a-imigracao/>

Figura 19 - Tradicional linguiça pomerana sendo comercializada durante a festa pomerana no município de Espigão do Oeste



Fonte: <http://www.rondonia.ro.gov.br/9a-feira-da-cultura-pomerana-em-espigao-do-oeste/>

Figura 20 - Jovem pomerana tocando concertina durante a festa pomerana no município de Espigão do oeste



Fonte: <http://www.rondonia.ro.gov.br/9a-feira-da-cultura-pomerana-em-espigao-do-oeste/>

A festa pomerana em Espigão do Oeste normalmente acontece todos os anos e tem a duração de dois dias. Inicia-se no sábado com término no domingo. E normalmente segue a seguinte programação: inicia-se no sábado as 17 horas com a carreata de apresentação do evento, posterior a isto, há apresentações de teatro, danças folclóricas, desfile para escolher a beleza pomerana (Figura 21), show musical e o tradicional forró. Já no domingo inicia-se com o culto Luterano solene na língua pomerana, após o culto promovem apresentações de corais, almoço com comidas típicas e, durante a tarde ainda há apresentação musical e novamente as danças folclóricas, gincana cultural pomerana e premiação da residência mais enfeitada em estilo pomerano (OLIVEIRA, 2018).

Figura 21 - Concurso de beleza feminina durante a festa pomerana no município de Espigão do Oeste



Fonte: <http://www.rondonia.ro.gov.br/espigao-do-oeste-comemora-38-anos-com-a-9a-feira-da-cultura-pomerana/>

Além da festa pomerana, existe ainda no município de Espigão do Oeste a rádio Top 91.3 FM¹⁶ onde semanalmente tem programas realizados na língua pomerana dedicados aos pomeranos. Esta rádio possibilita a participação daqueles que a ouvem, com pedidos de orações para os enfermos, felicitações de aniversariantes e ainda a participação no sorteio de brindes que a rádio promove com a própria doação dos pomeranos. Outra rádio que conta com

¹⁶ Esta rádio é possível ouvi-la pela internet através do link: <<https://www.radios.com.br/aovivo/radio-913-fm/14629>> e <sociedadetopfm.com.br/>.

programas na língua pomerana é a Romiporã FM local¹⁷. As rádios locais também demonstram a existência das redes pomeranas em Rondônia e ainda, manifestam a identidade cultural que os migrantes reproduzem nos espaços em que migraram, reconstruindo um território pomerano em Rondônia e, produzindo entre este grupo étnico um sentimento de coesão de grupo frente às comunidades locais. Abaixo temos o relato da entrevistada que realiza um desses programas:

Eu faço um programa lá na rádio aos domingos tudo em pomerano, eu e o Evaldino que fazemos o programa lá. A gente começa nosso programa às 06:20 da manhã, fazemos tudo em pomerano porque lá tem muitos pomeranos né e muita gente ouve o programa. Tem domingos que a gente não consegue atender todo mundo. Aí tem a esposa do rapaz que me ajuda que atende os telefones, mas ela não dá conta de atender todos, recebemos muita mensagem também, são de 70, 80 até 100 ligações, principalmente quando tem brindes (Trauda, 62 anos. Espigão do Oeste/RO).

Desse modo, estas práticas apresentadas evidenciam que os migrantes pomeranos normalmente recriam seu antigo território no novo lugar. Portanto, buscam lugares em que possam reproduzir geosímbolos para estabelecer elos sociais, espaciais e identitários. No entanto, os autores Marandola Jr. e Dell Gallo (2010) afirmam que apesar dos migrantes tentar recriar elementos culturais nos lugares estes não são iguais. Mas são formas de os migrantes manterem a sua existência através de referenciais identitários. Portanto, “territorializar-se serve como um mecanismo protetor de segurança existencial” (p. 416).

Assim, concluo enfatizando que os elementos apontados possibilitam identificação e pertencimento ao grupo dos pomeranos em Rondônia e, que a convivência entre os pomeranos pôde “gerar alívio/amortecimento ao impacto das mudanças espaciais vividas pelos migrantes, pois, fornece um espaço de segurança onde o seu modo de ser é reconhecido, ligando-o ao lugar-natal.” (MARANDOLA JR.; DEL GALLO, 2010, p. 413).

Portanto, reforçando a ideia da dimensão geográfica das redes de relações sociais e todos esses elementos identitários citados, posso afirmar que estes promovem o encontro dos pomeranos e fortalecem a rede de relações sociais entre este povo garantindo a permanência deles em Rondônia, por se sentirem próximos das práticas cotidianas desempenhadas no Espírito Santo. Adiante ressalto a respeito das redes pomeranas estabelecidas a partir do processo migratório e que são atuantes ainda hoje entre os estados de Rondônia e Espírito Santo.

5.3 “MAS EU AINDA TENHO PARENTE NO ESPÍRITO SANTO”¹⁸

¹⁷ Esta rádio é possível ouvi-la pela internet através do link: <www.romiporafm.com.br/>.

¹⁸ Trauda, 63 anos. Espigão do Oeste/RO.

Os pomeranos em Rondônia se encontram articulados em múltiplas redes. Pois, além de manterem a conexão entre o grupo, especialmente, em Espigão do Oeste de pelo menos parte dos pomeranos que emigrou, estas se estendem a uma escala inter-regional, sendo alimentada através dos vínculos que estes mantêm com os pomeranos no Espírito Santo. De acordo com Sasaki e Assis (2000) é relativamente comum, nos processos migratórios, os migrantes articularem redes nos locais tanto de destino como nos locais de origem. Dessa maneira, irei discorrer nesta seção a respeito de algumas constatações empíricas que visam explicar esta rede entre pomeranos de Rondônia e pomeranos do Espírito Santo.

Com base nas entrevistas e nas análises feitas, constatei que a ligação entre Rondônia e o Espírito Santo, articula-se em uma rede pautada, sobretudo, no parentesco. Pois, nem todos os familiares puderam ou quiseram emigrar deste estado. Assim, alguns pomeranos entrevistados, relataram possuir familiares no Espírito Santo com grau de consanguinidade próximo como irmãos, pais ou filhos, além de tios e primos. Em vista disso, é comum o deslocamento de pomeranos entre estes dois estados.

Na fala dos quinze pomeranos entrevistados ficou clara a importância para a maioria destes migrantes, em relação ao retorno recorrente ao Espírito Santo. Este, em alguns casos, acontece pelo menos uma vez ao ano ou uma vez a cada dois anos, conforme expõe um dos entrevistados: “eu e a minha esposa, temos uma filha que é pastora em Santa Maria de Jetibá (ES) na paróquia de Garrafão, então a gente já tem esse compromisso, um ano ela vem para cá, no outro ano nós vamos para lá” (Evaldino, 63 anos. Espigão do Oeste/RO). No entanto, o que define a frequência do retorno é o grau de proximidade das redes de relações sociais que os migrantes mantêm com os pomeranos no Espírito Santo, conforme Campos (2015) nos explica:

A proximidade entre os indivíduos afeta a frequência de contatos e o nível de interação entre eles. Isso melhora a dispersão das informações e das ideias e facilita a imitação. A proximidade é, portanto, um aspecto-chave do processo de difusão. A essência de um laço estrutural em rede é dada pela “profundidade” da relação social, que qualifica a condição de proximidade entre seus atores. A noção de proximidade estaria no cerne do conceito de rede social: é graças à proximidade que são estabelecidas relações de confiança e que são moldados os canais de difusão que configuram as redes. Por sua vez, a distribuição dos pontos e a intensidade dos laços da rede também é estruturada sobre fatores de distanciamento. Por isso, pertencer ou não a determinada rede significa usufruir das (des)vantagens obtidas pela proximidade com seus atores (Campos, 2015, p.18).

É relevante apontar também que alguns pomeranos entrevistados mencionaram que retornam ao Espírito Santo com menor frequência da qual gostariam, em virtude da idade avançada que se encontram atualmente. Pois, já não suportam o percurso da viagem, pelo longo distanciamento geográfico que possui esses dois estados.

Contudo, existem aqueles pomeranos que migraram para Rondônia e nunca mais tiveram a oportunidade de retornar ao Espírito Santo. Estes ressaltaram que possuem o desejo de voltar a passeio, mas que não tiveram as devidas oportunidades ou possibilidades econômicas para executar esta viagem. No entanto, é notável que estes, ainda assim, mantêm a rede de relações sociais ativa com os pomeranos no Espírito Santo, visto que, revelaram manter contato com os parentes que permaneceram neste estado através do telefone e da internet: “para o Espírito Santo nunca mais voltei, mas tenho vontade de voltar. Tenho umas primas aí em São João que a gente sempre conversa pelo telefone” (Augustinho, 53 anos. Espigão do Oeste/RO).

Em relação ao tempo de permanência da visita dos pomeranos ao Espírito Santo, de acordo com os entrevistados, se dá em torno de 30 dias. Pois, além dos emigrantes reverem seus familiares eles aproveitam também para visitar amigos, conhecer ou frequentar pontos turísticos como as praias e participar de eventos, festas associadas aos pomeranos. Portanto, esses migrantes não retornam apenas para o seu local de origem, mas também percorrem por diferentes municípios do Espírito Santo através das redes de relações sociais que eles ainda mantêm neste estado.

Estes percursos realizados no Espírito Santo são verdadeiras territorialidades em redes, pois produzem, controlam e conectam pontos nos fluxos dos pomeranos emigrados. E mesmo possuindo pouca visibilidade enquanto fenômeno social, estes, ainda sim, produzem uma dinâmica espacial, cada qual em sua respectiva escala.

Ainda a respeito do retorno dos pomeranos imigrados para Rondônia, é comum que a vinda deles para o Espírito Santo aconteça principalmente mediante a um evento. Seja familiar como casamentos, batizados e confirmações nas Igrejas Luteranas que geralmente reúnem todos os familiares para prestigiar o momento, ou em algum outro tipo de evento promovido pelas prefeituras das cidades em que vivem os pomeranos no Espírito Santo. Como por exemplo, a festa que reúne as culturas Pomerana, Italiana e Afro-brasileira (POMITAFRO) que ocorre em Vila Pavão, a festa do Broud¹⁹ em Laranja da Terra (Figura 22) e a festa pomerana em Santa Maria de Jetibá são algumas referências.

¹⁹ **Receita do broud** – Ingredientes: 1 kg de cará ralado; 1 kg de mandioca ralada; 2 kg de inhame ralado; 2 kg de batata doce ralada; 2 litros de água fervente; 4kg de fubá moído em moinho de pedra; 2 colheres (sopa) de fermento biológico; 3 colheres (sopa) de açúcar; 2 colheres (sopa) de sal.

Modo de fazer: misturar a mandioca e o inhame em uma bacia, despejar a água fervente, mexer com uma colher de pau, reservar e deixar esfriar. Na bacia onde está a mandioca e o inhame, juntar o cará, a batata doce, o fermento misturado com o açúcar, o sal e o fubá. Se necessário acrescentar água só o suficiente para dar forma a massa. Deixar na bacia fermentando até rachar a massa. Modelar os pães e colocar sobre folhas de bananeira, deixar descansar durante 30 a 40 minutos. Assar em forno a lenha pré-aquecido.

Figura 22 - Festa do broud no município de Laranja da Terra, realizada no ano de 2019



Fonte: <https://caminhagente.com.br/laranja-da-terra-es-festa-do-maior-broud-do-mundo/>

As cidades citadas acima estão em distintas microrregiões²⁰ do estado do Espírito Santo e concentram grande parte dos pomeranos que vivem neste estado. Todas as festas que foram apontadas visam reunir os pomeranos, não só do Espírito Santo, mas de todo o país para celebrar a cultura. Desse modo, é comum a presença de pomeranos de todas as partes do estado Espírito Santo, bem como, a presença dos pomeranos de Rondônia. Assim, as festas são um dos elementos articuladores das redes de relações sociais pomeranas entre estas duas regiões brasileiras. E isto ficou evidente durante as entrevistas conforme segue o trecho:

Eu, por exemplo, gosto muito de ir para lá, no Espírito Santo. Já fui três vezes na festa da POMITAFRO em Vila Pavão, já fui duas vezes na festa de Santa Maria, quero conhecer a festa do broud lá em Laranja da Terra quando ela acontecer de novo, aí eu viajo também para conhecer isso (Evaldino, 63 anos. Espigão do Oeste/RO).

Esta citação também nos revela os laços que os emigrados mantêm com o estado do Espírito Santo mesmo anos depois de ter iniciado o fluxo migratório (52 anos em 2021). Estes laços formam verdadeiras redes, que como já foi dito, não só se articulam pelos elos nos locais de origem, mas que se difundem para além dos espaços que estes viveram, reconstruindo assim, um sentimento de coesão de grupo formando verdadeiros territórios pomeranos pelo país.

²⁰ Microrregiões dos municípios no Espírito Santo: Santa Maria de Jetibá: Central Serrana; Laranja da Terra: Sudoeste Serrana; Vila Pavão: Noroeste 1.

Desse modo, temos a formação de redes pomeranas mediante uma dimensão espacial que se reproduz em duas regiões distintas do Brasil e que estão em interação contínua. Esta, além de ser um elo consanguíneo é também uma interação de lógica simbólica onde ressalta uma identidade cultural entre os migrantes com a região de origem.

Sobre os deslocamentos dos pomeranos de Rondônia a Espírito Santo, estes são feitos através de carros próprios de passeio que duram em média três dias de viagem. Além disso, há o fluxo de pomeranos através das linhas de ônibus que fazem o percurso entre esses dois estados. Estas linhas atendem todos os imigrantes de origem capixaba em Rondônia. Há ainda a possibilidade de viagens aéreas, mas estas são usufruídas com menor frequência, visto que, os embarques são distantes dos locais onde residem os pomeranos. Mas, os entrevistados mencionaram que mesmo com a ampliação de novos aeroportos em Rondônia, as viagens terrestres ainda são a preferência da maioria.

Existe presente nas falas de alguns entrevistados uma grande nostalgia do estado do Espírito Santo, “a saudade de Laranja da Terra (ES) é muito grande, as lembranças de tudo de lá” (Arlindo, 72 anos. Espigão do Oeste/RO). Contudo, ao mesmo tempo alimentam uma visão estigmatizada pelas dificuldades que estes viveram neste estado. Não vislumbram o retorno para o Espírito Santo como uma permanência, apenas como passagem.

Cabe mencionar que alguns pomeranos mantêm propriedades no estado do Espírito Santo, como casas mobiliadas para se hospedar quando estes resolvem passear neste estado. Outros vieram adquirir terras anos depois de terem emigrado. Desse modo, isto é também um dos elementos que comprovam a afirmação de que os pomeranos que migraram para Rondônia não se desconectaram de sua terra natal.

Outro elemento que reforça a ideia de rede entre esses dois estados, é o fato de que comumente os pomeranos retornam ao Espírito Santo para fazer tratamento de saúde nos hospitais. Pois, apesar de eles mencionarem que o sistema de saúde de Rondônia evoluiu muito nos últimos anos, o tratamento das especialidades é ainda feito nas cidades maiores e mais distantes da qual eles se encontram. Assim, eles preferem retornar para o Espírito Santo onde possuem uma rede de familiares em que podem ficar hospedados para iniciar o tratamento, do que ir para cidades onde não possuem redes de relações sociais.

E ainda, os pomeranos em Rondônia recebem o apoio no Espírito Santo das redes associada as Igrejas Luteranas. Visto que, estas possuem albergues, sobretudo, em Vitória, a capital do estado, onde concentram os maiores hospitais com especialidades médicas. Estes abrigam aqueles pomeranos que vem de cidades mais distantes e que estão em tratamento médico e não tem outro lugar para se hospedar. E ainda, os entrevistados relataram que as

peçoas da própria igreja agendam as consultas, para que estes possam vir de Rondônia já com os devidos agendamentos médicos.

O deslocamento inverso também acontece. Os pomeranos não migrantes que permanecem no Espírito Santo também vão para Rondônia visitar aqueles que partiram, fortalecendo ainda mais a rede pomerana entre esses dois estados. Todos os entrevistados ressaltaram receber visitas de seus familiares e amigos que vivem no Espírito Santo. O parentesco é de sobrinhos, primos, tios que além de visitar os familiares também vão para conhecer o estado de Rondônia.

Visitam-se os familiares de Rondônia, geralmente naqueles mesmos momentos já mencionados, quando há eventos familiares ou eventos nas cidades, ainda que não seja determinante para que as visitas aconteçam, pois elas podem ocorrer em qualquer momento do ano. Mas é comum a participação dos pomeranos que residem no estado do Espírito Santo estarem nas festas pomeranas que acontecem no estado de Rondônia. Convidam-se tocadores de concertinas²¹, bandas de músicos para serem prestigiados neste estado, como nos conta um entrevistado:

Todos os anos a gente sempre tem pessoas do Espírito Santo que vem para Espigão do Oeste para participar das festas pomeranas. Aconteceram alguns festivais de concertina e a gente convidava nossos poucos tocadores de concertina que ainda temos e, o pessoal se admirava com esse instrumento que é tão complicado para tocar e sempre lembrando, porque isso é uma tradição que nossos pomeranos trouxeram da Europa (Evaldino, 63 anos. Espigão do Oeste/RO).

Além da presença física dos pomeranos do Espírito Santo nas festas em Rondônia, a rádio pomerana no município de Espigão do Oeste, em uma de suas programações conta com a participação on-line, semanalmente, de um pastor da Igreja Luterana do município de Santa Maria de Jetibá²² no Espírito Santo. Durante as manhãs de todos os domingos, este fala na língua pomerana sobre as mensagens da bíblia. Este fato também nos revela o quanto ativa é a rede de relações entre os pomeranos desses dois estados.

E ainda, é comum acontecer intercâmbios entre esses dois estados ao longo do ano. Visto que, pomeranos do Espírito Santo alugam ônibus para fazer excursões para Rondônia com a intenção de passar alguns dias neste estado. Estas excursões embarcam pomeranos em diferentes municípios do Espírito Santo e vão para as cidades onde se encontram estes pomeranos em Rondônia, como por exemplo, Espigão do Oeste, Pimenta Bueno, Cacoal e Ji-

²¹ Instrumento musical muito apreciado pelos pomeranos e que foi trazido da Europa. Consiste em palhetas de metal que vibram por meio da pressão do ar produzido por um fole.

²² A distância geográfica que separa as cidades de Espigão do Oeste/RO e Santa Maria de Jetibá/ES é de 3.029 quilômetros.

Paraná para que estes possam visitar seus familiares, amigos e ainda conhecer as cidades, os lugares deste estado.

É comum também acontecer excursões do Espírito Santo para Rondônia promovido pelas Igrejas Luteranas. Como por exemplo, a excursão que ocorreu no ano de 2012 do Coral Trindade, pertencente à paróquia da Igreja Evangélica Luterana do Brasil de Alto Criciúma em Laranja da Terra (Figura 23). Estes foram para as Igrejas Luteranas em Rondônia fazer a apresentação das músicas do CD do coral recentemente gravado sobre a regência do pastor Luterano Heder Frederico Piper Gunz.

Figura 23 - Excursão do Coral Trindade da IELB de Laranja da Terra/ES para Rondônia no ano de 2012



Fonte: acervo pessoal de Débora Holz

O Coral Paroquial Trindade permaneceu pelo menos dez dias no estado de Rondônia. E se apresentaram pelas Igrejas Luteranas de pelo menos sete municípios deste estado, dentre eles Rolim de Moura, Pimenta Bueno, Espigão do Oeste (Figura 24), Ouro Preto, Ji-Paraná, Ministro Andreazza, Vilhena e Theobroma. Em todas estas cidades a hospedagem, bem como, a alimentação era feita nas casas dos membros destas igrejas.

Figura 24 - Coral Trindade da IELB de Laranja da Terra/ES se apresentando na IELB de Espigão do Oeste/RO no ano de 2012



Fonte: Acervo pessoal de Débora Holz.

Esta excursão além de promover o fortalecimento das redes de relações sociais entre os pomeranos desses dois estados, permitiu que os participantes do Coral Trindade, na maioria deles, fossem pela primeira vez visitar o estado de Rondônia. Muitos deles possuem familiares, amigos e conhecidos que vivem em Rondônia, mas foi através do encontro promovido pela Igreja Luterana que estes tiveram a oportunidade de estar junto dessas pessoas e, conhecer outros pomeranos que também vivem neste estado. Além disso, puderam conhecer pontos turísticos dessas cidades. Portanto, isso reforça a importância do papel da Igreja Luterana na manutenção dos vínculos entre Espírito Santo e Rondônia, no fortalecimento das redes de relações sociais pomeranas e na manutenção da identidade cultural deste grupo.

É possível identificar também a ligação entre os estados do Espírito Santo e Rondônia na rodoviária de Vitória, capital do Espírito Santo. Nesta se encontram pelo menos três empresas de ônibus distintas (Pretti, Eucatur e Gontijo), que fazem o itinerário entre esses dois estados. Essas empresas fazem o percurso para Rondônia, saindo do Espírito Santo pelo menos uma vez por semana e cada uma delas saem em dias diferentes. Através desta

constatação é possível afirmar que, ainda nos dias de hoje, existe um intenso fluxo de capixabas para Rondônia. No entanto, este deslocamento, na maioria das vezes, não é permanente, como ocorreu nas décadas passadas.

Nas Figuras 25, 26 e 27 que se encontram abaixo é possível visualizar as empresas de ônibus localizadas na rodoviária de Vitória que fazem este percurso, estas colocam em evidência a oferta de passagem para Rondônia através de cartazes com letreiros que se destacam e fotografias de locais turísticos. Dessa forma, essas imagens nos revelam a conexão entre dois estados através de uma rede viária, que possibilita os pomeranos se colocarem em movimento. Portanto, a rede viária é um dos principais elementos que conectam os pontos das redes existentes entre os descendentes de pomeranos do estado do Espírito Santo com os descendentes de pomeranos do estado de Rondônia.

Figura 25 – Empresa de ônibus Pretti na rodoviária de Vitória que realiza o percurso até Rondônia



Fonte: acervo pessoal de Débora Holz.

Figura 26 – Empresa de ônibus Eucatur na rodoviária de Vitória que realiza o percurso até Rondônia



Fonte: acervo pessoal de Débora Holz.

Figura 27 – Empresa de ônibus Gontijo na rodoviária de Vitória que realiza o percurso até Rondônia



Fonte: acervo pessoal de Débora Holz.

Vimos que a relação entre os pomeranos de Rondônia e do Espírito Santo é bastante dinâmica e orientada pelas suas respectivas redes. Assim, o Quadro 2 abaixo apresenta de maneira resumida e possibilita uma melhor visualização das redes pomeranas abordadas ao longo desta seção. As redes de relações sociais é um aspecto fundamental nas análises de vínculos entre migrantes e não migrantes, assim, é preciso buscar a identificação da rede de relação social de cada migrante.

Quadro 2 – Vínculos étnico-identitários entre os estados do Espírito Santo e Rondônia

| |
|---|
| Famílias Pomeranas |
| Muitas famílias pomeranas que nasceram e viviam no Espírito Santo hoje vivem em Rondônia, nos municípios de Espigão do Oeste, Pimenta Bueno, Cacoal, entre outros. |
| Cultura Pomerana |
| Os pomeranos que migraram do Espírito Santo para Rondônia mantêm hábitos e práticas culturais pomeranas neste estado, como as festas, a religiosidade, e os hábitos alimentares. |
| Igrejas Luteranas |
| As Igrejas Luteranas foram inseridas em Rondônia a partir da migração pomerana e estão presentes nos municípios onde se encontram os pomeranos. Além disso, possui intercâmbios com as Igrejas Luteranas do Espírito Santo. |
| Festas Pomeranas |
| Nos municípios de maior representatividade da cultura pomerana em Rondônia acontecem festas típicas que também contam com a presença de pomeranos do Espírito Santo. |
| Rádio Pomerana em Espigão do Oeste |
| A rádio do município de Espigão do Oeste em Rondônia possui programas específicos aos pomeranos apresentados na língua pomerana e ainda contam com a participação de pomeranos do Espírito Santo. |
| Linhas de transporte Rodoviário |
| Empresas de ônibus como a Gontijo, Pretti, Eucatur fazem o itinerário ES X RO; RO X ES desde a migração pomerana para Rondônia. Atualmente saem do ES uma vez a cada semana. |
| Tratamentos Médicos |
| Os pomeranos que migraram para Rondônia comumente retornam ao Espírito Santo quando necessitam de algum tratamento médico especializado. |
| Socializações |
| Os pomeranos migrantes frequentemente retornam as suas cidades natais, bem como, os pomeranos do Espírito Santo visitam familiares e amigos em Rondônia. |

Fonte: Elaborado por Débora Holz

Desse modo, foi possível identificar que as redes de relações sociais nos locais de origem e de destino se associa, principalmente, através de laços familiares e também por meio da Igreja Luterana. Este fato garante solidez e explica o tempo que esta rede já perdura, mais de cinquenta anos depois de ter iniciado o fluxo migratório a rede de relações sociais entre esses dois estados continua fortemente ativa.

Portanto, busquei apresentar através desses elementos empíricos mencionados ao longo desta seção a ideia de que os pomeranos em Rondônia mantêm redes de relações sociais como os pomeranos no Espírito Santo. Contudo, cabe ressaltar que a mobilidade entre esses dois estados foram muito intensas nas primeiras décadas, quando ainda não estavam totalmente estabelecidas as redes de relações em Rondônia. Assim, existiram momentos com maior e menor frequência de mobilidade. Um exemplo é o momento pandêmico que estamos vivendo, visto que, este prejudicou a mobilidade pomerana, especialmente, entre esses dois estados. Mas apesar dos fatores tempo e distância é visto que há a existência de redes de relações sociais pomeranas entre Rondônia e Espírito Santo através das utilizações das redes técnico-informacionais como telefone e internet.

Por fim, ainda aponto que as redes de relações sociais pomeranas contribuíram, sobretudo, para que os descendentes de pomeranos, desde a imigração para o Brasil, mantivessem o convívio em grupos nos lugares em que estes se inseriram. E esta convivência em rede fortaleceu a manutenção das práticas culturais e identitárias pomeranas até os dias de hoje.

Desse modo, é parte da cultura deste povo articular-se em redes dentro do próprio grupo no qual estão inseridos. Portanto, concluo enfatizando que além das conjunturas estruturais das regiões em questão, as redes foram as principais responsáveis pela inserção e permanência dos pomeranos em Rondônia, bem como, da ligação entre descendentes de pomeranos de Rondônia com pomeranos do Espírito Santo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei esta pesquisa, mesmo sendo de origem pomerana não possuía muitas informações sobre o fenômeno da migração pomerana do estado do Espírito Santo para o estado de Rondônia, sobretudo, na perspectiva geográfica. No entanto, através da minha vivência no Córrego do Água Limpa, lugar que se constitui como espaço de sociabilidade pomerana e da minha própria existência, conduziu-me aos questionamentos e problemáticas desta pesquisa. Desse modo, passei a pensar geograficamente em algo que estava circulando nos espaços pomeranos. Isto significou, no âmbito pessoal um despertar identitário, em especial, gerou um interesse maior pela aprendizagem da língua pomerana.

Além disso, esta pesquisa é importante para a comunidade pomerana. Uma vez que, evidencia muito mais do que um conjunto de fragmentos, ela provoca reflexões acerca dos territórios pomeranos organizados em redes, que são espacialmente definidos e possuem conexões estabelecidas.

No entanto, alguns esforços e envolvimento foram necessários para desenvolver este estudo. O primeiro deles foi conseguir falar com os pomeranos migrantes, já que não foi possível ir pessoalmente ao encontro deles por causa da pandemia do Novo Coronavírus. Assim, iniciei tentativas por meio de contato telefônico, mas nem todas elas obtiveram êxito. Apesar disso, as entrevistas que foram possíveis de se realizar, revelaram que são inúmeras as questões relevantes que envolvem este fenômeno. Desse modo, cheguei ao final desta análise reconhecendo que poderia ter abordado vários outros aspectos que não foram contemplados ao longo deste trabalho, ou seja, o término desta pesquisa também se constitui como um novo ponto de partida.

Contudo, a preocupação central desta pesquisa esteve relacionada aos aspectos da migração pomerana: dos fatores de expulsão dos pomeranos dos seus locais de origem no estado do Espírito Santo, bem como, dos fatores de atração dos pomeranos nos locais de destino em Rondônia, associado as redes de relações sociais pomeranas. Fato que garantiu também explicar a permanência deste grupo étnico neste estado. Portanto, a ideia consistia em buscar essas informações para que se pudesse compreender por que muitos pomeranos deixaram o estado do Espírito Santo e foram, especificamente, para a Região Amazônica brasileira e, porque há tantos descendentes de pomeranos, sobretudo, no estado de Rondônia. Tinha-se como hipótese que as redes de relações sociais pomeranas possuíam o papel crucial para a resposta dessas questões.

A tarefa de pesquisa não foi algo simples. Pois, para que pudesse realizar as entrevistas foi necessário, primeiramente, me articular a rede de relações sociais dos pomeranos que vivem no estado de Rondônia. Caso contrário, possivelmente, não obteria sucesso, como ocorreu algumas vezes, nas inúmeras tentativas de contatos efetuados. Presencialmente, os trabalhos em campo já se constituem em enormes desafios, pelas dificuldades e contratempos que podem apresentar. No que diz respeito ao trabalho de campo de forma virtual as incertezas são multiplicadas, seja, por motivos de medo e insegurança por parte dos entrevistados, seja pela falta de interesse dos potenciais entrevistados em responder as questões da pesquisa.

Assim, as estratégias de investigação vinculadas a aproximação deste segmento populacional no campo virtual foram marcadas por encontros e desencontros. E como mencionei acima, a minha entrada e aceitação por parte desta população foi por meio da articulação das redes de relações sociais deste grupo. Para tal, busquei na minha própria rede de relação social pomerana, contatos destes com pomeranos que vivessem em Rondônia. Isto influenciou, significativamente, para obter êxito na realização das entrevistas no trabalho de campo virtual, visto que, conhecíamos pessoas em comum. E ainda, resultou na formação da minha própria rede de relações sociais com pomeranos em Rondônia.

Outro aspecto observado que se apresentou como facilitador de acesso a este grupo foi o fato de também ser descendente de pomeranos. Pois, todos os entrevistados buscavam referências através dos questionamentos sobre qual família eu pertencia, município de residência no Espírito Santo. E quando respondidas estas perguntas, geralmente, os mesmos, encontravam referências em suas lembranças de pessoas que possuem o mesmo sobrenome, bem como, lugares que estes conheciam no município informado. Isto proporcionava uma aproximação maior entre a entrevistadora e o entrevistado.

Durante os diálogos busquei conduzir os entrevistados a reconstruir em suas memórias os momentos vividos no estado do Espírito Santo anterior a migração. Assim, pouco a pouco fui constatando os motivos que levaram os pomeranos a decidir a partida deste local. É preciso elucidar que os movimentos migratórios dos pomeranos se iniciaram anteriormente aos fluxos de migração em direção a Rondônia, visto que, estes só se efetivaram entre os pomeranos a partir do final da década de 1960. Anterior a isto, estes se destinavam a estados vizinhos, principalmente a Minas Gerais. Mas também, houve um fluxo de migração pomerana para o estado do Paraná.

Assim, diante do conjunto de reflexões tecidas nos capítulos precedentes, existem elementos de central importância e que merecem ser retomados com maior ênfase. Isto não

significa que estejam propriamente acabados e/ou inaptos para futuros debates. Ao contrário, tais elementos geram ainda mais questionamentos e permanecem enquanto caminhos investigados não explorados pelos geógrafos.

Sendo assim, aponto que a pesquisa revelou um conjunto de adversidades vividas, sobretudo, a partir da década de 1950 pelos pomeranos e toda a população menos favorecida economicamente no estado do Espírito Santo. Constatei que tais circunstâncias foram um dos principais aspectos que motivaram a saída dos pomeranos em direção a outros estados brasileiros e, principalmente, para o estado de Rondônia.

Com uma economia baseada especificamente no setor agrário e, em especial, na produção de café, a população capixaba, majoritariamente, sobrevivia do cultivo deste produto no período mencionado. Outro aspecto evidenciado, particularmente, entre os pomeranos consistia no acesso a propriedade privada cada vez mais escasso no estado do Espírito Santo. Isto ocorria devido ao sistema de repartição de terras entre as famílias pomeranas ampliando os minifúndios. Logo, a pobreza era um dos aspectos presentes para este segmento populacional. E ainda, com a instalação das políticas de industrialização nas décadas posteriores e, conseqüentemente na mudança da estrutura econômica do estado, visto que, a nível nacional a economia do Espírito Santo era considerada periférica. Assim, o modo de vida dos pomeranos se tornava cada vez mais ameaçado neste estado.

Desse modo, o conjunto de adversidades internas nos quais foram descritos, pareceu ser incontornável e permanente para os pomeranos. A partir disso, foi possível constatar que estas condições adversas foram as responsáveis por desencadear as emigrações pomeranas do estado do Espírito Santo. Portanto, o desejo de aquisição da propriedade privada, o acesso à terra, uma vez que muitos deles viviam como meeiros, são os principais fatores que os levaram a deixar este estado. Isto repercutiu nos diferentes municípios do estado do Espírito Santo. No entanto, com maior expressividade nos municípios ao Norte do estado. Visto que, foram um dos mais afetados com as políticas do governo interno que culminou na erradicação dos cafezais e abriu espaço para a instalação de grandes empreendimentos, ganhando força a ampliação dos latifúndios nesta área.

O aspecto que emergiu concomitantemente aos elementos de expulsão da população pomerana no Espírito Santo foram as políticas nacionais de expansão da fronteira agrícola em direção à Região Norte do país. A distribuição de terras gratuitas promovidas pelo INCRA em Rondônia, até então considerado Território Federal do Brasil, atraiu fluxos migratórios de populações de todas as partes do país, inclusive dos pomeranos que viviam no Espírito Santo. Pois, estes viram o estado de Rondônia como a “terra prometida”, assim como outrora o

Espírito Santo fora destinado aos seus antepassados que imigraram para o Brasil. Desse modo, o processo migratório dos pomeranos adquiriram raios de ação muito maiores daqueles praticados até então. Pois, trata-se de dois estados que possuem geograficamente mais de três mil quilômetros de distância e que ainda assim, atraiu uma concentração expressiva deste grupo étnico para Rondônia.

As migrações pomeranas apesar de seguirem a lógica dos fatores de expulsão e atração das áreas de origem e destino, foi constatado que elas não ocorreram de forma aleatória. Como resultado deste processo observei a existência de redes de relações sociais pomeranas que garantiram a efetivação e a continuidade dessas migrações. As redes foram fundamentais para que os pomeranos garantissem acesso a informações e apoio no próprio território. Fato que gerou um sentimento de maior segurança ou menor insegurança no processo migratório.

Essas redes, no entanto, se concentraram, sobretudo, a partir de relações familiares. E acerca da questão familiar pode-se afirmar que esta, se constitui também como uma questão identitária. Um dos exemplos mais significativos desta dinâmica é a forte recorrência dos casamentos entre pessoas do próprio grupo étnico. E isto, contribuiu para fortalecer um processo migratório étnico-identitário em cadeia onde cada vez mais familiares de pomeranos de diferentes municípios do Espírito Santo se dirigiram de modo articulado para o estado de Rondônia.

Esta rede de consanguinidade, portanto, foi também a responsável por direcionar um intenso fluxo de pomeranos para Rondônia. Pela intensidade e pela expressividade em termos quantitativos, a maior parte deles migrou entre as décadas de 1970 e 1980. embora haja a ocorrência dessas migrações de pomeranos do Espírito Santo para Rondônia tanto em décadas anteriores, quanto posteriores a esse período, ainda que em menor frequência, estas migrações não foram cessadas. Visto que, nos dias de hoje ainda acontecem migrações de pomeranos do Espírito Santo para Rondônia. Portanto, as redes de relações consanguíneas de pomeranos apresentaram uma centralidade fundamental no processo migratório para Rondônia, bem como, na organização espacial deste grupo étnico neste estado.

Assim, as redes de relações pomeranas, como resultado direto da inserção deste grupo em Rondônia associado a estratégias socioespaciais, foi capaz de produzir uma geografia dos pomeranos baseada no agrupamento interno entre os próprios sujeitos. Para tal, utilizaram-se de mecanismos que buscavam solidarizar-se em Rondônia para reconhecer-se enquanto grupo e, fortalecer uma identidade pomerana na Região Amazônica do Brasil, por meio de arranjos espaciais que caracterizaram na sua presença de maneira expressiva, especialmente, no município de Espigão do Oeste no estado de Rondônia. Desse modo, as redes de relações

sociais pomeranas estiveram/estão associadas também a dimensão espacial, visto que, caracteriza a própria permanência em determinados lugares em Rondônia, estabelecendo uma marca social no interior do fenômeno.

Portanto, existe uma correlação entre as redes de relações sociais pomeranas e as permanências espaciais deste segmento populacional no estado de Rondônia. Pois, as redes estão presentes no cotidiano dos pomeranos neste estado através a) das festas pomeranas promovidas anualmente pela Associação de Pomeranos em Rondônia; b) através dos eventos semanais promovidos pelas Igrejas Luteranas; c) diariamente através das rádios local; d) através da presença de vizinhos e amigos que faziam parte ainda no Espírito Santo; e) na presença de familiares; f) de espaços considerados sagrados, como os locais de sepultamento de entes queridos da família; g) do convívio com outros pomeranos nos espaços públicos, ruas, praças, comércios e bares; h) através das ligações telefônicas com os pomeranos do Espírito Santo. E ainda, especialmente, na oportunidade que estes pomeranos tiveram em adquirir a propriedade privada, ou seja, o acesso à terra em Rondônia.

Este último fator mencionado como permanência pomerana no estado de Rondônia e, que está relacionado a aquisição da propriedade privada, cabe esclarecer que nem todos os pomeranos que migraram tiveram acesso a propriedade privada, pois os mesmos, enfatizaram a existência de muitos pomeranos vivendo como meeiros em Rondônia. Bem como, nem todos os pomeranos que migraram para Rondônia tinham o propósito de adquirir propriedades como forma de ascensão econômica, uma vez que, havia pomeranos com boas condições econômicas vivendo no estado do Espírito Santo, mas que também migraram para Rondônia. E ainda, alguns pomeranos migraram com o propósito de trabalhar nos setores de comércio e serviços em Rondônia. Portanto, essas questões reforçam a ideia da importância do papel das redes de relações sociais pomeranas como potencializadora dos processos migratórios e de permanências no estado de Rondônia.

No entanto, é preciso reforçar que a grande parte dos pomeranos entrevistados disseram que saíram do estado do Espírito Santo com o intuito de prosperar economicamente no estado de Rondônia e muitos deles obtiveram êxito. E atualmente um dos frutos do progresso econômico considerado pelos pomeranos entrevistados diz respeito a sua inserção nos espaços urbanos de Rondônia. Visto que, a maioria dos entrevistados relatou a existência de possuírem propriedades privadas, tanto nos espaços rurais, quanto urbanos do estado de Rondônia.

Todos esses elementos mencionados foram revelados durante o desenvolvimento da pesquisa como resultados de permanência dos pomeranos no estado de Rondônia, sendo este

estado e até mesmo a Região Amazônica, o lugar de referência para estes migrantes, pois, estes construíram laços afetivos ao longo do tempo, e ainda, proporcionou que estes preservassem práticas culturais realizadas no Espírito Santo inseridos na Região Amazônica brasileira.

Desse modo, foi possível identificar por meio da enunciação dos próprios sujeitos que a migração favoreceu o surgimento de redes de relações pomeranas entre os estados do Espírito Santo e Rondônia. E que esta, se fortalece através de visitas constantes em eventos da cidade, das igrejas, nas casas de famílias de pomeranos que saem tanto do Espírito Santo, como de Rondônia. E ainda, no retorno para o estado do Espírito Santo durante algum tratamento médico. Além disso, é possível constatar que esta rede, também se mantém ativada através das linhas de ônibus que fazem semanalmente o percurso entre esses dois estados, Espírito Santo e Rondônia.

Nesse sentido, retomo a dimensão étnico-identitária que no caso específico do povo pomerano de algum modo garantiu os vínculos, tanto em relação ao processo migratório para Rondônia, quanto de permanência e de relações entre os dois estados no território nacional. Incluindo ainda outras redes pomeranas como é o caso do estado do Paraná. Essa questão, portanto, se constitui geograficamente como o principal resultado deste trabalho. O movimento migratório esteve vinculado pela dimensão étnico-identitária, tanto nas relações que se estabeleceram a partir desse movimento migratório com o antigo espaço, ou seja, entre o Espírito Santo e Rondônia. E o que garante efetivamente essas relações de um processo migratório que para muitos ele é permanente, pois, as pessoas não querem voltar para o Espírito Santo para viverem, mas isto não faz com que elas abandonem permanentemente de vez este estado em termos de relações socioespaciais. Estes vínculos com o estado do Espírito Santo são definidos, especialmente, pela presença dos pomeranos que permanecem neste estado.

Assim, ao mesmo tempo que existiu algo estrutural, no sentido de haver uma política territorial nacional para a ocupação da Região Norte, mais especificamente para o estado de Rondônia. A questão étnico-identitária impulsionou a rede pomerana que se inseriu neste estado e uma vez que esses primeiros pomeranos indo, possibilitou um sistema de proteção, solidariedade, ajuda e isso garantiu que essa migração fosse possível. E o estado do Espírito Santo ou os pomeranos de algum modo também são uma espécie de suporte, seja físico, material e identitário para os pomeranos de Rondônia.

Saliento ainda que as redes de relações sociais reforçam a ideia da existência de territórios pomeranos pelo Brasil. Estes ocorrem independente das distâncias geográficas e

das diferentes regiões brasileiras, visto que, as redes têm o potencial de conectá-los, alimentá-los e fortalecê-los. E ainda, reforçam uma identidade pomerana, vista através da manutenção das práticas culturais, que não cessadas mesmo quando estes se colocam em movimento. Desse modo, as territorialidades pomeranas são mantidas nos espaços em que este grupo étnico está inserido pelo Brasil, quiçá pelo mundo.

O desenvolvimento deste estudo consistiu na compreensão de um fenômeno específico dentro do campo de estudos migratórios no Brasil. Serviu também para mostrar as facetas que envolvem migrações de longas distâncias, mesmo que inserido em uma lógica intraterritorial de um Estado-nação, mas ao mesmo tempo, com dimensões continentais. Desse modo, o conjunto destas reflexões nos convida a refletir acerca da complexidade que fluxos migratórios e as dimensões étnicas e identitárias em um país e um território tão heterogêneo como o Brasil, no qual as distâncias e as diferenciações internas são partes constitutivas de suas geografias e processos social-político-cultural-espacial.

E apesar das territorializações pomeranas terem sido marcadas por uma série de adversidades, sobretudo, nos anos iniciais, as redes de solidariedade possibilitaram o fortalecimento e a permanência deste grupo na Região Amazônica brasileira. Desse modo, o estudo da migração pomerana relacionada aos fatores geográficos de expulsão, atração e permanências associado as redes de relações sociais deste grupo, ainda nos revelam que somente aqueles pomeranos que estiveram articulados à rede de relações sociais entre os estados do Espírito Santo e de Rondônia puderam efetivar a migração.

Por fim, evidencio que existem uma possibilidade de questões que ainda seguem em aberto para serem analisadas como pesquisa a respeito dos processos migratórios do povo pomerano no Brasil e que esta dissertação ainda não foi capaz de responder. Uma vez que, a pesquisa nos dá o indicativo disso reconhecendo os limites e o campo de possibilidades das aberturas. Seja tanto com as limitações em torno de uma quantificação desse número de pomeranos provenientes do Espírito Santo e de outros estados do Brasil. Quanto, em relação as questões de migração de retorno, de outras possíveis frentes migratórias pela Região Amazônica Legal e pelas regiões de fronteira e mesmo dentro de alguns anos, em países vizinhos ao Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHIAMÉ, F. De qual Espírito Santo se trata? Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.
- AGUIAR, P. C. J. A modernização conservadora como uma vertente da territorialização do capital à norte do rio Doce no Espírito Santo. Edição especial. REVISTA NERA, 2016. Nº. 34. Ano – 19. ISSN: 1806-6755.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. Curitiba: X Congresso nacional de Educação, 2011.
- BECKER, B. K. Geopolítica da Amazônia. São Paulo: Conferência do Mês do Instituto de Estudos Avançados da USP, 27 abr. 2005.
- BECKER, B. K. O Norte do Espírito Santo Região Periférica em Transformação. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, 1973. Ano 35, n. 4, p. 3-145. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1973_v35_n4.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2021.
- BIAGIONI, D. Mobilidade Social e migração interna no Brasil. Disponível em: <https://centrodametropole.fflch.usp.br/sites/centrodametropole.fflch.usp.br/files/user_files/noticias/ckeditor/daniel_biagioni.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.
- BINSZTOK, J. As diferenças socioespaciais dos produtores familiares dedicados ao cultivo do café na Amazônia. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales, 2006.
- CAÇADOR, S. B.; GRASSI, R. A. A Evolução Recente da Economia do Espírito Santo: Um Estado Desenvolvido e Periférico? Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2009/inscricao.on/arquivos/000-acbb55edea8d55d858feb624d6b49f0d.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2021.
- CAMPOS, M. B. A dimensão espacial das redes migratórias. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. v. 20, nº 3, p. 14 – 30.
- CASTIGLIONI, A. H. Migração: Abordagens teóricas. In: Migração internacional na Pan-Amazônia /Luis E. Aragón (organizador). – Belém: NAEA/UFPA, 2009.
- CASTLES, S. Entendendo a migração global. Uma perspectiva desde a transformação social. Brasília: Revista Internacional de Mobilidade Humana, 2010. Ano XVIII n.35.
- COSTA, F. L. A construção de Rondônia nos textos da revista Veja durante a década de 1980. Porto Velho, Rondônia. 2015. Dissertação de Mestrado.
- CUNHA, E. A. A recente ocupação: migração e territorialização em Rondônia. Florianópolis: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.
- DALAPICOLA, T. Notas sobre as trocas migratórias entre Espírito Santo e Rondônia. Vitória: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2014. ISBN: 978-85-98539-04-1.

DARÉ, R. A “crise” do café e a ideologia desenvolvimentista no Espírito Santo. Vitória: UFES, 2010.

DIAS, L. C. Redes: emergência e organização. In: Geografia, conceitos e temas. Org. Iná Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. Curitiba: Editora UFPR. Educar, 2004. n 24, p. 213 – 225.

FAZITO, D. A análise de redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto/MG: de 4 a 8 de novembro de 2002.

FEHLBERG, J.; MENANDRO, P. R. M. Terra, família e trabalho entre descendentes de pomeranos no Espírito. Santa Cruz do Sul: 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782011000100006>. Acesso em: 03 jun. 2021.

FIORI, M. F.; FIORI, L. E.; NENEVÉ, M. Colonização agrícola de Rondônia e (não) obrigatoriedade de desmatamento como garantia de posse sobre a propriedade rural. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/267986098.pdf>> Acesso em: 05 jun. 2021.

FRANCO, G. Y. A construção do “Brasil Potência”: a propaganda de estímulo a migração para o Norte do Brasil- um estudo a partir do caso de Rondônia (1968 – 1981). Revista Unisinos, 2019. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/hist.2019.231.09/60746897>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

FREITAS, H; JANISSEK-MUNIZ, R; MOSCAROLA, J. Uso da internet no processo de pesquisa e análise de dados. Disponível em: <http://gianti.ea.ufrgs.br/files/artigos/2004/2004_147_ANEP.pdf> acesso em: 16 jul. 2020.

GARNIER, J. Beaujeu. Geografia da população. Tradução Leônidas Contijo de Carvalho. 2 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

GOMES, E. T. A colonização em Rondônia (1970 – 1980): estudo da atual configuração fundiária da área do PIC Ji-Paraná. Dissertação de Mestrado, Cuiabá, 2019.

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Movimentos migratórios no estado do espírito santo – 1986-1991. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120829_movimentosmigratoriosdoes_1986_1991.pdf> Acesso em: 03 de jun. de 2021.

GRANZOW, K. Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: colonos alemães no Brasil. Arquivo público do Espírito Santo. Coleção Canãa, v.10. Vitória, 2009.

GRUNEWALD, A. A Origem do Povo pomerano. Disponível em:<<http://www.pomerano.com/a-origem-do-povo-pomerano.html>>. Acesso em: 16 ago. 2011. Acesso em: 29 out. 2010.

HACKENHAAR, D. Vida e trajetória do povo pomerano: A imigração pomerana para o Brasil. Florianópolis: UFSC, 2018.

HAESBAERT, R. Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste. Niterói/RJ. Editora: EDUFF, 1997.

HEINEMANN, J. C. Ervas Medicinais. Disponível em: <http://www.pomeranos.com.br/ervas_med.php>. Acesso em: 10 ago. 2011.

HENRIQUES, M. H. F. T. A política de colonização dirigida no Brasil: um estudo de caso, Rondônia. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Geografia, 1984.

HOLZ, D. Da gênese à decadência: uma análise geográfica sobre as transformações da paisagem pomerana no córrego do Água Limpa. Monografia. Vitória: UFES, 2017.

HOLZ, D. Pomeranos capixabas na Amazônia: des(re)territorializações e migração, redes e identidade no estado de Rondônia (1967 – 2020). Projeto de mestrado. Vitória: UFES, 2018.

HOLZER, W. Sobre territórios e lugaridades. Rio de Janeiro: Revista Cidades, 2013. v. 10, n.17.

IBGE. História. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/historico>> Acesso em: 29 set. 2021.

JACOB, J. K. Cidades irmãs Pomeranas: Vila Pavão (ES) e Espigão do Oeste (RO). Nova Venécia: Ed. Cricaré. 2011.

JACOB, J. F. A Pomerânia brasileira: uma eterna migração. Vila Pavão: [s.n.], 2010.

LINK, R. Luteranos em Rondônia o processo migratório e o acompanhamento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (1967 – 1987). São Leopoldo/RS: Escola Superior de Teologia, 2004.

LUNDÉN, Thomas. Faz fronteira com a Pomerânia: definição de limites e transgressão demográfica em uma região geopoliticamente contestada. Disponível em: <<http://balticworlds.com/bordering-pomerania/>>. Acesso em 08 set. 2020.

MACHADO, I. J. R. Migração, deslocamentos e as franjas do parentesco. Revista de Antropologia da UFSCAR, 2014. 130-145.

MANSKE, C. M. R. Pomeranos no Espírito Santo: história de fé, educação e identidade. Vila Velha/ ES: GSA. 2015.

MARANDOLA JR., E.; DAL GALLO, P. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração., Rio de Janeiro: R. bras. Est. Pop. 2010. v. 27, n. 2, p. 407-424.

MARTINUZZO, J. A. Germânicos nas terras do Espírito Santo. Vitória/ES: Governo do Estado, 2009.

MENDES, C. M. A pesquisa on-line: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. Hipertextos, 2009. n. 2.

MONDARDO, M. L.; SAQUET, M. A. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. Revista NERA – ano 11, n. 13 – julho/dezembro de 2008 – ISSN: 1806-6755

MOREIRA, R. A formação espacial brasileira: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da geografia do Brasil. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2014.

MORMUL, N. M.; ROCHA, M. M. Reflexões sobre população à luz do pensamento geográfico. Maringá: Revista Percurso – NEMO, 2012. v. 4, n. 1, p. 135- 150, ISSN: 2177-3300.

MOSER, L. M; ERNESTO, E.S. A migração para Rondônia (Brasil) pós década de setenta: um olhar a partir dos estudos culturais. Anápolis: Rev. Hist. UEG, 2016.

NOBREGA, R. S. “Entra na roda”: história, cotidiano e mobilidades em Rondônia. Tese de doutorado. Campinas, 2016.

NORONHA, A. E. A reforma agrária na visão dos intelectuais na década de 1960. IX Encontro Estadual de História. ANPUH-RS, 2008. Disponível em: < http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212105369_ARQUIVO_ReformaAgrariaArtigoANPHUAn drius.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021.

OLIVEIRA M. Feira cultural pomerana acontece na próxima semana em Espigão d’Oeste, RO. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ro/cacoal-e-zona-da-mata/noticia/feira-cultural-pomerana-acontece-na-proxima-semana-em-espigao-doeste-ro.ghtml>> Acesso em 29 jul. 21.

PESSOA, M. S. Ontem e hoje: percurso linguístico dos pomeranos em Espigão D’Oeste-RO. Campinas/SP, 1995.

PITANO, S. C; ROMIG, K. L. K. A influência da cultura pomerana na transformação do espaço geográfico no extremo sul do Rio Grande do Sul. Revista Formação, 2018. V.25.

POLON, L. C. K. Elementos para a discussão da população em geografia. Faz Ciência, 2018. vol. 20, n. 31, p. 80-94.

RADUENZ, G; KLEMMANN, E; STRELOW, D; WERLING, C. Pomeranos pelos quatro cantos do Brasil. Disponível em< <http://www.testonoticias.com.br/pomeranos-pelos-quatro-cantos-do-brasil-1.2220496#.XtusvRMF2-h.whatsapp>> . Acesso em 06 jun. 2020.

RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática S. A, 1993.

REDE AMAZÔNICA. Pomeranos: Espigão D’Oeste mantém antiga tradição do povo europeu. Disponível em: < <https://g1.globo.com/ro/cacoal-e-zona-da-mata/noticia/2019/09/23/pomeranos-espigao-doeste-mantem-antiga-tradicao-do-povo-europeu.ghtml>> Acesso em: 29 Abr. 2021.

ROBAINA, I. M. M. O trabalho de campo como um lugar em processo: experiências de uma pesquisa geográfica com a população em situação de rua numa grande metrópole. GEOUSP Espaço E Tempo, 2018. Disponível em: <<file:///C:/Users/Guest/Documents/137916-Texto%20do%20artigo-296881-1-10-20180619.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2018.

- ROCHA, G. As fases da imigração no Espírito Santo. Vitória: [s. n.], 2000, p. 75-137.
- RÖLKE, H. Raízes da imigração alemã. Vitória: Arquivo Público do Espírito Santo, 2016. Coleção Canaã, v.23.
- RUA, J. Repensando a geografia da população. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/21753/15760>>. Acesso em: 29 set. 2021.
- SANTOS, T. R. S.; RICARTE, C. A. A.; CONCEIÇÃO, F. S. Rondônia - mutações de um território federal na Amazônia brasileira. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/11569>> Acesso em: 05 jun. 2021.
- SASAKI, E. M; ASSIS, G. O. Teorias das migrações internacionais. Caxambu: XII Encontro Nacional da ABEP, 2000.
- SEIBEL, I. Os pomeranos pelo mundo. In: O povo Pomerano no Brasil. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2016.
- SILVA, F. R. Marechal Rondon e a Trajetória de um Militar Sertanista na Primeira República Brasileira: Investigação sobre a Intervenção do Estado e o Processo Civilizador da População Indígena. Estudos Ibero Americanos. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/23277/15445>> Acesso em: 11 nov. 2021.
- SILVA, I. L. O.; PEREIRA, G. A. C.; MAPURUNGA, G. M. P. Pau de arara e o vai e vêm das romarias: um estudo etnográfico do transporte no município de Canidé – Ceará. Brasília: Cenário, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/15200/13511>> Acesso em: 29 jul. 2021.
- SILVA, R. G. C; DANDILINE, G. Conflitos agrários e acesso à terra em Rondônia. Rev. Direito e Práx. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rdp/a/TT7VnM3HmkgjGS7x8LQVSC/?lang=pt#>> Acesso em: 15 jun. 2021.
- SILVA, R. V.; FERNANDES, D. M. Geografia da população: origens e perspectivas. São Luiz/MA: XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, 2016. ISBN 978-85-99907-0-8.
- SOARES, W.; RODRIGUES, R. N. Redes sociais e conexões prováveis entre migrações internas e emigração internacional de brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 2005. v. 19, n. 3, p. 64-76.
- SPAMER, H. Imigração pomerana no Espírito Santo: território e identidades. Vitória: LHPL/UFES, 2013.
- TEIXEIRA, L. S. Dinâmicas territoriais em Rondônia: Conflitos fundiários entorno do Projeto Integrado de Colonização Sidney Girão (1970 - 2004). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 2015.

TRUZZI, O. Redes em processo migratório. São Paulo: Tempo Social revista de sociologia da USP, 2008. 20 v. n. 1.

VALE, A. L. F.; LIMA, L. C.; BONFIM, M. G. Século XX: 70 anos de migração interna no Brasil. Textos e Debates edição online. n. 7, 2004. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/1027/841>> Acesso em: 3 jun. 2021.

WESCHE, R. A moderna ocupação agrícola em Rondônia. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Geografia, 1978.

ANEXOS

ANEXO 1 – GUIA DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

REDES POMERANAS: MIGRAÇÕES DO ESPÍRITO SANTO PARA RONDÔNIA NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980.

* Este documento compõe o instrumento de análise que será aplicado individualmente junto a migrantes de origem pomerana do estado do Espírito Santo. Esta pesquisa de mestrado está sendo realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação da UFES.

Pesquisadora: Débora Holz.
Orientador: Dr. Igor Robaina

I – Dados iniciais:

- 1 – Data da pesquisa:
- 2 – Nome ou pseudônimo?
- 3 – Idade?
- 4 – Escolaridade?
- 5 – Localidade de Residência?
- 6 – Qual a localidade em que nasceu?

II – Dimensões da migração:

- 1 – Qual foram os lugares (municípios) que viveu no Espírito Santo iniciando pelo primeiro ao último?
- 2 – Quando emigrou do Espírito Santo você foi direto para Rondônia ou migrou para outros estados antes de chegar a Rondônia?
- 3 – Por que você decidiu deixar o Espírito Santo?
- 4 – Por que você tomou a decisão de ir para Rondônia? E em que ano migrou para Rondônia?
- 5 – E como foi essa migração (sozinho, em família, com amigos)? Como você fez e como foi essa viagem? E recursos para essa migração (foram pessoais, de familiares, do governo)? E os pertences (vieram para Rondônia, foram vendidos)?
- 6 – A igreja Luterana, outra instituição religiosa ou ainda outro tipo de instituição, grupos ou pessoas tiveram alguma influência/participação na decisão e apoio da sua migração para Rondônia?

7 – Como foram os primeiros anos em Rondônia? Passou alguma dificuldade? Você acredita que com o passar dos anos a vida em Rondônia melhorou?

8 – Por qual motivo permanece em Rondônia? Você sente vontade de retornar ao Espírito Santo?

9 – Desde quando chegou a Rondônia, você está em Espigão do Oeste ou já morou em outros municípios?

III – Dimensões das redes:

1 – Antes de migrar para Rondônia já conhecia pomeranos (ou outros grupos) que migraram e residiam em Rondônia?

2 – Havia alguma forma de contato e comunicação com essas pessoas? Elas te auxiliaram de algum modo para que você emigrasse para Rondônia?

3 – Você ajudou algum pomerano a migrar para o Rondônia? Caso positivo, como? Este era do Espírito Santo?

4 – Você mantém relações de amizade e convívio com as pessoas que migraram do ES para Rondônia aqui em Espigão do OESTE?

5 – Você mantém relações de amizade e convívio com os pomeranos que migraram para Rondônia?

6 – Você costuma visitar ou passar algum tempo no ES? Nos últimos dois anos, quantas vezes você foi ao ES? Motivo e/razão? Tempo de permanência?

7 – Você recebeu alguém do Espírito Santo em sua residência nos últimos 2 anos? Se sim, quem eram essas pessoas? Motivo e/razão? Tempo de permanência?

8 – Você fala a língua pomerana? Se sim, em quais lugares de Rondônia, em quais momentos, com qual frequência?

9 – Existe algum lugar de convívio Pomerano aqui em Espigão do Oeste, ou seja, que alguns pomeranos se encontram? Quais são estes lugares? Você e sua família os frequentam?

10 – As pessoas em Rondônia te identificam como capixaba ou não há esse tipo de distinção?

OBS:

- **Poderia me enviar alguma foto do período da migração?**
- **Poderia me indicar algum pomerano que migrou do Espírito Santo para entrevistar passando o contato?**

*Agradecemos a todos os participantes que nos cederam o seu tempo, suas memórias e relatos para que essa pesquisa acadêmica possa ser concretizada. Esta se constitui também de alguma forma como elemento para a preservação da cultura pomerana.